

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO

**A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA-PARTEIRA DO HOSPITAL  
MATERNIDADE PRÓ-MATRE DO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DE  
1928-1931: (DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

ELAINE FRANCO RIBEIRO FONSECA

Orientador: Dr. FERNANDO PORTO

Rio de Janeiro

2011

ELAINE FRANCO RIBEIRO FONSECA

**A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA-PARTEIRA DO HOSPITAL  
MATERNIDADE PRÓ-MATRE DO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DE  
1928-1931: (DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Rio de Janeiro

2011

F676 Fonseca, Elaine Franco Ribeiro.  
A imagem pública da enfermeira-parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro no período de 1928-1931 : (des)construção de uma identidade profissional / Elaine Franco Ribeiro Fonseca, 2011.  
103f. + CD-ROM

Orientador: Fernando Porto.  
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

1. Enfermagem – Brasil – História – 1928-1931. 2. Parteiras. 3. Imagem profissional. I. Porto, Fernando. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. III. Título.

CDD – 610.730981

**A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA-PARTEIRA DO HOSPITAL  
MATERNIDADE PRÓ-MATRE DO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DE  
1928-1931: (DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

ELAINE FRANCO RIBEIRO FONSECA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora como exigência do Curso de Mestrado em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em agosto de 2011.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

PRESIDENTE: Dr. Fernando Porto

---

1º EXAMINADOR: Dra. Jane Márcia Progianti

---

2º EXAMINADOR: Dr. Wellington Mendonça de Amorim

---

1º SUPLENTE: Dra. Donizete Vago Daher

---

2º SUPLENTE: Dra. Adriana Lemos

*“O fenômeno do poder caracteriza dois pólos importantes da sociedade histórica. De um lado aparecem as instituições, que se organizam e se mantêm através da estrutura de poder que nelas vige. De outro lado aparecem os movimentos de mudanças, marcados pela reação à opressão e que conservam a história sempre viva, irrequieta e criativa. Olhando de cima, trata-se de persistir porque busca-se manter os privilégios. Olhando de baixo, trata-se de mudar, porque se desejam os mesmos privilégios. E isto estabelece a identidade de contrários que se atraem e se repelem, na identidade do mesmo fenômeno, totalidade prenhe em constante tradição.”*

Pedro Demo (1987)

## ***AGRADECIMENTOS***

Aos meus pais, Samuel Pedro Ribeiro (*in memoriam*) e Wilma Franco Ribeiro, por terem me dado o incentivo e a oportunidade de chegar até aqui; por me ajudarem nas horas difíceis; por rirem comigo em momentos de alegria; enfim, por fazerem parte da minha vida.

Ao meu esposo, Henrique Costa Fonseca, que com muita paciência, incentivo e amor, soube me compreender e ajudar nos momentos em que necessitei.

À todos os meus parentes e amigos, que direta ou indiretamente, contribuíram em minha jornada.

Ao meu querido amigo e orientador Fernando Porto, pelo seu carinho, incentivo, paciência e boas idéias, imprescindíveis para a construção deste trabalho.

Aos professores integrantes do LAPHE, Wellington Mendonça de Amorim, Almerinda Moreira e Osnir Claudiano da Silva Júnior, pelo apoio e pelas dicas importantes na realização dessa pesquisa.

Aos professores que fizeram parte da Banca Examinadora, pela atenção e contribuições imprescindíveis na construção deste estudo.

Às minhas companheiras, mestrandas em História da Enfermagem, Mercedes Neto, Amanda Coury, Anna Karina Deslandes, Louise Vieira e Paula Leal, por me ajudarem na minha trajetória e por fazerem parte desta etapa da minha vida.

Às graduandas em enfermagem, Tainara Veraldo e Thaís Rodrigues, por me auxiliarem na busca e aplicação da matriz de análise fotográfica dos *fac-símiles* utilizados nesse estudo.

Muito obrigado a todos!

## ***DEDICATÓRIA***

*Dedico esse estudo à todas as parteiras e enfermeiras obstétricas...*

## RESUMO

FONSECA, Elaine Franco Ribeiro. A imagem pública da Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro no período de 1928-1931: (des)construção de uma identidade profissional – Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2011. 103p.

Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica que tem como objeto o efeito simbólico da imagem pública da Enfermeira-Parteira, na imprensa ilustrada, por meio das representações objetais, nos ritos institucionais do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1928 e 1931. Os objetivos traçados foram: caracterizar o Hospital Maternidade Pró-Matre como *locus* de formação de Enfermeiras-Parteiras; analisar as representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras formadas pelo Hospital Maternidade Pró-Matre; e discutir a produção do efeito simbólico na (des)construção da imagem pública da Enfermeira-Parteira. O foco de análise foram, oito *fac-símiles* publicadas na Revista da Semana, além dos documentos escritos localizados em bibliotecas, centros de documentação e acervos documentais da cidade do Rio de Janeiro. Como referencial teórico foram adotadas noções à luz do pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu, evidenciando relações de dominação e de legitimação profissional. A discussão do estudo ocorreu através de três capítulos: Os Movimentos Sociais e a Criação do Hospital Maternidade Pró-Matre; A imagem pública da Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre na Revista da Semana; e Imagens e Representações Objetais. Decifrar os códigos permite a construção da identidade profissional, contribuindo para a correlação da imagem pública da enfermeira com a parteira.

**Descritores:** História da Enfermagem; Imagem; Parteira.



## ABSTRACT

FONSECA, Elaine Franco Ribeiro. The public image of the nurse midwife of the Maternity Hospital Pró-Matre of Rio de Janeiro, in the period of 1928-1931: (un)building of a professional identity – Thesis (Master's degree in Nursing). Center for Biological and Health Sciences, Federal University of Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2011. 103p.

It is a study in the historical-semiotic perspective that has as object the symbolic effect of the public image of Nurse-Midwife, in the illustrated press, through object representations, in the institutional rites of the Maternity Hospital Pró-Matre of Rio de Janeiro, in the period between 1928 and 1931. The planned objectives were: to characterize the Maternity Hospital Pró-Matre as the formation's *locus* of Nurse-Midwives; to analyse the object representations displayed by Nurse-Midwives formed by the Maternity Hospital Pró-Matre; and discuss the production of the symbolic effect in (un)building of the public image of Nurse-Midwife. The focus of the analysis were eight *fac-símiles* published in the Revista da Semana, in addition to written documents found in libraries, documentation centers and documentary collections located in the city of Rio de Janeiro. As a theoretical were taken as the basis notions of the sociologist Pierre Bourdieu, showing relations of domination and professional legitimation. The discussion of the study took place over three chapters: Social Movements and the Creation of the Maternity Hospital Pró-Matre; The public image of Nurse-Midwife of the Maternity Hospital Pró-Matre in the Revista da Semana; Images and object representations. Deciphering the codes allows the construction of professional identity, contributing to the correlation of the public image of the nurse with the midwife.

**Descriptors:** Nursing History; Image; Midwife

## RESUMEN

FONSECA, Elaine Ribeiro Franco. La imagen pública de la Enfermera-Parteira del Hospital Maternidad Pró-Matre de Rio de Janeiro en el período de 1928-1931: (de)construcción de una identidad profesional - Tesis (Maestría en Enfermería). Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud, Universidad del Estado de Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro. 2011. 103p.

Es un estudio en la perspectiva histórico-semiótica que tiene como objeto el efecto simbólico de la imagen pública de la Enfermera-Partera, en la prensa ilustrada, a través de las representaciones objetais em los ritos institucionales del Hospital Maternidad Pró-Matre de Rio de Janeiro, en el período entre 1928 y 1931. Los objetivos trazados fueron: caracterizar el Hospital Maternidad Pró-Matre como *locus* de formación de Enfermeras-Parteras; analizar las representaciones objetais cargadas por las Enfermeras-Parteras formadas por el Hospital Maternidad Pró-Matre; y discutir la producción del efecto simbólico em la (de)construcción de la imagen pública de la Enfermera-Partera. El foco de análisis fueram, ocho *fac-símiles* publicados en la Revista da Semana, además de los documentos escritos que se encuentran en bibliotecas, centros de documentación y fondos documentales de la ciudad de Rio de Janeiro. Como referencia teórica fueron adoptadas nociones a la luz del pensamiento del sociólogo Pierre Bourdieu, que muestra las relaciones de dominación y legitimación profesional. La discusión del estudio se produjo en tres capítulos: Los Movimientos Sociales y la Creación del Hospital Maternidad Pró-Matre; La imagen pública de la Enfermera-Partera del Hospital Maternidad Pró-Matre en la Revista da Semana; Imágenes y Representaciones Objetais. Descifrar los códigos permite la construcción de la identidad profesional, contribuyendo para la correlación de la imagen pública da enfermeira com la partera.

**Descriptores:** Historia de Enfermería; Imagen; Partera.

## **SUMÁRIO DE FAC-SÍMILES**

<i>Fac-símile A – Perspectiva do Hospital Maternidade Pró-Matre e seus acréscimos.....</i>	<i>43</i>
<i>Fac-símile B – Inauguração da Capela do Hospital Maternidade Pró-Matre.....</i>	<i>46</i>
<i>Fac-símile C – Cartaz de propaganda da Revista da Semana.....</i>	<i>51</i>
<i>Fac-símile n.1 – As novas diplomadas do Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>53</i>
<i>Fac-símile n.2 – Missa votiva entre as novas enfermeiras do Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>55</i>
<i>Fac-símile n.3 – Inauguração da sala de partos do Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>57</i>
<i>Fac-símile n.4 – Entrega de diplomas às novas enfermeiras do Hospital Maternidade Pró-Matre ..</i>	<i>60</i>
<i>Fac-símile n.5 – As novas parteiras diplomadas pelo Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>62</i>
<i>Fac-símile n.6 – Entrega de diplomas de enfermeira especializada do Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>64</i>
<i>Fac-símile n.7 – Mesa de cerimônia de entrega de diplomas do Hospital Maternidade Pró-Matre ..</i>	<i>66</i>
<i>Fac-símile n.8 – Grupo de enfermeiras diplomadas do Hospital Maternidade Pró-Matre .....</i>	<i>67</i>
<i>Fac-símile D – Entrega de diplomas às alunas da Cruz Vermelha Brasileira .....</i>	<i>77</i>

## **SUMÁRIO DE QUADROS DEMONSTRATIVOS**

<i>Quadro demonstrativo n.1 – As imagens e as representações objetais .....</i>	<i>69</i>
<i>Quadro demonstrativo n.2 – Os efeitos concretos e simbólicos das representações objetais.....</i>	<i>89</i>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Objeto e suas delimitações .....	12
Motivação.....	12
O problema de pesquisa .....	14
Objetivos .....	22
Justificativa e Relevância .....	22
ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS.....	24
Tipo de Estudo e Documentos .....	24
Análise das imagens e validação .....	27
Aspecto Legal dos Direitos Autorais .....	30
Noções de Base .....	31
CAPÍTULO 1 – <i>Os Movimentos Sociais e a Criação do Hospital Maternidade Pró-Matre</i> ..	33
Mulheres em cena .....	33
Ensino.....	38
Hospital Maternidade Pró-Matre.....	40
CAPÍTULO 2 – <i>A imagem pública da Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre na Revista da Semana</i> .....	49
Revista da Semana .....	49
Enfermeira-Parteira na Revista da Semana – o rito institucional de formação .....	52
Luz sobre os fac-símiles .....	69
CAPÍTULO 3 – <i>Imagens e Representações Objetais</i> .....	72
A construção da identidade através da moda .....	72
Representações objetais ostentadas pela Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre..	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
REFERÊNCIAS .....	93
ANEXO 1 .....	103

## INTRODUÇÃO

### *Objeto e suas delimitações*

O **objeto** de estudo refere-se ao efeito simbólico da imagem pública da Enfermeira-Parteira, na imprensa ilustrada, por meio das representações objetivas nos ritos institucionais do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro.

A **delimitação temporal** tem seu marco em imagens veiculadas na imprensa ilustrada, sendo o inicial em 1928, com a formatura das novas diplomadas do Hospital Maternidade Pró-Matre e o final, em 1931, com a formatura das novas Enfermeiras-Parteiras do curso da instituição.

A **delimitação geográfica** do estudo foi o Rio de Janeiro, então capital nacional. À época, no Distrito Federal, algumas instituições de ensino formavam enfermeiras, a saber:

- Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, criada em 1890, que em 1921 foi desdobrada em três seções: masculina, mista e feminina. A última seção era denominada Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, atualmente intitulada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

- Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira - Órgão Central - criada em 1916, que, após a reforma universitária, na década de 1960 passou a formar auxiliares e técnicos de Enfermagem e, atualmente, mantém-se na formação de técnicos de Enfermagem.

- Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo – criado em 1917, que tinha como proposta inicial a formação de um corpo de saúde para atuação na I Guerra Mundial.

- Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, criada em 1923, durante a Reforma Sanitária liderada por Carlos Chagas, que em 1926 passou a denominar-se Escola de Enfermeiras Donna Anna Nery, atualmente intitulada Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A **delimitação institucional** deu-se no Hospital Maternidade Pró-Matre, por ele possuir o curso de formação de Enfermeira-Parteira, em meio ao cenário em que a enfermagem vinha ganhando força.

A **motivação** para realização desse tema deveu-se à minha participação no Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, desde o início de 2009; bem como à prática profissional como Acadêmica Bolsista do Município do Rio de Janeiro no Hospital

Maternidade Carmela Dutra; como Enfermeira Residente do Hospital Naval Marcílio Dias na área Materno-infantil, Especialização em Neonatologia e nos tempos atuais como enfermeira da Maternidade do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, onde exerce a função de Chefia de Setor.

Nos hospitais por onde passei pude perceber que ainda havia uma soberania médica, quando se trata da área obstétrica, e que as enfermeiras obstetras, aparentavam laços estreitos com as parteiras, quando se trata da arte de partejar.

Ademais, a motivação ocorreu em virtude de um estudo exploratório realizado no arquivo pessoal do Dr. Fernando Porto, oriundo de suas buscas durante a fase de doutoramento, quando tive acesso às imagens sobre o curso de Enfermeira-Parteira diplomada promovido pelo Hospital Maternidade Pró-Matre, Rio de Janeiro, veiculadas na imprensa ilustrada.

As imagens identificadas foram oito<sup>1</sup> da Revista da Semana<sup>2</sup>, referentes aos ritos institucionais ligados à formatura de Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre. Essas imagens à primeira vista deixaram transparecer serem enfermeiras pelos atributos pessoais ostentados em seus corpos.

Os atributos são, em geral, uniforme composto por véu embutido, gorro<sup>3</sup> com símbolo de cruz na frente, que o enfermeiro, pós-doutor em História da Enfermagem, Fernando Porto (2007b), descreveu e analisou em sua tese de doutorado “Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)” como elementos simbólicos para a construção da imagem da enfermeira nos anos de 1919 a 1925, em especial, desses atributos pessoais das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Porto (2007b) ressalta que os elementos simbólicos ostentados nos corpos das enfermeiras são como assinatura imagética que cada escola de enfermagem marcava nas agentes sociais de cada instituição.

A professora doutora em história social, Ana Maria Mauad de Souza Andrade (1990), trouxe em sua tese de doutorado intitulada “Sob o signo da imagem a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX”, quando, através da fotografia é lançada aos pesquisadores uma série de desafios, uma vez que, seus elementos (homens e signos) interagem na

---

<sup>1</sup> Este número de imagens refere-se a todas as encontradas no período de 1928-1931, referentes aos ritos de formatura das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre.

<sup>2</sup> Primeira revista brasileira a veicular fotografias em suas páginas.

<sup>3</sup> No presente estudo, o gorro pode aparecer durante o texto como sinônimo de touca (nota da autora).

composição da realidade. Ela também é a marca cultural de uma época, pois nos remete ao passado, trazendo-o à tona, revelando um tempo e espaço que fazem sentido. Dessa forma, percebe-se que a fotografia não é uma imagem retida no tempo, mas sim uma imagem que se processa através do tempo.

Neste sentido, as fotos são capazes de preencher lacunas das imagens mentais do passado, porém elas não se resumem em ser apenas o registro do passado, mas sim um novo modo de lidar com o presente. Elas transmitem um aprisionamento da realidade, uma tentativa de possuir a realidade vivida nas imagens (SONTAG, 2004).

Na virada do século XIX os médicos brasileiros discutiram sobre a necessidade da criação de cursos que formasse pessoal que a eles estivessem subordinados, ou seja, enfermeiras e enfermeiros. O intuito, com isso, era que esses profissionais pudessem substituí-los em algumas de suas tarefas, tais como: atendimento clínico e cirúrgico, em domicílio, hospitais, asilos, hospícios e campanhas de saneamento organizadas pelo governo (MOTT & TSUNECIRO, 2002).

Mediante o exposto, associado ao meu interesse em virtude da minha atuação no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, o envolvimento acadêmico no Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; a trajetória na área materno-infantil e o despertar em imagens pelos estudos realizados na História da Enfermagem entendo ter sido o momento de me debruçar nos documentos imagéticos do arquivo pessoal do Dr. Fernando Porto, bem como na literatura de aproximação com o objeto de estudo, por meio do projeto matriz de pesquisa “A imagem pública da enfermeira brasileira”.

### ***O problema de pesquisa***

A construção do problema de estudo se baseou em alguns resultados de análises já divulgadas por pesquisadores em história na área da saúde. Para tanto, inicia-se a problematização, reportando à pesquisa da historiadora, pós-doutora em História Social e pesquisadora do Instituto Butantan, Maria Lúcia Barros Mott<sup>4</sup> (1999a) que afirma em seu estudo “A parteira ignorante: um erro de diagnóstico médico?” que, a imagem da parteira esteve ligada à imagem de mulher ignorante, analfabeta, sem moral, responsável por várias mortes, tanto de mães quanto de bebês, devido à falta de qualificação profissional. Isso se

---

<sup>4</sup> Falecida em 26 de junho de 2011, devido a um câncer de pulmão (BERTONI, 2011).

encontra registrado não apenas na literatura médica brasileira do século XIX, bem como na de vários outros países, tendo sido inclusive algumas vezes cristalizada por sociólogos e historiadores do século XX.

Pode-se perceber nesta fala a desqualificação da imagem feminina para fortalecer a masculina, ou seja, o processo de dominação masculina abordado por Bourdieu (2003) em seus estudos. Além disto, este fato permeia discussões acerca do processo de medicalização, ou seja, sobre o fenômeno da transformação da doença em negócio. Antes o parto era considerado como algo natural, passando posteriormente a ser visto como doença e a ser feito em meio hospitalar.

Em outro estudo - “Fiscalização e formação das parteiras em São Paulo (1880-1920)”, Mott (2001) revelou que na virada do século XIX para o XX:

já se podia perceber que a associação entre parteiras e enfermeiras torna-se mais frequente, não ocorrendo apenas em alguns cursos para formação profissional, (...), mas também no cotidiano do trabalho. Passara a existir a expectativa de que a parteira fosse também enfermeira. Na hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, por exemplo, havia o cargo de <<parteira-enfermeira>>, que, aliás, foi extinto em 1899, quando o serviço de partos ficou a cargo do médico e foi criado o cargo de enfermeira. Outro sinal de novos tempos: as parteiras pouco a pouco viram suas antigas atribuições apropriadas, em parte, pelo exercício da Obstetrícia pelos médicos, em parte, pelas enfermeiras, devido, entre outras razões, à crescente importância da medicina Preventiva e às modificações e ampliações dos serviços de saúde, tais como a criação de hospitais, maternidades e centros de saúde.

Nesse fragmento, pode-se observar certo *nexus* entre parteiras e enfermeiras no sentido das práticas do cuidar da mulher no período gravídico-puerperal, o que leva a considerar certa aproximação, também, entre as imagens veiculadas na imprensa ilustrada pelos atributos pessoais ostentados. A associação de gênero deu-se também pela proximidade de capital cultural. Havia a intenção de transformar as parteiras em enfermeiras, no contexto da medicalização, pois, as parteiras foram manipuladas como instrumento na luta pelo ensino da enfermagem. As próprias feministas auxiliaram no movimento de medicalização, à medida que apoiavam o parto hospitalar.

A enfermeira e professora Gloria Gallego-Caminero e colaboradores (2005, p.603 e 606) no artigo “Las parteras y/o comadronas del siglo XVI: El manual de Damiá Carbó” expôs que profissão de parteira foi uma das primeiras na área da saúde a exigir uma formação teórica-prática no cenário mundial. A partir de 1448 podem ser encontradas referências legais sobre a arte de partejar na Espanha. “El primer intento general de regular la formación de las matronas fueron los exámenes de parteras que de forma ininterrumpida realizó el Real



Tribunal del Protomedicato, establecido por los Reyes Católicos a finales del siglo XV”<sup>5</sup>. Além disso, naquela época as parteiras gozavam de prestígio, e os médicos se aproveitavam da experiência que elas tinham para se autopromover.

De acordo com estudo de Dilce Rizzo Jorge (1975) em sua tese de livre-docência em enfermagem – “Evolução da Legislação Federal do Ensino e do Exercício Profissional da Obstetrix (parteira) no Brasil” – com delimitação temporal entre os anos de 1832 e 1949, a legislação federal das parteiras teve início muito antes da das enfermeiras, sendo considerada no Brasil uma das mais antigas profissões. A legislação remonta o ano de 1521, sendo concedida às pessoas desejosas em exercer a arte de partejar, uma “carta de examinação”. Porém, o primeiro documento legal sobre o ensino das parteiras se refere ao ano de 1832, quando foram criadas as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, onde eram oferecidos os Cursos de Farmácia e de Partos.

No periódico Archivos de Hygiene foi publicado o artigo “Inquérito clínico sobre a mortinatalidade no Rio de Janeiro; meios de corrigi-la” pelo inspetor sanitário do DNSP, o Dr Clovis Corrêa da Costa (1930). Neste trabalho, percebe-se com nitidez uma “campanha” contra as curiosas<sup>6</sup> e a favor das parteiras diplomadas e dos médicos obstetras. As curiosas foram associadas como fator de mortinatalidade e, ainda, que a atuação prestada por elas fosse completamente nula e meramente contemplativa.

Se, por um lado, havia regulamentação para o ensino, o trabalho de Joaquim Cândido Soares Meireles (1828) – “Observações do projeto do Sr. Deputado Lino Coutinho acerca das Escolas de Medicina” ressaltou a importância da formação de parteiras, indo contra ao projeto elaborado, em 1827, pelo médico e deputado Lino Coutinho, acerca da reforma das academias médico-cirúrgicas. Meireles acreditava que as mulheres sem experiência estavam atuando como parteiras devido à falta de parteiras hábeis, tornando-se desastroso, tendo em vista a alta taxa de mortalidade dos recém-natos (MOTT, 1999b).

Ocorreu então, a partir daí, a desqualificação do trabalho das parteiras, que passavam a ser acusadas de charlatães, ignorantes e inaptas.

Na prática da Obstetrícia, a primeira Instituição a prestar socorro especializado no Rio de Janeiro, ocorreu em 1830, quando a Santa Casa de Misericórdia contratou a parteira

---

<sup>5</sup> Tradução da autora: “A primeira tentativa geral de regulamentar a formação de parteiras foram os exames de parteiras que se realizou de forma ininterrupta pelo Real Tribunal de Promedicato, estabelecido pelos reis católicos no final do século XV”.

<sup>6</sup> Mulheres sem nenhum preparo acadêmico-científico, que atuavam fazendo partos através de experiências que lhes eram passadas, geralmente por membros de sua família (nota da autora).

francesa Stephanie Marie Warmont. Em 1847, José Clemente Pereira<sup>7</sup> criou uma enfermaria específica para partos, a qual mais tarde ficou conhecida como Maternidade de Santa Casa (ROHDEN, 2006).

Ressalta-se que em 1832, em conformidade com a Lei de 3 de outubro, foram criadas as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, onde foi estabelecida a organização de um Curso para Formação de Parteiras, em que eram admitidas somente alunas do sexo feminino (MOTT, 1999b).

A historiadora, teóloga feminista e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Ilze Zirbel (2008), em seu estudo “O fim de uma prática e o início de outra: substituindo parteiras por um sistema médico-hospitalar”, reiterou aquela afirmação quando relatou que havia rigidez nos espaços de poder à medida que se observava a exclusão das mulheres do Curso de Medicina e a exclusão masculina do Curso de Parteiras. Neste sentido, cada qual tinha seu papel na sociedade, sendo assim, nenhum dos dois lados poderia ser ultrapassado.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1832, foi criado o Curso de Partos, que era realizado em três anos. Nesse curso se formou a mais célebre das Parteiras do Brasil, Maria Josefina Matilde Durocher, a Madame Durocher<sup>8</sup> (PORTO & CARDOSO, 2009).

No atendimento às suas pacientes ela adotava um estilo masculino de se vestir, como casaca, gravata em laço e cartola, uma vez que esse estilo era mais cômodo e mais decente. Alegava também que a aderência aos símbolos masculinos inspirava mais confiança às mulheres, e não era confundida à noite com as prostitutas (PORTO & CARDOSO, 2009).

Destarte, Madame Durocher se rendeu à dominação do modelo médico, modelo este reconhecido na Academia Nacional de Medicina, tornando-se um instrumento da dominação masculina.

Dois episódios descritos por Ward (1981) e Kobrin (1966), envolvendo parteiras marcaram a disputa pela hegemonia no campo da assistência ao parto. Isso teve uma grande repercussão nos atuais modelos de atenção ao parto. Um deles, em que houve a incorporação

---

<sup>7</sup> Político luso-brasileiro. Conhecido como José Pequeno. Nasceu em 1787 e faleceu em 1854. Liderou as manifestações populares do Dia do Fico. Foi deputado geral, ministro dos Estrangeiros, ministro da Justiça, ministro da Guerra, Conselheiro de Estado, ministro da Fazenda e senador do Império do Brasil de 1842 a 1854. Provedor da Santa Casa de Misericórdia (JORNAL DO BRASIL, 1930).

<sup>8</sup> Nasceu em Paris, no ano de 1809, veio pra o Brasil - Rio de Janeiro - aos sete anos. Após a morte de sua mãe, florista, Ana Durocher, em 1828, passou a comandar a loja da família. Somente três anos depois do assassinato de seu companheiro, Pedro David, negociante francês, Maria Josefina matriculou-se no Curso de Partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Madame Durocher foi primeira parteira a receber licença pra exercer o ofício no país. Ela atendia a escravas e princesas. Em 1866 se tornou a parteira da Casa Imperial, e em 1871 participou do nascimento da Princesa Leopoldina, filha de D. Pedro II (ALBUQUERQUE, 2009).

do trabalho das parteiras no sistema de saúde oficial, na Inglaterra. Este culminou com a aprovação da lei das parteiras, o *Midwives' Act*, ocorrido no ano de 1902. Essa lei criou um órgão regulador – o *Central Midwives Board* – que elaborou regras para o exercício da profissão, e dentre as mais importantes estava que “em todas as situações de anormalidade os médicos deveriam ser solicitados”. Outro episódio aconteceu nos Estados Unidos da América, conduzindo a transformação do trabalho das parteiras em uma prática fora da lei. A estratégia utilizada foi a de responsabilizá-las pelas elevadas taxas de mortalidade materna e perinatal do início do século XX. Este ficou conhecido como *midwife problem* (OSAWA, RIESCO & TSUNECHIRO, 2006).

Com o surgimento da enfermagem moderna, a profissão de parteira começou a entrar em declínio. Ao contrário, a profissão de enfermeira começou a ganhar o respeito da classe média inglesa. Isso se deu em parte pela publicidade dos trabalhos de Florence Nightingale após Guerra da Criméia (1854-1856). Enquanto isso, nos Estados Unidos da América iniciou-se pelos médicos a campanha contra os charlatães, incluindo-se nesse grupo as parteiras (OSAWA, RIESCO & TSUNECHIRO, 2006).

Em dezembro de 1918, nos Estados Unidos da América foi promovida pela Fundação Rockefeller<sup>9</sup> uma conferência para discussão a respeito do desenvolvimento da enfermagem de saúde pública. Como resultado dessa discussão foi criado, em janeiro de 1919, o Comitê para o Estudo da Educação em Enfermagem de Saúde Pública. Em fevereiro de 1920 foi realizada uma segunda conferência de educação em enfermagem, na qual foi modificado o foco de enfermagem de saúde pública para uma abordagem geral da educação em enfermagem. A partir daí, em 1923 foi elaborado o relatório denominado *Nursing and Nursing Education in United States*, mas conhecido como Relatório Goldmark (SILVA JÚNIOR, 2003).

O Relatório Goldmark abrangeu diversos temas, tendo como ponto culminante o incentivo à melhoria do ensino da enfermagem, à medida que analisava criticamente a educação em enfermagem (FREIRE *et al*, 2007).

No final do século XIX a exclusão de forma gradativa das parteiras pelo poderio médico ocorreu, uma vez que surgiram as primeiras maternidades e com isso a institucionalização do parto hospitalar, em detrimento ao domiciliar, a partir de 1930 (ACKER *et al*, 2006).

---

<sup>9</sup> A Fundação Rockefeller foi criada em 1913, nos Estados Unidos da América para promover o estímulo à saúde pública, o ensino, a pesquisa biomédica e as ciências naturais. Instituição beneficente, não governamental, utilizava seus próprios recursos para promover o bem-estar social (FARIA, 2007).

Pode-se observar com isso o movimento contrário à Saúde Pública, uma vez que parteiras e obstetras foram para os hospitais e demais médicos para as casas das pessoas. De acordo com Riesco & Tsuneshiro (2002), com a criação das maternidades, as parteiras diplomadas foram aproveitadas nesses estabelecimentos, passando a atuar de forma subordinada à autoridade médica.

No início do século XX era muito pouco provável a aliança entre parteiras tradicionais e enfermeiras. Sendo assim, as enfermeiras oriundas das Escolas de Enfermagem, se aliaram aos médicos contra o charlatanismo. Nessa aliança, os médicos garantiram o controle da prática de enfermagem e receberam auxílio para eliminar parteiras e curandeiros (OSAWA, RIESCO & TSUNECHIRO, 2006).

O enfermeiro doutor e professor de enfermagem Marcelo Medeiros (1999), baseado nos trabalhos da professora doutora em educação Raimunda Medeiros Germano (1993) – “Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil” – e da professora de enfermagem Josicelia Dumêt Fernandes (1975) – “O Ensino de Enfermagem e de Enfermagem Psiquiátrica no Brasil”, afirmou que, desde a colonização até o início do século XX, a Enfermagem era exercida em bases puramente empíricas<sup>10</sup>, uma vez que tinha cunho essencialmente prático. Devido a isso, a exigência de nível de escolarização não era um requisito importante para o exercício das funções de enfermeiro (MEDEIROS, TIPPLE e MUNARI, 1999).

Porém, no que se refere à enfermagem ser exercida em bases puramente empíricas no início do século XX, discordo do autor, pois em 1890, fins do século XIX, foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

No que diz respeito aos aspectos legais para o ensino das parteiras, a legislação do ensino de parteiras estava contida na legislação do ensino da Medicina (JORGE, 1975).

Nessa perspectiva, Maria Alice Tsuneshiro (1987) em seu estudo “A formação da enfermeira obstétrica no Estado de São Paulo”, mostrou que o Decreto nº 3.902 de 12/01/1901 regulamentava o Curso de Obstetrícia, no qual se legitimava o diploma de Parteira. Alguns anos após, em 13/01/1925 foi publicado o Decreto nº 16.782-A para o Curso Enfermeiras das Maternidades, que conferia o Título de Enfermeira-Parteira. Em 28/12/1931, com o Decreto nº 20.865 o curso passou a se chamar Curso de Enfermagem Obstétrica, no qual se obtinha certificado de Enfermeira Obstétrica (RIESCO, TSUNECHIRO & BONADIO, 2000). Esses decretos supracitados eram decretos federais, de aplicação em todo

---

<sup>10</sup> O Empirismo é uma doutrina ou teoria do conhecimento segundo a qual todo conhecimento humano deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna (JAPIASSÚ, 2005).

território nacional. Observa-se que a luta do ato de partejar se dava no plano legal, o que nem sempre aconteceu com a prática da enfermagem.

O Decreto nº 3.902/1901 aprovava o regulamento das Faculdades de Medicina. Em seu Capítulo III - Cursos das Faculdades, Secção III - Curso de Obstetrícia, Art.23 fala que “A’s alumnas aprovadas nesses dous anos de estudo será conferido o diploma de parteira”. No Capítulo IV – Dos Auxiliares do Ensino, Secção IV – Da parteira, Art.39 – Parágrafo único dispõe que “À parteira cumpre executar os serviços profissionais que lhe forem determinados pelo lente e pelo assistente de clinica obstétrica e gynecologica” (BRASIL, 1902).

O Decreto nº 16.782-A/1925 que estabeleceu o concurso da União para a difusão do ensino primário, organizava o Departamento Nacional do Ensino, reformou o ensino secundário e o superior e deu outras providências. No Capítulo VIII – Da organização do ensino secundário e do superior, Secção Sexta – Dos cursos de Medicina, Pharmacia e Odontologia, Art.133 dispõe que “Fica suprimido o actual curso de parteiras e creado um curso para as enfermeiras das maternidades anexas às Faculdades de Medicina”, e, ainda, em Parágrafo único registra que “Este curso será regulamentado no regimento interno das mesmas Faculdades”. Nos Anexos deste decreto foi colocada a Tabela B, que expõe sobre a Taxa devida nos estabelecimentos de Ensino Superior. Dentro desta tabela cita-se a taxa de título de Enfermeira-Parteira, donde se conclui ser esta a titulação recebida após término do curso de enfermeiras das maternidades (BRASIL, 1926).

No Decreto nº 16.782-A/1925, pode-se perceber uma confusão de denominações entre as classes parteiras e enfermeiras. Nessa época, conforme anteriormente mencionado, já existiam cursos de Enfermeiras Diplomadas, porém o curso que conferia o título de Enfermeira-Parteira também era denominado de Curso de Enfermeiras das Maternidades. A discussão desse trabalho (1928-1931) está inserida meio a este cenário em que o decreto vigorou - 1925 a 1931.

O Decreto nº 20.865/1931 aprovou os regulamentos da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica e da Escola de Minas. Em seu Título VII – Das escolas e dos cursos anexas á Faculdade de Medicina, Capitulo V – Curso de Enfermagem Obstétrica, Art.211 cita que “Anexo à cadeira de clínica obstétrica será organizado, na Faculdade de Medicina, o ‘curso de enfermagem obstétrica’, destinado à habilitação de enfermeiras especializadas” e o Art.214 dispõe que “A habilitação final no curso de enfermagem obstétrica confere o certificado de ‘enfermeira obstétrica’, e os direitos discriminados no regulamento do Departamento

Nacional de Saúde Pública” (BRASIL, 1932). Esse decreto sinalizou o fim dos cursos de formação de parteiras.

Este curso de Enfermagem Obstétrica tinha a duração de dois anos, e nele foi incluída, pela primeira vez, a disciplina da prática de enfermagem. No entanto, a modificação ocorrida através desse decreto foi no título das formandas, que passaram à titulação de Enfermeiras Obstétricas. A partir daí foram criados cursos em diversas faculdades do país, e no ano de 1936, se tinha nove cursos de Enfermagem Obstétrica (JORGE, 1975).

Conforme a tese de doutorado da enfermeira Jane Márcia Progianti (2001) - "Parteiras, médicos e enfermeiras: a disputada arte de partejar (Rio de Janeiro - 1934/1951)", ocorreu uma desvalorização profissional a partir do momento que foi modificada a denominação de parteira para enfermeira obstétrica. Isto se deu devido à inadequação da designação a uma área de domínio do saber já legitimada. Porém, esse título permitia que as parteiras atuassem tanto na enfermagem, como na obstetria, gerando confusões na organização do trabalho das maternidades.

No início do século XX alguns hospitais especializados na área materno-infantil foram inaugurados; como exemplo, tem-se a inauguração, em 1904, da Maternidade Escola do Rio de Janeiro, que em 1918, sob a direção do professor Fernando Magalhães foi entregue através de doação<sup>11</sup> à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (BRASIL, 2011). Nesse mesmo ano foi inaugurado o Hospital Maternidade Pró-Matre (RODHEN, 2006).

Esse cenário permitiu a observação de que parteiras, médicos e enfermeiras, diplomados, eram detentores de capitais culturais distintos, o que os faziam ter diferentes posições no campo e estarem envolvidos em uma luta simbólica para que fosse imposta uma visão do mundo social conforme o interesse de cada classe (PROGIANTI, 2001).

O campo é uma estrutura que deve ser pensada de forma relacional. Ele é um recorte do espaço social que pressupõe ideia de confronto. Ao se pensar em campo deve-se entender que ele tem sua história, suas próprias regras, princípios e hierarquias (BOURDIEU, 2010).

A luta simbólica é uma forma de classificação que converge para a definição da identidade, ou seja, uma relação de forças materiais e simbólicas entre os envolvidos que tem como estratégia arbitrária a imposição (BOURDIEU, 1998).

Desta forma, o problema de pesquisa reside na concorrência da identidade profissional entre parteiras e enfermeiras, fazendo gerar situações confusas entre a construção das duas profissões.

---

<sup>11</sup> Doação aqui pode ter significado de troca. Provavelmente a doação ocorreu em troca de algum interesse político, como, por exemplo, conseguir mais votos (nota da autora).

Para tanto, teve como proposta os **objetivos** de:

- Caracterizar o Hospital Maternidade Pró-Matre como *locus* de formação de Enfermeiras-Parteiras;
- Analisar as representações objetais, ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras formadas pelo Hospital Maternidade Pró-Matre;
- Discutir a produção do efeito simbólico na (des)construção da imagem pública da Enfermeira-Parteira.

### ***Justificativa e Relevância***

Esta pesquisa se justifica pelo fato de carecerem registros acerca da formação de Enfermeira-Parteira no Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro, e torna-se importante, ao resgatar e fortalecer a identidade da Instituição, quase centenária, que remete à origem da Enfermagem Obstétrica no Brasil.

Trata-se também de uma pesquisa relevante pelo fato de que, no início do século XX, ocorreram importantes transformações políticas no Brasil, modificando a história das profissões da área da saúde, entre elas a Enfermagem e Parteiras.

Deste modo, espero que o estudo possa elucidar acerca da trajetória das parteiras através das representações objetais e ritos institucionais, por meio dos *fac-símiles* analisados, e com isso compreender sobre a formação da imagem da enfermeira na sociedade brasileira, que muito tem a ver com fatos ocorridos nos séculos passados.

Além disto, o estudo tem a proposta de refletir, criticamente, sobre a história da aproximação da imagem da parteira com a da enfermeira, no decorrer do final dos anos de 1920 e início de 1930 e fortalecer as pesquisas de História de Enfermagem Obstétrica, contribuindo para um melhor entendimento do processo de construção da imagem da enfermeira.

No que tange a área acadêmica, a pesquisa pretende permitir aos alunos de graduação e pós-graduação, uma leitura mais leve e dinâmica, proporcionando fontes e subsídios para o aprimoramento do ensino da História de Enfermagem. Ademais, possibilita na área da pesquisa, o aprofundamento sobre a origem da nossa profissão e a dessacralização de alguns mitos, uma vez que, traz um resgate, de certo ponto de vista, do processo de construção da História da Enfermagem Obstétrica e da História da Enfermagem Brasileira.

O intuito foi de permitir aos leitores o conhecimento de como se deu a transição da história das parteiras até as enfermeiras obstetras.

O estudo justifica-se como contribuição intelectual para o grupo de pesquisa “Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem”, na linha de pesquisa “Construção Imagética da Enfermagem” que se encontra descrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, bem como, pela aderência ao projeto de pesquisa institucional “A Imagem Pública da Enfermeira Brasileira”.

Mediante o exposto, divulgarei os resultados por meio de periódicos impresso e on-line para acesso ao maior número possível de interessados. Destarte, poderá se tornar fonte para outras pesquisas.

Como exemplo do exposto, a dissertação já produziu os artigos: “*Fac-símile* na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: inauguração da capela da Pró-Matre”, que foi publicado na Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online (2011), e “Enfermeiras-Parteiras e Uniforme: indícios e representações objetais na construção da identidade profissional”, encaminhado à Revista de Enfermagem da UERJ e que se encontra atualmente no prelo; e os seguintes capítulos de livro: “Ética e Enfermagem” e “Enfermagem Materno-Infantil”, ambos do livro “QUIMO nos Concursos: auxiliar e técnico de enfermagem”, publicado em 2011, e “Métodos Contraceptivos” do livro “Atenção à Saúde da Mulher: história, aspectos legais e cuidado”, em 2011.



## ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

### *Tipo de Estudo e Documentos*

Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica. Esta fundamenta a matriz de análise, a ser apresentada mais adiante, no sentido de ampliar a capacidade crítica e explicativa do fenômeno social.

Nesta perspectiva, a interpretação das mensagens imagéticas apresenta diversas expressões sociais e a semiótica possibilita penetração no universo das representações, permitindo identificar, desvendar as influências e inter-relações dos mecanismos utilizados pelos grupos sociais envolvidos (ANDRADE, 1990).

Cabe destacar que, a perspectiva histórico-semiótica vem sendo utilizada nos estudos produzidos do Laboratório de Abordagem Científica na História da Enfermagem (LACENF) do grupo LAPHE, como, por exemplo, a dissertação intitulada “A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)” de autoria de Mercedes Neto (2011).

De acordo com Le Goff (1990, p.535) os “materiais de memória podem apresentar-se sobre duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”.

O foco de análise do estudo foram oito imagens veiculadas na Revista da Semana. Estas imagens foram descritas no estudo como *fac-símile*, por serem uma reprodução de fotografias veiculadas na Revista da Semana. O termo *fac-símile* pode ser entendido como uma cópia ou reprodução que tem grande semelhança com o original, porém pode haver perda da qualidade da imagem e com isso, perda também de seu conteúdo e expressão (PORTO, 2009).

O critério de coleta foram *fac-símiles* que retratassem os ritos institucionais ligados à formatura das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, publicadas na Revista da Semana, totalizando então esses oito *fac-símiles* trabalhados no estudo, que delimitou o tempo (1928-1931).

No decorrer do texto utilizou-se a linguagem *fac-símile* seguida de letra para identificar as imagens que não foram analisadas, que serviram como elemento textual imagético; e utilizou-se *fac-símile* seguido de número para identificar as imagens analisadas no estudo.

O termo Enfermeira-Parteira foi escolhido para utilização durante todo o estudo, uma vez que nos *fac-símiles* analisados foram encontradas várias denominações para as formandas, como enfermeira, parteira diplomada, enfermeira diplomada e enfermeira especializada. Para que pudesse abranger todas essas denominações encontradas, então, optou-se pelo uso desse termo pautada no Decreto nº 16.782-A/1925 por estar este em vigor na delimitação temporal deste estudo.

A escolha pela Revista da Semana deveu-se por ser ela primeira a veicular fotografias em suas páginas, bem como ser destinada às mulheres, e por conter temas contemporâneos, com destaque para apresentação de imagens, o que propiciava uma leitura leve (PORTO & SANTOS, 2007).

Os emblemas e os rituais, que puderam ser identificados nos *fac-símiles* analisados, tiveram importância na formação da identidade da parteira e da enfermeira brasileira, uma vez que as tradições exercem um efeito simbólico, tanto no reconhecimento da profissão, como nas relações de poder. Entende-se que através desses instrumentos simbólicos a profissão proclama sua identidade (SANTOS, 2004).

A imagem é considerada por Paiva (2002) como uma das mais ricas fontes históricas, porém deve ser explorada com cuidado, pois traz consigo embutida as escolhas do produtor e o contexto no qual foi produzida. Sempre há mais a ser aprendido na imagem do que se pode ler ou ver; “a imagem não se esgota em si mesma”. Ela não pode ser taxada como verdade e nem como a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, pois ela é o testemunho cultural do fotógrafo.

Esta ideia é reiterada por Leite (1986) à medida que, caso fotógrafo, fotografados e utilizadores das fotografias não compartilhem do mesmo código simbólico, a leitura da imagem pode acontecer de forma bastante diversa, por acreditar que o realismo da fotografia tem entraves.

O documento é um produto da sociedade que fabricou, e não uma coisa qualquer que fica por conta do passado. Sua produção é devida às relações de força que detêm o poder à época. Apenas a análise do documento enquanto monumento permite a recuperação da memória coletiva e a utilização científica pelo historiador. Conclui-se então que não há história sem documentos, que em suas palavras é:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da

sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser, em primeiro lugar, analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente –, determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (...) porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez, sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem (LE GOFF, 1990, p.547-548).

A busca dessas imagens foi feita no arquivo pessoal do Dr. Fernando Porto, oriundas da Biblioteca Nacional, e os demais documentos circunstanciais na Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Biblioteca Setorial da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca Setorial da Escola de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro e sítios eletrônicos.

Cabe aqui destacar a dificuldade para captação de documentos no Hospital Maternidade Pró-Matre. Foram realizados inúmeros contatos via telefone e presenciais, por mim e pelo meu orientador, sem êxito.

As imagens captadas foram contextualizadas com outros estudos, com documentos escritos e outros documentos imagéticos que se aproximaram do meu objeto de estudo. Estes documentos foram captados em revistas especializadas, principalmente nas áreas de enfermagem, história e educação, através de artigos; em jornais e revistas populares, como *Jornal o Globo*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *Jornal Folha online*, *Archivos de Hygiene* e *Revista Veja*; em teses e dissertações; em coleção de leis; em livros e em sites públicos.

A temática circunstancial teve como eixo as produções historiográficas da História do Brasil, História da Enfermagem, além das políticas públicas na delimitação temporal definida.

A literatura de aproximação com o objeto de estudo se destinou ao contexto sócio-político e legislação vigente à época, história de enfermagem, da mulher e da moda.

Uma reflexão trazida por Porto (2007a) acerca dos acervos é que sem manipulação e análise o material não tem nenhuma importância, pois ele por si só não diz nada. Porém, quem o manuseia deve estar apto a extrair as informações, bem como deter conhecimento sobre técnica de pesquisa, pois só assim ele fará sentido.

## *Análise das imagens e validação*

As imagens foram submetidas a uma matriz de análise fotográfica (Anexo 1) com base teórica na semiótica dos conceitos de plano de expressão e conteúdo.

O plano de expressão se manifesta a partir de um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético. O plano de conteúdo se refere ao significado do texto (PIETROFORTE, 2004).

A matriz de análise é composta de quatro itens principais. O primeiro com os dados de identificação das fotografias, a segunda sobre o plano de expressão, a terceira destinada ao plano de conteúdo e última com dados complementares obtidos de outras fotografias.

A primeira parte contém os dados de identificação da fotografia nos documentos achados na imprensa ilustrada.

A segunda parte compreende os dados do plano de expressão, que conta com o registro de crédito da imagem fotográfica, ou seja, autor da imagem fotográfica; relação texto-imagem, onde é dito se a imagem é do tipo fotorreportagem ou fotojornalismo; legenda, caso a imagem tenha; resumo do texto, contendo os principais pontos do documento escrito; o tipo de foto, que mostra se a fotografia é posada ou flagrante; além do formato explicitando a forma geométrica, o plano da fotografia, se é geral, conjunto, central ou americano, como também se está em primeiro plano.

Outro ponto observado nessa etapa é o sentido da fotografia, se está na vertical ou na horizontal, e sua localização na página, seguindo as zonas estratégicas de visualização, tendo como princípio que a visão se fixa no lado superior à esquerda do papel, tendo em vista que a escrita ocidental está condicionada a ter início da esquerda para a direita (SILVA, 1985).

A terceira parte da matriz para análise fotográfica, dos dados do plano de conteúdo é constituída de: o local retratado, espaço destinado a registrar as características dos lugares, cidade, bairro, como também o fundo retratado; se é natural ou artificial e interno ou externo; as pessoas retratadas (quem são as pessoas), se a foto é individual ou em grupo, sendo compostas pelos gêneros masculino, feminino ou se é misto; tema da imagem retratada, ou seja, se são eventos sociais, políticos ou institucionais.

Além disso, foi realizada a descrição dos atributos pessoais caracterizando as indumentárias e vestimentas das pessoas presentes na imagem fotográfica e seus gestos. Foram analisados nessa matriz também os atributos de paisagem, descrevendo se o momento registrado é dia ou noite, se há objetos na imagem e quais são.

Na quarta parte na matriz de análise são colocados os dados e as observações obtidos através de outras fotografias, se houver.

Cabe destacar que alguns estudos obtiveram sucesso na aplicação desta matriz, tais como: as dissertações de mestrado em enfermagem intituladas “Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da Gripe Espanhola (1918)”, da autora Amanda Ferreira Coury (2010) e, “A Produção da Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)”, de autoria de Mercedes de Oliveira Neto (2011), bem como no artigo de minha autoria e de meu orientador Dr Fernando Porto “*Fac-símile* na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: inauguração da capela da Pró-Matre”, publicado na Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, em 2010. Também vem sendo empregada nos Projetos de Iniciação Científica do Prof. Dr. Fernando Porto, com as bolsistas PIBIC, Tainara Xavier Veraldo e Thais Ferreira Rodrigues, onde estão sendo construídos portfólios dos *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon e Revista da Semana.

Os *fac-símiles* analisados neste estudo encontravam-se desgastados pelo tempo, não sendo assim possível detalhar com clareza, às vezes, alguns elementos simbólicos. Sendo assim, chama-se a atenção sobre a importância da manutenção dos documentos fotográficos, para que, futuramente, possa se estudar com mais propriedade a história, que será então, memória. Além disso, todos os *fac-símiles* se apresentaram em coloração de tons de cinza, impossibilitando a identificação de cores e detalhes.

Estes documentos iconográficos foram analisados através da crítica externa e interna. A crítica externa é chamada também de crítica de autenticidade, e tem por finalidade reunir o conjunto de materiais fornecidos pelas fontes, com o intuito de eliminar suas eventuais contradições. Ou seja, é aquela que se preocupa com a autenticidade do documento. A crítica interna, conhecida também como crítica da credibilidade, é aquela destinada a discernir o que pode ser aceito como verdadeiro em um testemunho; ela analisa o conteúdo do trabalho do autor. Sendo assim, ela se preocupa com a veracidade dos documentos (SALMON, 1979).

Para tal, procurou-se em outros documentos que mencionavam a instituição Hospital Maternidade Pró-Matre, nomes de pessoas ligadas a ela e a legislação vigente na época, para que se pudesse perceber, nas imagens, se era possível ter acontecido determinado fato em determinado ano, ou mesmo se poderiam as pessoas citadas estar presentes em determinado local.

A análise dos *fac-símiles* foi do conjunto de signos não verbais, que de acordo com Andrade (1990, p.19) “são todos aqueles que se servem de códigos fundados sobre objetos independentes da existência de sons articulados”, bem como o significado a eles atribuídos. Neste sentido, Weil & Tompakow (2009, p.93) observam que “a vida é um fluxo constante de energia e a linguagem do corpo é a linguagem da vida (...)”. Ademais, Munteal & Grandi (2005) em análise sobre a fotografia, entendem que é através dela que se dá a identificação do mundo em termos visuais e o significado concreto dos fatos.

Dito de outra maneira, o que se buscou na imagem e através dela, pelos leitores da documentação fotográfica foram lembranças comuns e os significados realçados (LEITE, 1986).

Bezerra, Araújo & Oliveira (2001) citam que a fotografia é um signo não verbal que emite três formas de mensagem: a postura corporal, a posição do indivíduo e os artefatos utilizados. A postura corporal e a expressão facial não devem ser interpretadas fora do contexto em que foram registradas, pois ao longo dos tempos pode haver mudança de significado da mensagem. O posicionamento do indivíduo representa a cultura em que o indivíduo se encontra inserido. Os artefatos podem demonstrar até o nível social do fotografado.

As fotografias ensinam um novo código visual, ampliam e modificam a idéia sobre o que vale a pena ser olhado. Elas fornecem um testemunho, ou seja, o que é passível de dúvida parece ter comprovação, é uma forma de prova real, pois a foto nada mais é do que uma realidade realçada (SONTAG, 2004).

Para Bourdieu (1997, p.26) “a foto não é nada sem legenda, que diz o que é preciso ler – *legendum* -, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa”. Por outro lado, a legenda acaba norteando o leitor por um caminho, ou seja, ela induz o leitor a acreditar naquilo que está escrito. Desta forma, ela pode esconder dos menos perspicazes outro olhar, outra realidade.

Uma das possibilidades para se inferir os resultados, segundo Porto (2007a) é a técnica da triangulação dos dados, que pode ser de quatro tipos: de fontes, de métodos, de investigadores e de teorias.

A técnica de triangulação dos dados permite a identificação da convergência ou divergência dos dados, julgando impossível a existência isolada de um fenômeno social sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculação com macro realidade social (TRIVIÑOS, 1994).

Desta forma, a utilização da técnica teve a intenção de garantir a confiabilidade e a credibilidade dos dados coletados, uma vez que se buscou cruzar diferentes fontes relacionadas ao fenômeno estudado.

A validação dos resultados ocorreu por meio das apresentações dos resultados parciais durante as reuniões com os pares de pesquisadores na história da enfermagem, no grupo de pesquisa denominado Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem, localizado à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; apresentação em eventos científicos e pareceres emitidos pelos periódicos em circulação de âmbito nacional na publicação dos resultados em forma de artigo.

### ***Aspecto Legal dos Direitos Autorais***

Os aspectos legais da pesquisa referentes aos documentos de análise respeitaram o que se refere à Lei número 9.610/1998 (BRASIL, 1998) quanto à autorização, atualização e consolidação da legislação sobre direitos autorais e outras providências. Nesse sentido, o capítulo III dos direitos autorais do autor e sua duração segundo os artigos:

Artigo 43 – Será de setenta anos o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre as obras anônimas ou pseudônimas, contado de primeiro de janeiro do ano imediatamente posterior no caput deste artigo.

Artigo 44 – O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de primeiro de janeiro subsequente ao de sua divulgação.

Ademais, respeitou-se o que se refere à mesma lei, no capítulo IV, das limitações aos direitos autorais, sobre o que menciona o artigo:

Artigo 46 Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I- Reprodução:

a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos; (...)

III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.

## *Noções de Base*

Após aplicação da matriz de análise fotográfica, os resultados foram balizados pela contextualização à época, triangulação das fontes, teorização dos achados através de algumas noções<sup>12</sup> do sociólogo Pierre Bourdieu.

Os dados foram analisados, à luz das noções aplicadas na Teoria do Mundo Social do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Esta teoria possibilitou a compreensão do caráter estruturado das práticas sociais.

De acordo com Weissheimer (2002), Bourdieu procurava mostrar as relações de força entre os agentes sociais, através das relações de sentido. Porto & Santos (2006, p.274) complementam, citando que as noções desse estudioso são pautadas na “dominação masculina, capital escolar, formação do *habitus* e poder simbólico”. Desta forma, o eixo de análise deste estudo se pautou, em especial, em quatro noções, a saber: rito institucional, representações objetais, *hexis* corporal e capital cultural.

Para Bourdieu (1998) o rito institucional permite a consagração e legitimação de uma ordem estabelecida, agindo sobre o real e sobre a representação do real através do seu simbolismo. Além disso, o rito tem efeito de consignação estatutária, uma vez que institui uma nova ordem estabelecida, evidenciando o poder das autoridades.

No estudo aborda-se o rito através das imagens analisadas, uma vez que todas estão ligadas a um rito específico, a formatura. Foi possível perceber, através de seus símbolos, ordens e regras pré-estabelecidas, demarcando a cultura social.

Com relação às representações objetais, Porto & Santos (2007), mediante as noções de Bourdieu, indicam que são signos exteriores ao corpo, como por exemplo, bandeiras, uniformes, insígnias e emblemas, associados aos signos incorporados, ou seja, poses e posturas. As representações objetais são apropriadas pelas escolas como uma maneira de demarcar suas posições no campo.

Ao analisar as imagens foi dado foco às representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, pois a partir daí tornou-se possível construir a imagem da parteira e da enfermeira brasileira. Dentre os elementos analisados encontram-se o uniforme composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapatos; relógio de pulso e diploma.

---

<sup>12</sup> Bourdieu em seu livro “O Poder Simbólico” expõe que ele não trabalha conceitos e sim noções (BOURDIEU, 2010).



Outra noção incorporada pelo estudo foi a de *hexis* corporal, que para Bourdieu é a postura corporal assumida pelo indivíduo, sendo essa capaz de exprimir as disposições profundas do *habitus*<sup>13</sup>. A *hexis* corporal, então, é ligada à motricidade e carregada de significações e de valores sociais (BOURDIEU, 1998).

No estudo, foi descrita a *hexis* corporal dos fotografados através do significado da linguagem dita pelo corpo, por meio do posicionamento corporal, como por exemplo, o modo como estão braços e pernas.

O capital cultural para Bourdieu é o domínio que uma pessoa possui sobre o conhecimento dominante em um determinado campo, estando diretamente ligado ao *habitus* (ARAÚJO & MELO, 2007). Isto foi percebido através das disciplinas, dos conteúdos trabalhados e sua relação com temas emergentes. No decorrer do estudo pode-se perceber o capital cultural, principalmente, através dos diplomas.

Desta forma, uma das questões mais importantes para Bourdieu consistiu na análise da incorporação dos agentes à estrutura social, ao passo que a produziam, legitimavam e reproduziam. Em outras palavras, a sociologia proposta por Bourdieu era voltada para a produção dos conhecimentos e para as práticas sociais.

Almeida (1998b) acrescenta que as noções propostas por Bourdieu pressupõem relações de dominação e de legitimação, agitação de forças nos campos produtivos, confrontos e lutas.

Neste sentido, as noções propostas por Bourdieu foram aplicadas aos *fac-símiles*, as quais iluminaram a análise dos dados, que resultaram nos capítulos que seguem a partir deste momento.

---

<sup>13</sup> O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos, responsável por gerar e estruturar as práticas e as representações. É o modo como se pensa e age, adquirido pela escolástica e pelo convívio familiar. Não deve ser confundido com hábito, uma vez que ele não é meramente reprodutivo (BOURDIEU, 2010).

## CAPÍTULO 1 – Os Movimentos Sociais e a Criação do Hospital Maternidade Pró-Matre

Nesse capítulo, foi descrito o cenário sócio-político da época estudada – 1928 a 1931 e demais fatos históricos que permitiram melhor entendimento deste.

Para tanto, o capítulo foi dividido em três subtítulos, a saber:

O primeiro - *Mulheres em cena* - com o intuito de destacar o papel da mulher à época, através de suas conquistas, bem como descrever a política e acontecimentos sociais importantes para a trajetória do Brasil. Destaca-se também em meio a este cenário, a abordagem da saúde e a ela inseridas as profissões de parteira e enfermeira.

O segundo – *Ensino* - teceu comentário acerca do ensino de parteiras e enfermeiras.

O terceiro – *Hospital Maternidade Pró-Matre* - descreveu as circunstâncias de criação do Hospital Maternidade Pró-Matre, destacando seus fundadores e o contexto histórico e social.

### ***Mulheres em cena***

Na década de 1920, o sistema municipal de saúde, no distrito federal, era constituído pelos Postos de Pronto Socorro e pelas Policlínicas. Isso se deu por meio da Reforma Luiz Barbosa<sup>14</sup> e a assistência era prestada com baixo custo para os remediados e de forma gratuita para os indigentes (GAWRYSZEWSKI, 1988).

A Reforma Luiz Barbosa ocorreu alguns anos depois do lançamento por ele de sua obra “Serviços de Assistência no Rio de Janeiro”, datada de 1908 e que apresentava como deveria ser organizada a assistência pública pela prefeitura. Ele sugeriu que o sistema de socorro na capital brasileira fosse similar ao que vigorava em Buenos Aires, onde a cidade foi dividida por distritos de atuação dos socorros e as ambulâncias dirigidas por acadêmicos de medicina (PÔRTO *et al*, 2008).

Depreende-se então que através da Reforma Luiz Barbosa ocorreu a reformulação dos serviços de saúde. Dentre as reformulações, citam-se a criação de serviços de Pronto-Socorro na Praça da República e no Méier, aquisição de bonde-ambulância e socorro domiciliar de emergência. Além disso, nas regiões da cidade onde se concentravam as massas operárias

---

<sup>14</sup> Luiz Pedro Barbosa foi médico pediatra, delegado de saúde do município do Rio de Janeiro, fundador da Policlínica de Botafogo, professor de farmacologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e de pediatria da Policlínica de Botafogo e Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2010).

foram criados postos de assistência pública (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2010).

Em relação ao Sistema Sanitário Nacional, a Reforma Sanitária, liderada por Carlos Chagas, possibilitou interferência maior por parte do Estado, principalmente, no que diz respeito às questões de higiene da população nas áreas de saneamento urbano e rural, industrial e materno-infantil pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (LUZ, 1986).

No campo da obstetrícia, Arnaldo de Moraes<sup>15</sup> defendia a regulamentação do exercício profissional da parteira. A defesa era no sentido de que apresentasse bom nível social, fosse a auxiliar do médico e pudesse ter o controle à curiosa, que dominava o mercado de trabalho. Caso fosse nestes termos, ele pretendia dar continuidade à formação de parteiras, no âmbito da cadeira de obstetrícia dos cursos médicos. Por outro lado, médicos não obstetras, como por exemplo, Bonifácio Costa<sup>16</sup> e Júlio Portocarrero<sup>17</sup> se colocaram desfavoráveis às parteiras, mesmo as diplomadas (PEREIRA NETO, 1997).

No início dessa década, em 1922, foi realizado o Congresso Nacional dos Práticos, momento no qual foram realizados debates sobre a intervenção do Estado na Assistência Médica, preventiva e curativa. A Comissão Executiva do evento foi composta por médicos de várias especialidades e presidida por Fernando Magalhães<sup>18</sup> (PEREIRA NETO, 1997).

Três anos após a realização desse Congresso, foram extintos alguns dos cursos de formação de parteiras. Dentre os cursos extintos Riesco & Tsunechiro (2002) citaram em 1925 o Curso de Parteiras da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 1927 o currículo da Escola de Parteiras de São Paulo. Este último, em 1931, passou a se chamar Escola de

---

<sup>15</sup> Médico gineco-obstetra da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital Maternidade Pró-Matre, inspetor sanitário do Departamento Nacional de Saúde Pública e professor de obstetrícia da escola de Medicina e Cirurgia do Hospital Hanemanniano do Brasil. Foi subsecretário geral do Congresso Nacional dos Práticos. Cognominado “pai da moderna ginecologia do Brasil (TUOTO, 2006).

<sup>16</sup> Médico especialista em saúde pública, atuou na saúde do Porto, membro do Conselho Deliberativo do Sindicato dos Médicos (PEREIRA NETO, 1997).

<sup>17</sup> Médico especialista em psiquiatria e psicanálise, professor de medicina e psicanálise, fundador da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, iniciador do Movimento Psicanalítico do Rio de Janeiro (PEREIRA NETO, 1997).

<sup>18</sup> Professor da clínica obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Fernando Magalhães nasceu em 18 de fevereiro de 1878 e faleceu em 10 de janeiro de 1944. Foi médico obstetra, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (onde foi formado) e orador brasileiro. Considerado o criador da Escola Obstétrica Brasileira. Filho de Antônio Joaquim Ribeiro de Magalhães e Deolinda Magalhães. Na política, foi deputado do estado do Rio de Janeiro em 1934 e pelo Distrito Federal em 1937. Representante da sociedade católica. Deixou uma vasta obra médica, da qual se destacam os seis volumes de *Clínica obstétrica*, as *Lições de clínica obstétrica*, *A obstetrícia no Brasil*, *Síntese obstétrica* e *Obstetrícia forense*, e mais de 200 trabalhos sobre assuntos médicos. Em 22 de julho de 1926 foi eleito para ocupar a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras, em sucessão a Domício da Gama (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2011).

Obstetrícia e Enfermagem Especializada, no qual se conferia, ao fim do curso, o diploma de Parteira e de Enfermeira Especializada.

De acordo com Progianti (2001) a assistência à saúde na cidade do Rio de Janeiro, voltou-se mais claramente para a questão da criança a partir de 1930. Era alarmante a taxa de mortalidade perinatal nessa época. Foi necessário, então, criar estratégias para reduzir tais taxas, sendo feito investimento na assistência à maternidade.

Durante o governo provisório de Vargas (1931-1934) a Igreja Católica exerceu importante papel, uma vez que levou grandes massas populacionais a apoiarem as políticas governamentais. Nessa época, as mulheres eram desprovidas de oportunidades na sociedade, o que as faziam alvo para a contribuição de serviços sociais gratuitos da igreja católica (FAUSTO, 1999 e NUNES, 1997).

Às mulheres, à época, era negado acesso ao conhecimento, uma vez que, de acordo com a tradição portuguesa, tais coisas eram desnecessárias ou até mesmo prejudiciais a sua frágil constituição física e intelectual. A educação e a profissionalização da mulher ficavam em segundo plano. Isso era uma estratégia para manter o dominado longe do saber, ou seja, um mecanismo de dominação masculina<sup>19</sup> (ALMEIDA, 1998a).

Pena & Lima (1983) defendem que as escolas e as associações religiosas difundiam a valorização da figura da Virgem Maria, criando com isso o modelo madona para as mulheres brasileiras. Mediante o culto à virgindade defendia-se uma postura de controle da sexualidade, normatizando assim o comportamento feminino (PROGIANTI, 2001).

Esse pensamento também foi percebido na fala de Azzi (1993) ao relatar que a Igreja católica, que tinha forte influência social, pregava que a mulher devia se dedicar à vida religiosa e familiar e evitar uma participação integral na sociedade (ROCHA & BARREIRA, 2002).

A partir do cristianismo, a sexualidade tinha apenas o intuito de procriação, sendo considerada pecaminosa fora do matrimônio. Assim, mulheres monogâmicas e virgens eram consideradas virtuosas, passando a ser valorizadas (TANNAHILL, 1980).

Para a Igreja Católica, prevalecia uma concepção biologizante das mulheres, como esposas e mães. Isto estabelecia um lugar e um papel político, social e simbólico diferenciado para homens e mulheres. Este modelo era concebido como uma ordem ditada por Deus, fundada na biologia e, então, imutável. Percebia-se, assim, nas relações familiares, a autoridade hierárquica e patriarcal (NUNES, 2008).

---

<sup>19</sup> O conceito de dominação masculina pode ser traduzido como uma forma de violência simbólica inconsciente, em que dominado aceita seu apagamento (BOURDIEU, 2003).

O século XX foi um período de grandes conquistas femininas devido ao engajamento de várias mulheres em movimentos de afirmação de direitos, como por exemplo, pelo acesso à educação, pelo direito do voto e a luta por ideais políticos (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

A década de 1920 foi marcada pelo crescimento de várias associações femininas e feministas, com o intuito de superação da tradicional condição da mulher na família. Até o fim do século XIX, o casamento era para a mulher a garantia de posição social (ROCHA & BARREIRA, 2002).

Em 1922, surge a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tem Bertha Lutz<sup>20</sup> como maior destaque. Essa Federação defendia ações políticas em defesa dos direitos da mulher. Em dezembro de 1922, na ocasião do I Congresso Feminista, foi dada ênfase ao tema relativo à proteção da maternidade (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

No ano de 1922 surgiram vários movimentos nas cidades brasileiras em contestação do regime oligárquico. Como exemplos desses movimentos, citam-se a Revolta dos 18 do Forte<sup>21</sup>, inspiradora dos movimentos tenentistas de 1924 a 1926; a fundação do Partido Comunista, que reunia setores da intelectualidade e dos trabalhadores; e a Semana de Arte Moderna, que contestou os padrões estéticos e culturais existentes e defendeu uma arte genuinamente brasileira (MUNTEAL & GRANDI, 2005).

Leite (1984) ressalta que, no que se refere às grandes transformações da condição feminina, na década de 1920, a conquista pelo espaço público pelas mulheres ocorreu, inicialmente, através de profissões como parteira, enfermeira, professora e hoteleira, ou seja, profissões que eram consideradas especializações das atividades domésticas (ROCHA & BARREIRA, 2002).

O modelo de família patriarcal foi sendo enfraquecido, na década de 1930, devido à urbanização e à industrialização. Isso promoveu a diminuição da dependência da mulher em relação ao marido (ROCHA & BARREIRA, 2002).

---

<sup>20</sup> Líder feminista, bióloga e graduada em Direito. Representou o Brasil no Conselho Feminino Internacional. Criou em 1919 a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, que foi o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino criada em 1922. Participou da criação da União Universitária em 1929. Presidente de honra do III Congresso Nacional Feminista em 1936. Deputada federal em 1936, devido falecimento de Cândido Pessoa, titular da vaga. Em 1951 foi premiada com o título de Mulher da Américas e, em 1952, foi a representante do Brasil na Comissão de Estatutos da Mulher das Nações Unidas, criada por sua iniciativa. Em 1953 foi eleita delegada do Brasil junto à Comissão Interamericana de Mulheres da União Pan-americana de Repúblicas (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>21</sup> A Revolta dos 18 do Forte de Copacabana ocorreu no Rio de Janeiro no dia 05 de julho de 1922. Foi o primeiro movimento militar armado que pretendeu tirar o poder das elites tradicionais devido ao descontentamento com a política e economia da época (FAUSTO, 1999).

Isso fez com que se tornasse crescente a necessidade de escolarização feminina, à medida que começaram a trabalhar em fábricas, lojas e escritórios.

Em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto nº 21.076, a mulher conquista o direito do voto no Brasil. Esse permitia apenas que mulheres casadas, com autorização do cônjuge, viúvas e solteiras com renda própria pudessem votar. Essas restrições foram eliminadas no Código Eleitoral de 1934, porém o voto feminino não era obrigatório. O voto feminino só se tornou obrigatório em 1946 (ARAÚJO, 2003 e FOLHA ONLINE, 2008).

Segundo Horta (1994) a igreja foi uma defensora da extensão do voto feminino. Uma estratégia interessante na defesa de suas reivindicações com relação à escola e à família (ROCHA & BARREIRA, 2002).

O primeiro estado brasileiro que permitiu o direito ao voto feminino foi o Rio Grande do Norte. Isso se deu em 1927, antes mesmo da consolidação brasileira de direito ao voto feminino, através do Decreto de 1932. O Rio Grande do Norte também foi pioneiro no que diz respeito ao alistamento eleitoral feminino, onde foi candidata a professora Celina Guimarães de Mossoró, que, porém, não foi eleita. A primeira mulher eleita foi Alzira Soriano<sup>22</sup>, para o cargo de prefeita de Lajes – RN, pelo Partido Republicano, em 1928 (FOLHA ONLINE, 2008).

O então presidente Washington Luís<sup>23</sup>, contrariando a política do café com leite, indicou o paulista Júlio Prestes<sup>24</sup> à presidência. Os mineiros, descontentes com a situação, se aliaram principalmente aos estados do Rio Grande do Sul e Paraíba formando a Aliança Liberal, em 1929, que tinha como candidato à presidência o gaúcho Getúlio Vargas<sup>25</sup> (FAUSTO, 1999).

A Aliança Liberal defendia os ideais dos grupos não associados ao café. Propôs, também, alguns direitos trabalhistas, e defendeu a liberdade individual, a anistia e as reformas políticas. No entanto, Júlio Prestes vence as eleições, mas é impedido de assumir o mandato pela Revolução de 1930. Washington Luís foi deposto em 24 de outubro de 1930 e, juntamente com Júlio Prestes, foi exilado em Portugal. Nesse mesmo dia assume o poder a

---

<sup>22</sup> Primeira prefeita da América Latina. Eleita prefeita de Lajes – RN em 1928 tomou posse em 01/01/1929. Em 1945 se candidatou à Câmara Municipal, pela União Democrática Nacional, tornando-se líder da sua bancada (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>23</sup> Advogado, historiador e político brasileiro. Foi o 13º presidente do Brasil. Cumpriu seu mandato de 15 de novembro de 1926 a 24 de outubro de 1930 (FONSECA, 1920).

<sup>24</sup> Poeta, advogado e político brasileiro. Foi o único político eleito presidente da república do Brasil pelo voto popular a ser impedido de tomar posse (KOIFMAN, 2001).

<sup>25</sup> Advogado e político brasileiro. Líder da revolução de 1930. Foi o 14º presidente do Brasil. Cumpriu seu mandato entre 03 de novembro de 1930 e 29 de outubro de 1945. Era conhecido como “pai dos pobres” (KOIFMAN, 2001).

Junta Governativa Provisória de 1930, composta pelos generais Augusto Tasso Fragoso<sup>26</sup> e Mena Barreto<sup>27</sup> e pelo almirante Isaías de Noronha<sup>28</sup>. Esta Junta, em 03 de novembro de 1930, passou o poder a Getúlio Vargas, colocando assim o Brasil rumo à modernização (MUNTEAL & GRANDI, 2005).

No ano de 1930, Getúlio Vargas, quando assumiu o governo provisório, dissolveu o poder legislativo em todos os níveis. Com isso, a ação dos estados e municípios ficou limitada, uma vez que passaram a ser subordinados ao poder central, e governados por interventores nomeados pelo presidente. Foram criados o Ministério da Educação e Saúde, Indústria e Comércio e o Ministério do Trabalho. Este último regulou o trabalho das mulheres e dos menores, a concessão de férias e a jornada de trabalho de oito horas. Os sindicatos foram enquadrados pelo Estado e foram criados órgãos para arbitrar conflitos entre patrões e operários (FAUSTO, 1999).

Rocha & Barreira (2002) expõem que, embora Vargas não fosse católico, ele procurou nomes políticos da igreja, pois acreditava que esta tinha uma grande influência sobre a população. Em outubro de 1931 ocorreu um evento emblemático no Rio de Janeiro, a inauguração da imagem do Cristo Redentor, momento esse em que a igreja mobilizou o povo, e Vargas, reunido com seu Ministério, recebeu do episcopado a lista de reivindicações católicas para a nova Constituição.

A partir da Era Vargas ocorre reaproximação do Estado com a Igreja Católica, demonstrando a forte influência religiosa sobre a sociedade. Esta reaproximação foi benéfica para ambos os lados (DEBALD, 2007).

Com o intuito de fortalecer sua hegemonia, a igreja católica lutou pela exclusão das curiosas, sendo associados a elas componentes simbólicos negativos. A parteira diplomada acabou herdando estes componentes sofrendo acusações, por parte de médicos e religiosos, de aborteiras e infanticidas (OSAWA, 1997).

## ***Ensino***

Até 1925 o ensino das parteiras pelas escolas médicas era orientado para a prática do parto. A partir de 1931 passou a incluir disciplinas de enfermagem e puericultura. Isso

---

<sup>26</sup> Militar (general) e escritor brasileiro. Chefe da Junta Governativa Provisória de 1930 (KOIFMAN, 2001).

<sup>27</sup> Militar (general) brasileiro. Integrante da Junta Governativa. Foi interventor no estado do Rio de Janeiro de 30 de maio a 04 de novembro de 1931 (KOIFMAN, 2001).

<sup>28</sup> Militar (almirante) brasileiro. Integrante da Junta Governativa (KOIFMAN, 2001).

descaracterizou o ensino das parteiras. Além disso, a notada aproximação entre os cursos de enfermeiras e de parteiras fez com que a concorrência entre as duas categorias aumentasse (PROGIANTI, 2001).

Em entrevistas utilizadas no estudo de Jane Márcia Progianti, foi relatado por um médico que as alunas ingressantes nas escolas de enfermagem eram candidatas de alto padrão, que provinham de níveis sociais elevados. Neste sentido, a autora construiu a assertiva de que, a estratégia adotada para o ingresso de enfermeiras nas escolas de enfermagem foi no sentido de construir imagem favorável para a categoria. Em outras palavras, a representação simbólica de mulher, por meio daquelas bem posicionadas socialmente e possuidoras de um capital simbólico<sup>29</sup> eficiente à época, conduziu ao pensamento de que às mulheres que gozavam de menor prestígio social, eram reservadas profissões com menos *status*, como a de parteira (PROGIANTI, 2001).

Em 1923, foi criada a Escola de Enfermagem Anna Nery, então Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, implantada no modelo norte-americano. Em 1931, foi considerada a escola oficial padrão, através do Decreto nº 20.109 de 15/06/1931<sup>30</sup>, ou seja, as demais escolas deveriam tomá-la como base e adaptar seus currículos para se igualarem a ela. Sendo assim, só poderiam exercer a profissão, pessoas com diplomas de enfermeiras fornecidos pela Escola Anna Nery ou em outra escola a ela equiparada (PROGIANTI, 2001).

A idéia da criação de uma escola no molde norte-americano veio no bojo da Missão Parsons<sup>31</sup>, como fenômeno de universalização de uma cultura dominante (BARREIRA, 1997). Em agosto de 1931 deu-se o fim desta missão. Em 28 de dezembro de 1931 foi editado o Decreto lei nº 20.865, que criou o Curso de Enfermagem Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro<sup>32</sup> (PROGIANTI, 2001).

O Decreto nº 20.109 significou para a Igreja Católica uma ameaça a sua hegemonia no campo da enfermagem, tanto no âmbito administrativo quanto no assistencial, uma vez que as freiras não tinham a titulação de enfermeira. Isso ia contra os interesses religiosos, que

---

<sup>29</sup> O capital simbólico refere-se ao reconhecimento externo de outros agentes em relação a um determinado agente (ARAÚJO & MELO, 2007).

<sup>30</sup> Decreto que regulava o exercício da enfermagem no Brasil e fixava as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Instituiu a Escola Anna Nery como “escola padrão” para efeito de equiparação (PROGIANTI, 2001).

<sup>31</sup> Esta Missão tinha por fim avaliar as condições existentes para a organização de uma escola ou cursos de treinamento de enfermeiras, e também para o desenvolvimento de um serviço público de enfermagem no país. Para tal, foi enviada ao Brasil a enfermeira norte-americana Ethel Parsons (BARREIRA, 1997).

<sup>32</sup> Primeiro nome dado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Após o nome de Universidade do Rio de Janeiro, passou a denominar-se Universidade do Brasil e só depois de alguns anos nomeou-se como a conhecemos hoje – UFRJ (nota da autora).



paralelamente mantinham alianças com o Estado (SANTOS *et al*, 2008). No campo do ensino a Igreja Católica também não tinha a hegemonia, pois à época destacavam-se como instituições de formação de profissionais a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha e a Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Para o curso de parteiras existentes à época também houve repercussão, uma vez que se exigia cada vez mais a formação de enfermeiras diplomadas e decaía a formação de parteiras no Brasil.

A Igreja Católica até a Proclamação da República era uma instituição incorporada ao Estado e mantinha o monopólio do cuidado aos doentes e da administração dos hospitais, com cunho religioso-caritativo, principalmente nas Santas Casas de Misericórdia. No entanto, a classe médica estava insatisfeita com a situação, tendo procurado apoio no movimento positivista. Com isso, a Igreja perdeu espaço no campo da saúde e o médico passou a ser responsável pelas principais tarefas no hospital. Como consequência, as irmãs de caridade não podiam mais assumir as funções outrora exercidas. Neste momento, a Igreja perdeu espaço na prestação de cuidados de enfermagem e na administração hospitalar (GOMES, ALMEIDA FILHO & BAPTISTA, 2005).

### ***Hospital Maternidade Pró-Matre***

A década de 1910 foi fortemente marcada pela defesa da assistência à mulher e à criança. À mulher-mãe deveriam ser garantidas boas condições para cuidar de seus filhos e retornar ao trabalho, mesmo porque essas crianças eram vistas como o futuro da nação. Desta forma, puerpério e puericultura estavam interligados. Com esses princípios foram criadas diversas instituições filantrópicas<sup>33</sup>, dentre elas o Ipai, a Policlínica das Crianças, o Hospital São Zaccharias e o Hospital Maternidade Pró-Matre (PÔRTO *et al*, 2008).

A assistência maternal era de competência do governo, porém seria extremamente oneroso arcar com todas as despesas sozinho; e então considerava bem vindas, iniciativas particulares. A criação do Hospital Maternidade Pró-Matre, uma associação de caridade e auxílio mútuo, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1917, é prova flagrante desta

---

<sup>33</sup> Instituições mantidas por contribuição de associados, de donativos, dos legados e das subvenções federais e municipais (PÔRTO *et al*, 2008).

afirmação, percebendo-se em seus bastidores o espírito de abnegação e sacrifício daqueles que ali trabalham (PÔRTO *et al*, 2008 e COSTA, 1930).

No que diz respeito ao Estatuto da Associação Pro Matre, o Art.1º mencionava que “Sob denominação ‘Pro Matre’ fica constituída com sede e domicílio nesta cidade do Rio de Janeiro, uma associação de assistência, fundada em 1917, por Stella de Carvalho Guerra Durval<sup>34</sup> (enfermeira<sup>35</sup>) e Fernando Magalhães (considerado o pai da obstetrícia no Brasil), para os fins que abaixo se declaram”. Em seu Art.2º fala sobre a finalidade da instituição: “A Associação tem por fim dispensar proteção à mulher desamparada e à criança desvalida sem distinção de credos religiosos ou posição social, de acordo com o que for estabelecido pelos seus órgãos competentes” (PRO MATRE, 1948, p.01).

Percebe-se que, neste contexto de organização da assistência pública e de redefinição das ações privadas no Brasil, inseria-se um movimento em defesa da mulher e da criança. Sendo assim, a assistência materna estava voltada para o amparo e recolhimento, em meio a este bojo surge o Hospital Maternidade Pró-Matre (PÔRTO *et al*, 2008).

Na época do surgimento dessa instituição, intensas agitações políticas aconteciam no Brasil, antecipando a crise da Primeira República. No que se refere à economia, uma grande valorização à política do café. Os operários, desgostosos com as condições de trabalho, fizeram greves gerais em 1917, 1918 e 1919 (MUNTEAL & GRANDI, 2005).

Em meio a esse cenário, em 1918, Stella Guerra Duval ao retornar para o Brasil, após ter observado como era feito o atendimento às mães na Europa, reuniu algumas amigas e iniciou uma campanha para auxiliar as crianças órfãs da Bélgica, devido a I Guerra Mundial. Em suas percepções, as crianças do Rio de Janeiro precisavam também de maior atenção, mesmo sem sofrerem diretamente com a guerra. Fundaram, então, uma instituição de amparo à infância (FRANCISCHETT, 2008).

Reiterando a informação, Brasil (1944) em “Associações de Proteção à Maternidade e à Infância” relata que todo movimento popular em favor da infância deve dar-se através da formação de pequenas associações, compostas por pessoas notáveis, inteligentes e caridosas que tenham como objetivo melhorar as condições de higiene infantil e a puericultura, ajudando a estas pessoas inclusive de forma material.

---

<sup>34</sup> Feminista e assistencialista. Participou do grupo das Damas da Cruz Verde. Uma das fundadoras e presidente perpétua do Hospital Maternidade Pró-Matre. Participava das atividades da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Seu último sobrenome foi encontrado grafado de duas maneiras: Duval e Durval (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>35</sup> O termo enfermeira foi encontrado em documento original da Pró-Matre, porém, não foi detectada em nenhuma outra referência, inclusive em sua biografia. Acredito que a tenham “dado” esta profissão por tratar de uma mulher envolvida com o cuidado (nota da autora).

Em 1918, foi inaugurado o Hospital Maternidade Pró-Matre, criado pelo Médico Fernando Magalhães com a ajuda das senhoras da Associação Pró-Matre e do presidente do Brasil Wenceslau Braz<sup>36</sup>, ou seja, era uma instituição filantrópica. O Hospital Maternidade Pró-Matre foi descrito por Magalhães como uma instituição destinada a proteger a “mulher mãe” (RODHEN, 2006).

Além de Stella Guerra Duval, outras mulheres ajudaram na fundação do Hospital Maternidade Pró-Matre, como: Ana Amélia Queiróz Carneiro de Mendonça<sup>37</sup>, Jerônima Mesquita<sup>38</sup> e Baronesa do Bonfim<sup>39</sup>. Essas três mulheres eram membros da Associação Damas da Cruz Verde; associação que lutava contra a fome, a febre amarela e a varíola no início do século XX (MIRANDA, 2010; NASCIMENTO, 2009 e NOGUEIRA, 2009).

Esta associação tinha um viés Nacionalista<sup>40</sup>, uma vez que era composta por mulheres pertencentes ao movimento feminista, ou seja, por mulheres que desejavam sua afirmação e dependência política diante do Estado, privilegiando assim seus interesses (GUIMARÃES, 2008).

O grupo de mulheres que compunham as Damas da Cruz Verde desenvolvia atividades de assistência social, e essas atividades ganharam maior amplitude política com o surgimento, em 1922, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ao qual a maioria destas mulheres pertencia (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

---

<sup>36</sup> Advogado e político brasileiro. Foi o 9º presidente do Brasil. Cumpriu mandato entre 15 de novembro de 1914 e 15 de novembro de 1918 (KOIFMAN, 2001).

<sup>37</sup> Poetisa, tradutora e feminista carioca, teve poemas e crônicas publicadas pelos mais importantes jornais do país. Atuou em defesa dos direitos das mulheres e nas iniciativas promovidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Participou da associação Damas da Cruz Verde que criou o Hospital Maternidade Pró-Matre. Ajudou a fundar a Casa do Estudante do Brasil e a Associação Brasileira de Estudantes. Foi a primeira mulher membro de um tribunal eleitoral do país. Nasceu em 1896 e faleceu em 1971 (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>38</sup> Seu nome pode ser encontrado descrito como Jeronyma Mesquita. Filha da baronesa do Bonfim, Maria José Villas Boas de Siqueira Mesquita, e do barão do Bonfim, José Jerônimo de Mesquita. Assistente social, pioneira na luta pelos direitos das mulheres (como o de voto); morando em Paris (1914) envia para o Brasil folhetos com traduções do "Eclaireurs de France"; funda o Movimento Bandeirante do Brasil (30/05/1919 - atual FBB - Federação das Bandeirantes do Brasil) e o CNMB (Conselho Nacional da Mulher do Brasil) em 1947; membro da Associação Damas da Cruz Verde e ajuda a fundar o Hospital Maternidade Pró-Matre. Amiga de Berta Lutz, participou da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino desde a fundação da entidade em 1922. Em sua homenagem é comemorado o Dia Nacional da Mulher na data de seu nascimento. Nasceu em 1880 e faleceu em 1972 (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>39</sup> Nobre e assistencialista. Mãe de Jerônima Mesquita. Promoveu a formação de entidades de auxílio a dependentes de bebida. Participou da Cruzada Nacional contra Tuberculose e do Serviço de Obras Sociais (SOS). Foi fundadora e membro ativo da Federação de Bandeirantes do Brasil (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

<sup>40</sup> Nacionalista é aquilo que é concernente à independência e interesses nacionais; patriótico; que pratica o nacionalismo. Nacionalismo significa patriotismo; política segundo a qual deve-se nacionalizar todas as atividades de um país (indústria, comércio, artes etc.); preferência por tudo que é próprio da nação a que se pertence (MODERNO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO, 1988).

No dia 1º de abril de 1918 ocorreu a primeira reunião do grupo das Damas de Cruz Verde. Essa reunião contou com a presença de várias mulheres<sup>41</sup>, além de Fernando Magalhães e de Fernando Guerra Duval, marido de Stella, que conduziu o encontro. Foi tomada a decisão de implantação de programas referentes à proteção da mulher e da infância carente. Para desenvolvimento desta ação, buscou-se apoio do presidente do Brasil à época, Wenceslau Brás. Desta forma, deu-se a primeira ação filantrópica da associação – a criação de uma maternidade. Solicitaram ao presidente um casarão situado na Avenida Venezuela, 153 – Centro, para que a entidade se instalasse. Este prédio era um antigo entreposto da Alfândega, em plena zona portuária (SCHUMAHER, 2003 e PÔRTO *et al*, 2008).



Fac-símile A: Perspectiva da Pró-Matre, indicando os acréscimos efetivados [s.d.] (PÔRTO *et al*, 2008, p.155).

O *fac-símile* A mostra os acréscimos sofridos pela instituição ao longo dos anos, desde o ano de sua fundação, em 1918, até 1945. Este *fac-símile* é um desenho em tons coloridos, e retrata como o prédio inicial a edificação de esquina, da Avenida Venezuela com a Avenida Barão de Tefé. E, após expansão, mais alguns trechos da Avenida Venezuela.

Além da ajuda do presidente à época Wenceslau Brás, as Damas da Cruz Verde contaram com o apoio de diversas figuras masculinas, como Eptácio Pessoa, Washington Luiz, Paulo de Frontin, Getúlio Vargas, entre outros que assinaram o Livro de Beneméritos (PÔRTO *et al*, 2008).

---

<sup>41</sup> Entre as mulheres presentes encontravam-se Laurinda Santos Lobo, Jenny Monteiro Amaral, Helena Figueiredo Araújo, Jerônima Mesquita, Ernestina Passos Bulhões de Carvalho, Nair de Azevedo Teixeira, Maria Engrássia Celso Carneiro de Mendonça e Lo Landbery (SCHUMAHER, 2003).

Por ocasião do surto de gripe espanhola, que assolou as cidades portuárias do Brasil, em 1918, o edifício foi transformado em hospital de emergência, logo após o início das atividades de maternidade. Foram improvisadas enfermarias de emergência em todas as salas do hospital. As Damas da Cruz Verde coordenaram os serviços prestados às vítimas no Rio de Janeiro. (PÔRTO *et al*, 2008 e NASCIMENTO, 2009).

De acordo com Goulart (2005), no Rio de Janeiro estimou-se que 66% da população (cerca de seiscentos mil) carioca adoeceram da gripe espanhola entre os meses de outubro e dezembro de 1918. Fontenelle (1919) revelou que, ao final da epidemia no Rio de Janeiro, foram registrados cerca de quinze mil óbitos.

Durante o período da pandemia que assolou o Brasil, pode-se observar que várias instituições participaram no combate à Gripe Espanhola, dentre elas: a Cruz Vermelha Brasileira, a Policlínica de Botafogo, o Hospício Nacional dos Alienados e o Hospital Maternidade Pró-Matre (COURY, 2010).

Coury (2010) também revelou a divulgação pelo Jornal do Commercio, em 20 de outubro de 1918, de que a inauguração do Hospital Maternidade Pró-Matre ocorreu em período bastante oportuno, pois possibilitou que esse posto de assistência recém-inaugurado realizasse consultas médicas e distribuisse medicações, em caráter de urgência, pelo Presidente da República, funcionando até o dia 15 de novembro de 1918. Fernando Magalhães assegurou ao Presidente da república a internação de 200 enfermos.

No dia seguinte, 21 de outubro de 1918, foi publicada, pelo mesmo jornal, a visita do Sr. Presidente ao Hospital Maternidade Pró-Matre. Segue a matéria publicada:

O Sr, Presidente da Republica saldo hontem a tarde do Palacio do Catette, acompanhado dos Srs. Dr. Carlos Maximilliano<sup>42</sup>, Ministro da Justiça; Capitão de Fragata Thelers Flemlag<sup>43</sup>, chefe do Estado maior da presidência e Tenente-Coronel

---

<sup>42</sup> Carlos Maximiliano Pereira dos Santos nasceu no Rio Grande do Sul em 1873. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Escola de Direito de Belo Horizonte. Ingressou na política, como Deputado ao Congresso Nacional, nas legislaturas de 1911-1914 e 1919-1923, pelo Estado do Rio Grande do Sul. Convidado por Wenceslau Braz para auxiliar do seu governo presidencial. Referendou o Código Civil Brasileiro e a Consolidação das disposições legais e regulamentares concernentes aos territórios das freguesias urbanas e suburbanas do Distrito Federal. Ocupou o alto cargo de Procurador-Geral da República, de 1934 até 1936. Convidado pelo Dr. Getúlio Vargas para o cargo de Ministro da Corte Suprema, em 1936. Como escritor, publicou as seguintes obras repletas de ensinamentos: *Comentários à Constituição Brasileira de 1891* (3v., 1918), *Hermenêutica e Aplicação do Direito* (1925), *Direito das Sucessões* (3v., 1937) e *Condomínio: terras, apartamentos e andares perante o Direito* (1944). Aposentou-se em 1941. Faleceu em 1960, na cidade do Rio de Janeiro (GODOY, 2010).

<sup>43</sup> Encontrado também com o nome de Thiers Fleming. Capitão de Fragata e Engenheiro Naval que contribuiu para a Geografia brasileira. Destacou-se durante toda a Primeira República, ocupando cargos de confiança na estrutura militar (foi Chefe do Estado Maior Brasileiro), com entidades e representações da sociedade civil relacionadas com a intelectualidade e com o pensamento brasileiro. Mineiro de São Gonçalo de Sapucaí, Fleming nasceu em 1880 e veio a falecer no Rio de Janeiro em 1971. Escreveu alguns livros e publicou artigos em periódicos especializados na área de Geografia. Publicou, a pedido de Wenceslau Braz, sua principal obra, *Limites Interestaduais* em 1917 (SANTOS, 2006).

João Costa, assistente militar do Sr. Ministro Carlos Maximiliano, afim de visitar na rua Venezuela no Cães do Porto, o Hospital da Liga Pró-Materes, alli instalado ontem pelo Sr, Professor Fernando Magalhães, por ordem do Governo.

SS. Exas. Foram alli recebidas pelo Sr, Professor Fernando de Magalhães e os médicos auxiliares do Serviço Clínico, pelo Sr. Almirante José Carlos de Carvalho, Dr. Guerra Durval e Senhora e varias senhoras que fazem parte da Liga Pró-Maters.

O Sr. Presidente da Republica, acompanhado do Sr. Ministro da Justiça e sua comitiva, esteve em todas as dependências do hospital recebendo uma impressão muito agradável dessa visita.

Então já ali em tratamento dous enfermos, achando-se preparados 160 leitos para receber outros doentes que apareceram.

O Sr. Presidente da Republica louvou a presteza e proficiência que o Dr. Fernando Magalhães havia installado o hospital. O hospital está em condições de poder tratar de 600 doentes, tal a vastidão dos seus salões e o que é mais, as condições hygienicas dos mesmos (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.2-3).

Através dessa matéria jornalística pode-se perceber um contentamento do presidente da república, Venceslau Brás, com a atuação do Hospital Maternidade Pró-Matre no atendimento aos vitimados pela gripe espanhola.

Passada a epidemia, em 09 de fevereiro de 1919, foi inaugurado o hospital com duas enfermarias (uma de obstetrícia e uma de ginecologia) totalizando 40 (quarenta) leitos. No mesmo ano a média de atendimento semanal era de 172 (cento e sessenta e duas) consultas no consultório de gestantes. Em seguida, foi criada uma creche com capacidade de receber vinte crianças. Nos anos subsequentes foram instalados dezessete postos de saúde materna e dezessete farmácias na cidade do Rio de Janeiro. Os serviços oferecidos à população foram se ampliando através de um hospital com capacidade de cento e cinquenta e cinco leitos, distribuídos por enfermarias e apartamentos particulares. Além disto, foram também criados laboratórios médicos e serviços ambulatoriais que atendiam à população feminina e infantil carente (SCHUMACHER & BRAZIL, 2000).

Em junho de 1919, ocorreu um incêndio no prédio, mas as instalações do Hospital Maternidade Pró-Matre foram rapidamente recuperadas e reinauguradas em setembro de 1919. As obras receberam financiamento de recursos arrecadados em eventos beneficentes, organizados pelos fundadores da associação (PÔRTO *et al*, 2008). A maternidade recém-inaugurada contava com 70 leitos, e ainda foram montados mais 22 postos urbanos de consulta, um laboratório obstétrico e ginecológico e uma creche. Na sede, eram formadas Enfermeiras – e alunos da Faculdade de Medicina (ROHDEN, 2006).

A proposta de Fernando Magalhães era que o Estado fosse o provedor da assistência, e incentivou a hospitalização das parturientes. Com isso, o médico teria controle, tanto do campo obstétrico, quanto do corpo da mulher. O professor Fernando Magalhães tinha sua sustentação política na Maternidade-escola de Laranjeiras, de onde foi diretor de 1915 a 1918

no Hospital Maternidade Pró-Matre, fundado e dirigido por ele, em 1919 e, na Santa Casa de Misericórdia (PROGIANTI, 2001).

Porém, no Rio de Janeiro (Distrito Federal), à época havia número de leitos muito aquém da necessidade. Desta forma, para amenizar a situação, organizou-se a Assistência ao Parto em Domicílio, para as mulheres gestantes que não apresentassem risco. Fernando Magalhães colaborou para tal decisão com a ajuda do Dr Rodrigues Lima. Ambos organizaram um plano de serviço para funcionar no Hospital Maternidade Pró-Matre. Este serviço compreendia um consultório externo, onde as candidatas deveriam se matricular e procedia-se a seleção rigorosa dos casos. Os partos seriam atendidos por alunas parteiras habilitadas e/ou por médicos, caso necessário. A assistência pelos mesmos profissionais continuaria durante o puerpério (COSTA, 1930).

Em 1919, foi criado pelo governo o Departamento Nacional da Criança, que coordenava a assistência às mães, crianças e adolescentes (SCHUMAHER, 2003).

De acordo com registros da Revista da Semana (1923), na semana que antecedeu a publicação desta matéria, ocorreu a inauguração da Capella do Hospital Maternidade Pró-Matre, donde estiveram presentes o corpo clínico e as enfermeiras<sup>44</sup> do Hospital Maternidade Pró-Matre. Dentre os presentes destacou-se a presença do prefeito Dr. Alaor Prata, da Exma. sra. d. Stella Guerra Duval, fundadora e diretora do hospital, e do Almirante José Carlos de Carvalho.



*Fac-símile B:* “O corpo clínico e enfermeiras do Hospital Pró-Matre; vê-se também no grupo, sentados, da direita para a esquerda, o prefeito dr. Alaor Prata, a exma. sra. d. Stella Guerra Durval, fundadora e diretora do hospital, e o almirante José Carlos de Carvalho” (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.30).

<sup>44</sup> Aqui, denomino-as enfermeiras, conforme registro encontrado no texto, porém não se pode assegurar se são parteiras ou enfermeiras (nota da autora).

O *fac-símile* B trata de um aposento interior e natural do Hospital Maternidade Pró-Matre. Este aposento é a Capela Nossa Senhora do Parto<sup>45</sup> (ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, 2008).

*Fac-símile* do tipo posado, de formato retangular e sentido horizontal. Retrata-se grupo de 30 pessoas dentre homens e mulheres. Em 1º plano estão sentadas as pessoas de destaque, e em 2º e 3º planos, o corpo clínico e as enfermeiras, que se encontram de pé.

Pode-se notar que a concentração masculina deu-se na parte central e das mulheres (enfermeiras) ao redor. Os homens com trajes em cor escura estão rodeados das demais pessoas, que se encontram vestidas com cor clara. Porto & Santos (2007) explicam isso como a transmissão do efeito de luminosidade, ou seja, os que estão com a cor clara iluminam os que estão trajando cor escura, como modo de destacá-los.

As pessoas retratadas em 1º plano usam trajes sociais. Os dois senhores trajam terno de cor escura, gravata escura, blusão em cor clara e sapatos escuros. Um deles utiliza-se de uma bengala. Todas as senhoras utilizam traje claro. Uma delas usa cabelo solto e colar. A outra senhora utiliza chapéu escuro com grandes abas e bolsa de mão, também em cor escura.

O corpo clínico traja jaleco<sup>46</sup> de cor clara com gravata preta e blusão em cor clara. As enfermeiras trajam vestuário de trabalho<sup>47</sup> de cor clara, saia até a altura do tornozelo, algumas usam gorro outras não, estando com o cabelo preso. Duas dessas enfermeiras calçam sapatos de cor clara; as demais, não foi possível identificar. A maioria dessas enfermeiras parece ser de etnia negra, ao contrário dos senhores do corpo clínico, que em sua maior parte parecem ser de etnia branca.

A sala retratada tem paredes pintadas em cor clara e adornos com tema religioso. Dentre eles encontram-se, um quadro, à esquerda, do Sagrado Coração de Jesus, com candelabro logo abaixo, e um suposto andor com a imagem da Virgem Maria com seu filho Jesus Cristo nos braços, ao fundo. A porta à esquerda é de cor escura.

Através deste *fac-símile* pode-se notar no espaço hospitalar, a religião e o cuidado interligados. Segundo Pôrto *et al* (2008), o hospital, desde suas origens, tinha um cunho religioso e de centro social para o atendimento da população carente. Ele não era um local de

---

<sup>45</sup> Protetora das gestantes. A imagem é pioneira na tentativa de representar Maria isolada na sua maternidade (PIMENTEL, 2008).

<sup>46</sup> O termo jaleco pode ser encontrado na literatura com outras denominações, como bata e guarda-pó. Ele é utilizado como uma barreira corporal em hospitais, laboratórios, fábricas, etc. Na área da saúde ele é amplamente utilizado por todos os profissionais, e por isso a sua imagem é mais associada a estes grupos sociais. Geralmente é feito por tecido de coloração branca (nota da autora).

<sup>47</sup> Termo utilizado por Crane (2006) para designar um padrão de roupa utilizado pelas classes operárias e que tinha a intenção de expressar diferenças sociais entre as classes.



cura, era um território de religiosos e suas irmandades. Ele só passou a ser visto com cunho curativo e como *lócus* de atuação do médico ao final do século XVIII.

Neste capítulo, pode-se identificar a luta das mulheres no campo da saúde, e a influência da Igreja, mesmo se considerando o micro espaço social, o qual infere-se o engendramento de reflexo macro, conforme descrito no contexto social que abrange o período estudado.

## **CAPÍTULO 2 – A imagem pública da Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre na Revista da Semana**

Nesse capítulo, foi feita a descrição e algumas inferências acerca das imagens referentes aos ritos institucionais ligados ao curso de formação de Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre, veiculados na Revista da Semana, entre 1928 e 1931.

Este capítulo foi dividido em três partes:

No primeiro subtítulo – *Revista da Semana* – foi enfocada a história da revista, sua criação, público a que se destinava e que conteúdo continha em suas páginas.

No segundo subtítulo – *Enfermeira-Parteira na Revista da Semana – o rito institucional de formação* – realizou-se a descrição das oito imagens que compuseram o *corpus* de análise, com realização de inferências e triangulação dos dados com estudiosos da moda e da linguagem corporal.

No terceiro subtítulo – *Luz sobre os fac-símiles* – demonstrou-se numericamente a presença de homens e mulheres nos *fac-símiles* analisados, bem como se fez uma listagem referente a cada uma das imagens, das representações objetivas ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre.

### ***Revista da Semana***

A Revista da Semana, de onde foram retiradas as imagens para o estudo, surgiu em 1900, no Rio de Janeiro. Foi fundada por Álvaro de Tefé<sup>48</sup>. Na literatura, foram encontrados dados divergentes. Alguns registros apontam que ela teria surgido em 1899, outros afirmam sua existência em 1900 e outros ainda em 1901 (TABOADA, NERY & MARINHO, 2004).

A divergência pode ser esclarecida por meio do registro do vigésimo aniversário, pois nele o editor narra trajetória da revista, relatando que ela começou a circular em 20 de maio de 1900 (REVISTA DA SEMANA, 1920, capa). Porém, na matéria “Como surgiu a Revista da Semana”, escrita por Álvaro de Tefé, foi exposto um relato acerca da idealização da Revista da Semana. O conteúdo desse escrito, datado de 14 de julho de 1900, dizia que o nome imaginado inicialmente para a revista seria “Correio da Semana” e que não faltaria assunto para colocar em suas páginas (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.31).

---

<sup>48</sup> Álvaro de Tefé von Hoonholtz era filho de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Tefé, com Maria Luísa Dodsworth. Irmão de Nair de Tefé, a primeira caricaturista brasileira, que iniciou sua carreira na Revista Fon-Fon, concorrente direta da Revista da Semana (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2010).

A revista pertencia ao Jornal do Brasil e veio encartada nele até 1915, data em que foi comprada por Carlos Malheiros Dias<sup>49</sup> (diretor da revista), Aureliano Machado e Arthur Brandão. Começou, a partir daí, a lançar reportagens repletas de fotos, tornando-se mais elegante e feminina. Sua linha editorial era voltada principalmente para as atualidades sociais, políticas e policiais (TABOADA, NERY & MARINHO, 2004 e SODRÉ, 1999).

De acordo com Sodré (1999), os textos eram de Paulo Barreto e as ilustra es eram de responsabilidade de Raul Bambino, Julião Machado, J. Arthur e Correia Dias.

A implanta o das novas instala es da revista, na Rua do Lavradio, segundo  lvaro de Tefé, foi bastante trabalhosa,   medida que tiveram que importar vários maquinários e aprender a lidar com eles (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.31).

Além disso, outra dificuldade encontrada foi com rela o aos fotógrafos, que não queriam ir às ruas fotografar porque tinham vergonha e medo. Para resolu o deste problema foi contratado o fotógrafo Medeiros de Albuquerque. Como cronista da revista, estava o respeitado Olavo Bilac<sup>50</sup> (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.32).

O sucesso do primeiro número da revista foi estrondoso, e “o preço era barat ssimo 500 r is. O jornal corria de mão em mão. Todo mundo lia a ‘Revista’” (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.32).

Ela era um semanário em que os textos tratavam de temas contemporâneos e de interesse para as f mlias brasileiras. As escolas, baseadas nesta popularidade, aproveitaram para divulgar a imagem da enfermeira para a sociedade da época, visto que esta revista foi pioneira na utiliza o de fotografias, como ilustra o das matérias jornalísticas (PORTO, 2007b).

A fotografia passou a ocupar o lugar das ilustra es nos veículos jornalísticos no início do século XX. Isto podia ser visto nas revistas ilustradas. A inten o era traduzir através das imagens um acontecimento, mas sem se preocupar com a leitura da imagem, ou seja, ela estava ali apenas para ilustrar o texto, fato este que foi se modificando através dos anos (MUNTEAL & GRANDI, 2005).

As fotografias puderam ser observadas nas páginas da Revista da Semana desde a sua funda o, em 1900, quando foi apresentado um cartaz de propaganda, em que anunciava o uso das fotografias pela revista (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.31).

---

<sup>49</sup> Jornalista, cronista, romancista, contista, político e historiador português. Formado em Letras pela Universidade de Lisboa (LUFT, 1969).

<sup>50</sup> Jornalista e poeta brasileiro. Nascido em 16 de dezembro de 1865 e falecido em 28 de dezembro de 1918. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Escreveu a letra do Hino   Bandeira. Em 1907 foi eleito pela Revista Fon-Fon como “príncipe dos poetas brasileiros” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2011).

A seguir, apresenta-se o cartaz espalhado pelo Rio de Janeiro:



Fac-símile C: “O cartaz de propaganda da Revista da Semana, amplamente espalhado pelo Rio em 1900” (REVISTA DA SEMANA, 1923, p.31).

Em trecho encontrado na própria revista foi possível observar no que e em que tipo de público ela estava focada:

O nosso empenho estará todo em impômo-nos à sua atenção e á sua estima, em fazer com que a Revista da Semana seja a revista necessária em toda família brasileira, tão indispensavel a curiosos espiritos que nella busquem sobretudo a chronica illustrada dos sucessos contemporaneos, como as formosas senhorinhas, preocupadas com os ultimos dictames da moda, e a travêssas crianças, querendo apenas alguns momentos de distracção (REVISTA DA SEMANA, 1920, capa).

Em 1920, foi publicada na capa da Revista da Semana, a matéria intitulada “Nosso Aniversário”, em que dizia que a revista desde a sua fundação até os dias atuais continuava com o mesmo ideal, ou seja, afastada da política, das discussões pessoais e dos assuntos escandalosos, dando assim ao público uma impressão sadia e de moralidade. Destacou-se

grande orgulho da existência da revista por ela não ter se desviado do caminho da honra (REVISTA DA SEMANA, 1920, capa).

A publicação desta matéria jornalística ocorreu quando o diretor da Revista da Semana era Carlos Malheiros, e o diretor-gerente, Aureliano Machado, donos da revista à época (REVISTA DA SEMANA, 1920, capa).

A Revista da Semana foi destacada num texto da “Revista do Brasil”, em 2000 (p.44), em que dizia que a fotografia foi um importante recurso utilizado pela Revista da Semana em suas páginas, com o intuito de ilustrar as suas reportagens. Mencionou-se também que as únicas imagens que se tem sobre a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, foram publicadas pela Revista da Semana (TABOADA, NERY & MARINHO, 2004).

### ***Enfermeira-Parteira na Revista da Semana – o rito institucional de formação***

A Revista da Semana trouxe, em suas páginas, oito *fac-símiles* referentes aos ritos institucionais de formatura das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, entre os anos de 1928-1931.

Neste momento do estudo, foram feitas as descrições e algumas análises dos *fac-símiles*.

O *fac-símile* n.1 trata-se de uma imagem que retrata as formandas, porém não há detalhes de que categoria pertenciam as mulheres retratadas, no entanto, de acordo com o estudo, infere-se que sejam as formandas do curso de Enfermeira-Parteira existente à época no Hospital Maternidade Pró-Matre, em virtude da legenda que acompanhava-o, a saber: “As *novas diplomadas da Pro-Matre*”, e que vinha inserida dentro do título “Noticias e Commentarios”.



Fac-símile n.1: “As novas diplomadas da Pro-Matre” (REVISTA DA SEMANA, 1928, p.28).

A imagem é posada, formato retangular e sentido horizontal, em ambiente externo e natural. Mostra um grupo de doze mulheres, estando cinco sentadas e sete de pé. Cabe destacar que nesse texto imagético há presença apenas do gênero feminino, o que traduz uma profissão composta essencialmente por mulheres.

Todas vestem uniforme de cor clara, com véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, mangas curtas e saia abaixo dos joelhos. As meias que puderam ser observadas também são claras, assim como os sapatos. As mulheres se encontram com os cabelos presos. Uma das mulheres ostenta um relógio de pulso. Apenas uma das mulheres traça uniforme com gola alta, nas demais a gola aparece com formato da letra “V”. As mulheres negras se encontram em 2º plano fotográfico.

Pode-se perceber que a *hexis* corporal das três mulheres sentadas à esquerda, no 1º plano fotográfico tem coluna ereta, pernas paralelas e mãos repousadas sobre as coxas. Essa *hexis* é descrita por Bourdieu (2003) como uma forma de confinamento simbólico, carregada de uma significação moral da conduta feminina. As outras duas, que se encontram sentadas na parte direita da imagem, e no mesmo plano fotográfico das anteriores, assumem uma posição mais despojada e um pouco lateralizada.

Das mulheres que estão de pé, ou seja, no 2º plano fotográfico, merece destaque a terceira da direita para esquerda, pois se encontra com a cabeça inclinada, não olhando para a câmera no momento do *click* fotográfico.

De acordo com a psicossintetista, jornalista, escritora e professora Anna Guglielmi (2009), em seu livro “A linguagem secreta do corpo: a comunicação não verbal”, a posição de cabeça ereta significa que a pessoa está presente e que participa ativamente do evento, diferentemente da cabeça inclinada, que pode demonstrar pessoas frágeis e indefesas. Depreendo que o posicionamento das negras no 2º plano sugere um baixo *status* social e segregação étnica.

O ambiente retratado se trata do pátio externo do Hospital Maternidade Pró-Matre, onde se vê duas janelas ao fundo e ornamentação com cinco corbélías de flores ao chão, aos pés das formandas.

As flores têm uma carga simbólica bastante forte. De acordo com o artigo online “Flor (simbologia)” de autoria desconhecida (2003), a flor pode ter uma gama enorme de significados, como beleza, amor, perfeição, glória, alegria, entrega a Deus, evolução espiritual e alma. A flor é também um símbolo feminino ligado à criação, à fertilidade e ao nascimento. Cada tipo de flor ainda tem seus significados específicos, porém não foi possível a identificação de qual a flor foi visualizada na imagem, não permitindo um aprofundamento dos seus significados.

Para Porto (2007b), as flores são ligadas ao feminino, representando beleza e sensibilidade. Associadas ao arranjo fotográfico transmitem prestígio social e fartura.

Desta forma, entende-se que a presença das flores teve o intuito de exaltar a Instituição e proclamar a profissão de Enfermeira-Parteira como profissão feminina.

No *fac-símile* n.2 encontrou-se a seguinte legenda associada: “*S. ex. revma. D. Mamede, bispo de Sebaste, por ocasião da missa votiva, entre as novas enfermeiras*”. Este, veio acompanhado do título “Pró-Matre”. No texto dessa fotorreportagem foi colocado que se tratava de uma fotografia tirada em comemoração do 11º aniversário do Hospital Maternidade Pró-Matre.



Fac-símile n.2: “S. ex. revma. D. Mamede, bispo de Sebaste, por ocasião da missa votiva, entre as novas enfermeiras” (REVISTA DA SEMANA, 1929, p.22).

A imagem é do tipo posada, de formato retangular e sentido horizontal, em ambiente interno e natural. Esse ambiente é o interior da capela do Hospital Maternidade Pró-Matre. Tem-se um grupo de dez pessoas, sendo oito mulheres e dois homens. Todos os retratados encontram-se em pé.

Na imagem percebe-se a predominância do gênero feminino, porém os dois homens presentes estão inseridos em posição de destaque, situando-se na área central do *click* fotográfico. Um dos homens, em destaque, é Dom Joaquim Mamede da Silva Leite<sup>51</sup>, que, segundo a Arquidiocese de Campinas (2010), em 1916, foi nomeado Bispo Auxiliar de Campinas e Bispo Titular de Sebaste de Laudicéia, na Frígia, Ásia Menor.

As representações objetais utilizadas pelas formandas foram uniforme de cor clara, composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa com mangas curtas, saia abaixo do joelho, meias e sapatos. Encontram-se enfileiradas em igual número (quatro) de ambos os lados, com organização em forma da letra “V”.

Nessa organização de texto fotográfico, o vértice do triângulo coube ao gênero masculino, sugerindo dominação masculina, que será abordada mais adiante.

<sup>51</sup> Nasceu em Campinas em 1876. Formou-se em Filosofia, em Roma. Recebeu o diaconato e o subdiaconato em 1899. Presidiu sua primeira missa, em 1900, na Catedral de Vitória – ES. Em 1905 recebeu o título de Monsenhor. Em 1916 foi nomeado Bispo Auxiliar de Campinas e Bispo Titular de Sebaste de Laudicéia, Mais tarde, assumiu a Capelania da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde desenvolveu um grande trabalho em favor dos desfavorecidos, principalmente doentes, presos, crianças de rua e mendigos. Faleceu em Petrópolis, em 1947 (ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS, 2010).



Com relação à *hexis* corporal das oito mulheres, percebe-se que todas elas estão na mesma posição, ou seja, em posição de sentido, que lembra a posição de sentido pelos militares.

A terceira da direita para a esquerda retratada está com o uniforme de mangas compridas, diferindo-se das demais. Infere-se que seja uma forma de confinamento simbólico.

O bispo usa batina e paramentos em cor clara, com detalhes escuros e provavelmente sapatos escuros.

A veste utilizada pelo bispo é, provavelmente, de cor branca, considerando os tons cinza. De acordo com a professora de história da moda Melissa Leventon (2009), em seu livro “História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth”, o branco era a cor da maior parte das vestes eclesiásticas utilizada pela igreja antiga. Ele compõe um dos grupos de cores litúrgicas e traz a conotação de pureza. Ao longo dos tempos outros trajés encontrados na igreja tornaram-se coloridos, com exceção da túnica usada logo acima da pele, que permaneceu alva, embora decorada na bainha (LEVENTON, 2009).

O Bispo encontra-se com a *hexis* corporal de braços cruzados, considerado como uma barreira social, uma vez que traduz proteção. As mãos sobrepostas indicam descaso ao que está sendo ouvido (GUGLIELMI, 2009). No entanto, não pode-se tratar tudo como uma verdade absoluta ao contrastar a literatura e a imagem analisada. Devem-se ter critérios coerentes, mas se tratam de possibilidades.

O outro homem usa jaleco em tom claro com gravata escura. A autora Toby Fischer-Mirkin (2001), membro da comunidade norte-americana de moda, em sua obra “O código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina” expõe que a gravata tem um simbolismo fálico, tendo significado de virilidade, por representar um falo de cabeça para baixo.

Neste sentido, articulando a organização do texto fotográfico e o simbolismo do uso da gravata, destaca a presença de mais elementos simbólicos do masculino, em contraste com o véu que sacraliza a mulher.

Como atributos de paisagem, veem-se imagens de santos na parede e flores no altar, porém não foi possível identificar quais eram os santos expostos. A capela se apresenta com paredes de tonalidade clara, provavelmente por ampliar o ambiente, para simbolizar claridade, paz e também como sinônimo de higiene.

Mac Laren (1991) afirma que através dos símbolos religiosos era possível concretizar as qualidades transcendentais de Deus, inculcando às estudantes a ideia de um trabalho árduo, no entanto, santificado (SANTOS, 2004).

A presença de elementos religiosos, para Bourdieu (2004), demonstra a disciplina corporal, à medida que se encontra relacionada à obediência e à crença.

No aspecto social, ficou inculcado no imaginário das pessoas, que, quando estão na presença de imagens religiosas é o mesmo que estar na presença da divindade, e, portanto, deve-se ter respeito, ficando assim mais contidas.

O *fac-símile* n.3 foi retirado de uma reportagem datada do mesmo dia da anterior, desta forma o título que a acompanhou foi o mesmo: “Pró-Matre”. Trata-se também de uma imagem em comemoração do 11º aniversário do Hospital Maternidade Pró-Matre. Porém sua legenda era diferenciada: “A cerimônia de inauguração da sala de partos da Pro-Matre, que recebeu o nome de D. Laura Chagas Machado, senhora do nosso diretor (...)”.



*Fac-símile* n.3: “A cerimônia de inauguração da sala de partos da Pro-Matre, que recebeu o nome de D. Laura Chagas Machado, senhora do nosso diretor. Vê-se no grupo d. Mamede tendo á direita as galantes Adelaide e Lourdes, filhas do nosso diretor; senhorinha Adelaide Chagas, senhora e dr. Randolpho Chagas e Aureliano Machado, diretor da REVISTA DA SEMANA, e á esquerda as sras. Laura Chagas Machado, Anna Amélia Carneiro de Mendonça<sup>52</sup>, Aureliano Amaral, senhorinha Carola Chagas Ferreira e professor Fernando Magalhães” (REVISTA DA SEMANA, 1929, p.22).

<sup>52</sup> Poetisa, tradutora e feminista. Aos 15 anos lançou seu primeiro livro, em 1922. Destacou-se pela atuação na defesa pelos direitos das mulheres e nas iniciativas promovidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual foi vice-presidente. Foi a primeira mulher membro de um Tribunal Eleitoral no Brasil. Participou da Associação das Damas da Cruz Verde, que criou o Hospital Maternidade Pró-Matre. Em 1939 ajudou a criar a Casa do Estudante do Brasil e a Associação Brasileira de Estudantes (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).

Na legenda de referência dessa imagem foi possível perceber que, os ritos institucionais contavam com a presença de agentes sociais de relevo.

Essa imagem é posada, formato irregular e sentido horizontal. O ambiente era interno e natural. Trata-se do interior da sala de partos da instituição. Esta é composta por um grupo misto de cerca de trinta pessoas. Todos de pé.

Com relação aos atributos pessoais, observa-se que as Enfermeiras-Parteiras usavam uniforme em cor clara, véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa com mangas curtas, saia, meias e sapatos. Todas se encontram em 2º e 3º planos fotográfico. Uma delas aparece de corpo inteiro à esquerda da imagem e segurando um objeto cilíndrico em suas mãos, que se acredita ser o diploma, porém não foi possível afirmar. Das demais formandas, aparecem apenas suas cabeças, ostentando o gorro com símbolo de cruz na frente.

Em 1º plano fotográfico encontram-se figuras sociais importantes. A presença dessas pessoas tinha o poder de conferir prestígio social ao evento e à instituição, atribuindo mais crença às Enfermeiras-Parteiras.

As senhoras retratadas nesse 1º plano usam traje social, chapéu, colar, mangas compridas, sapatos escuros e bolsas. Exceto uma delas, a filha de Fernando Magalhães, Lourdes, que usa saia acima dos joelhos, as demais usam saia abaixo dos joelhos. A senhorita Lourdes se encontra posicionada um pouco mais a frente que as demais e é a que usa traje de tom mais claro. A saia acima dos joelhos, por ela utilizada, pode representar ousadia, bem como pode ter sido usada por se tratar de uma adolescente.

O chapéu, historicamente, é um elemento de etiqueta e costumes culturais. Os chapéus serviram, em vários momentos da História, para indicar os recursos financeiros da mulher, seu status civil ou religião. Socialmente, o chapéu tem forte associação com o poder fálico, transcrevendo períodos de forte dominação masculina. Em torno de 1880, momento em que as mulheres conquistavam cada vez mais liberdade, começaram a utilizar o chapéu tipo pescador (FISCHER- MIRKIN, 2001).

Durante o século XIX as mulheres jamais eram vistas em público sem chapéu, sendo este considerado uma necessidade cultural. Até a I Guerra Mundial, a mulher assim que acordava vestia uma touca branca acompanhada de algum tipo de chapéu ou capuz toda vez que saía de casa. Só não o fazia caso estivesse de luto. Depois da guerra isso se modificou, passando as mulheres a usar chapéu apenas quando iam à igreja, em um almoço ou tratar de negócios, sendo então este objeto transformado em um acessório da moda (FISCHER- MIRKIN, 2001).

De acordo com a professora e especialista em Sociologia da cultura, artes e mídia Diana Crane (2006) em sua obra “A moda e seu papel social – classe, gênero e identidade das roupas”, chapéus transmitiam sinais codificados a respeito da posição social de quem o usava.

O professor Fernando Magalhães usa jaleco em cor clara, mangas compridas, gravata em cor escura. O Dr. Randolpho Chagas e o diretor da Revista da Semana Aureliano Machado trajam terno, gravata e sapatos escuros e blusão claro.

Em relatos da própria Revista da Semana (1920, capa), Aureliano Machado, um dos donos em 1920, também ocupava o cargo de diretor-gerente.

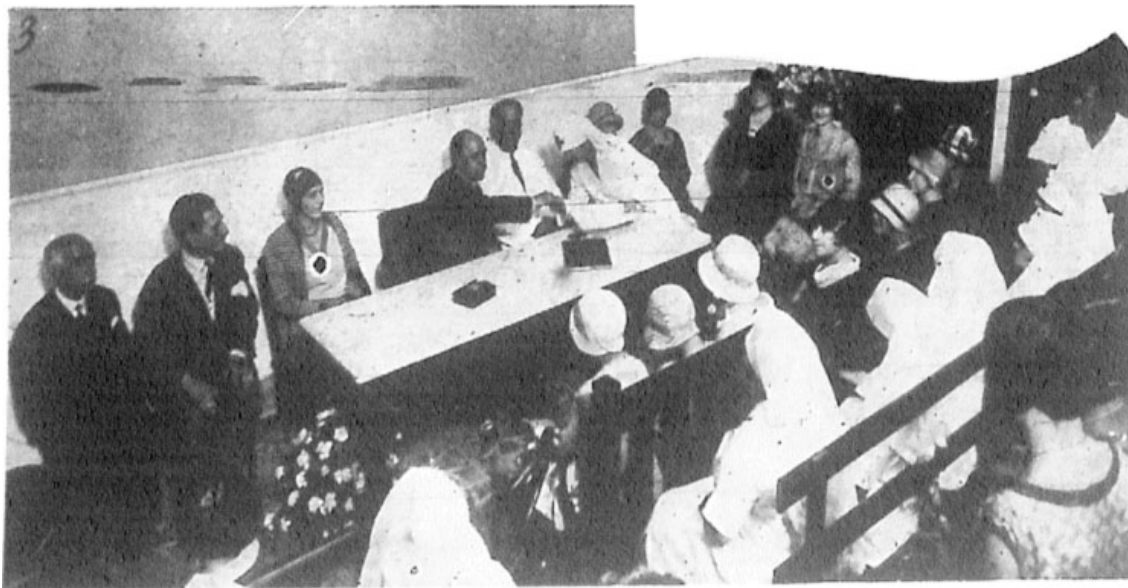
Dentre os homens que compõem o 2º e 3º planos, alguns usam jaleco e blusão claros e gravata em tom escuro e os demais, terno e gravata escuros e blusão claro.

Os ternos e calças masculinos tem um simbolismo fálico, igualmente a gravata (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Nesse texto imagético podem-se fazer diferentes leituras acerca do significado da *hexis* corporal dos braços dos fotografados. Pautada em Guglielmi (2009) foram feitas as seguintes inferências: o diretor da Revista da Semana, Aureliano Machado, assume uma postura com os braços atrás das costas, traduzindo-se relaxado, seguro de si e consciente de sua autoridade; as mulheres do 1º plano fotográfico assumem uma postura de braços que indicam barreiras parciais, mais especificamente nesse caso, dos “braços que sustentam”, como forma de proteção, segurando bolsas ou casacos; o professor Fernando Magalhães e o outro homem que se situa logo atrás dele assumem uma postura de braços cruzados, de “braços que se fecham”, que é um gesto de barreira e fechamento, dando a impressão de que algo não lhes agrada. Por outro lado, a postura fechada pode ser também interpretada como uma maneira de mostrar autoridade no espaço. A economia dos gestos pode ser traduzida por Bourdieu (1998) como uma forma de domesticação do corpo.

A sala de partos tem paredes em cor clara. Ao fundo e à esquerda vê-se uma janela em vidro, do lado esquerdo da imagem um foco e uma maca do lado direito. Ao lado esquerdo, a parede parece ser ladrilhada. Ao fundo da sala há uma placa presa à parede que não foi possível identificar o que está escrito.

O *fac-símile* n.4 trata de uma cerimônia de entrega de diplomas. Compôs a mesma página da Revista da Semana dos dois anteriores, vindo com a seguinte legenda referente: “*D. Mamede entregando os diplomas às novas enfermeiras. À esquerda de s. ex. o professor Fernando Magalhães, o director da Pró-Matre, e à direita a senhora Anna Amélia e os srs. Aureliano Machado e Randolpho Chagas*”.



*Fac-símile* n.4: “D. Mamede entregando os diplomas às novas enfermeiras. Á esquerda de s. ex. o professor Fernando Magalhães, o director da Pró-Matre, e á direita a senhora Anna Amélia e os srs. Aureliano Machado e Randolpho Chagas” (REVISTA DA SEMANA, 1929, p.22).

A imagem é do tipo flagrante, de formato irregular e sentido horizontal. Refere-se a um ambiente natural-interior. Esta é composta por um grupo misto de vinte e sete pessoas, sendo que duas se encontram de pé e vinte e cinco sentadas.

As Enfermeiras-Parteiras usam uniforme em cor clara, composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa e saia. Uma delas está recebendo do bispo o diploma e usa roupa de mangas compridas, diferenciando-se, possivelmente, das demais, que se pôde observar. Esta mesma formanda está com uma *hexis* corporal que sugere reverência como se fosse beijar a mão ou o anel do bispo.

De acordo com Cobra (2006) o beijar a mão é um gesto respeitoso de saudação para com uma autoridade religiosa. Na verdade, ao se tratar de um bispo, o que se beija é o anel, símbolo de sua autoridade eclesiástica. A imagem não permite ter certeza da presença do anel, mas se entende que cabe a inferência.

Destaca-se que nenhuma das Enfermeiras-Parteiras estava sentada no primeiro banco. As demais senhoras que estão na primeira fileira usam traje social e chapéu.

Na composição da mesa de cerimônia encontravam-se D. Mamede, que usava traje em cor escura, o professor Fernando Magalhães que usava jaleco em cor clara, mangas compridas e gravata em cor escura, a senhora Anna Amélia, que trajava casaco, chapéu e comenda com

insígnia<sup>53</sup> pendurada no pescoço e os senhores Aureliano Machado e Randolpho Chagas que usavam terno em cor escura, blusão em cor clara e gravata de tom escuro.

Há outra senhora, sentada lateralmente à mesa, que portava em seu busto uma insígnia semelhante a da senhora Anna Amélia. A insígnia é uma marca, um símbolo que identifica a instituição ou cargo que a pessoa pertence. Santos (2004) ressaltou que insígnias em rituais são consideradas instrumentos simbólicos, e através deles pode-se proclamar a identidade, e infere-se que esta insígnia, de acordo com as leituras realizadas sobre a história da mulher e da instituição Hospital Maternidade Pró-Matre, possa ser referente às Damas da Cruz Verde.

Uma das mulheres em pé, situada no canto inferior direito do *fac-símile* não usa chapéu, mas está com os cabelos presos. Outra figura que mereceu destaque foi a senhora negra, situada no canto superior direito da imagem, que, possivelmente, é professora da turma de formandas, de acordo com a triangulação de dados com o *fac-símile* n.8.

Com relação ao cenário, trata-se de uma sala composta por mesa e bancos, ornamentada por arranjos florais, organizada para evento. Em cima da mesa encontram-se dois objetos escuros, sendo que um deles deixa transparecer ser um livro ou caderno, provavelmente para o registro da formatura.

Na fotorreportagem onde se insere o *fac-símile* n.5, vê-se a turma de novas Enfermeiras-Parteiras. O título que a acompanhava era também “Pró-Matre”, porém não se tratava do mesmo dia, nem do mesmo ano. A ela veio atrelada a seguinte legenda: “*As novas parteiras diplomadas pela Pro-Matre. Vê-se no grupo o dr. Arnt, paranypho, que tem á direita a directora dos serviços obstétricos*”.

---

<sup>53</sup> Não foi possível certificar-se de qual instituição era a insígnia, mesmo após ampliação (nota da autora).



*Fac-símile* n.5: “As novas parteiras diplomadas pela Pro-Matre. Vê-se no grupo o dr. Arnt, paranynpho, que tem á direita a directora dos serviços obstétricos” (REVISTA DA SEMANA, 1931, p.29).

Percebe-se então, pela primeira vez, o uso do termo, parteira, e não enfermeira, como nas demais imagens. O período em que foram realizados os *clicks* fotográficos trata-se de um período crítico de confusões, com relação à denominação dos profissionais dessas duas profissões distintas. À época, ambos os cursos de formação profissional coexistiam em diversas escolas espalhadas pelo Brasil.

A imagem retratada pelo *fac-símile* é do posada e geometricamente quadrada, em ambiente não definido. Dentre os retratados, tem-se um grupo de nove pessoas, sendo oito mulheres e um homem, estando quatro sentados e cinco em pé, num posicionamento escalonado.

As Enfermeiras-Parteiras usam uniforme em cor clara, composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa com mangas curtas, saia, meias e sapatos.

Mais uma vez, as negras se encontram no 2º plano fotográfico, reafirmando o explicitado na descrição do *fac-símile* n.1. Uma das formandas deste mesmo plano, a primeira da esquerda para a direita, parece ser idosa. As duas Enfermeiras-Parteiras que se encontram sentadas estão segurando os seus diplomas.

A primeira formanda sentada, da esquerda para direita, assume uma posição de mãos sobrepostas e resguardando um objeto, no caso o diploma. Para Weil & Tompakow (2009), a *hexis* corporal apresentada induz proteção pessoal.

As duas novas diplomadas que se encontram sentadas mantêm a mesma posição de pernas. Os calcanhares cruzados, segundo Guglielmi (2009) sinalizam um comportamento negativo ou defensivo, sendo possível também controlar reação emotiva.

No centro do texto imagético, se encontram as pessoas de destaque. Dr Arnt usava jaleco em cor clara, calça e sapatos escuros. A senhora ao centro, diretora dos serviços obstétricos, trajava roupa de tom claro e sapatos escuros.

O Dr. Arnt foi identificado como chefe de clínica do Hospital Maternidade Pró-Matre em um *fac-símile* retratado na Revista da Semana, datada de 1931 (p.18), porém esta imagem não entrou no *corpus* do estudo, por se tratar do encerramento do curso de obstetrícia e ginecologia do Hospital Maternidade Pró-Matre, não tendo vínculo com os ritos institucionais ligados à formatura das Enfermeiras-Parteiras.

A diretora dos serviços obstétricos, embora não tenha sido aqui identificada, aparece posteriormente no *fac-símile* n.8 com seu respectivo nome, Leonor Chrisman. A fisionomia desta diretora traduz ser uma pessoa rígida. E era justamente esta a imagem passada pelas matronas, através de retratações em diversas bibliografias. Guglielmi (2009) acredita que, quando os cantos da boca estão abaixados, exprime uma forte tristeza ou desespero. Porém, muitas pessoas usam máscaras para não deixarem transparecer quem são realmente.

Tanto o Dr. Arnt, quanto a diretora dos serviços obstétricos, estão com os braços em posição de barreira de proteção. Isso pode dar-se conforme encontrado na imagem, quando apenas um braço atravessa e protege o corpo (GUGLIELMI, 2009).

A imagem apresenta-se sem nenhum atributo de paisagem, com exceção das paredes de cor escura e das cadeiras em que os fotografados em 1º plano encontram-se sentados, as quais não foram possíveis de serem observadas.

O *fac-símile* n.6 demonstra a entrega de diplomas, sendo o título da matéria “Encerramento de Cursos na Pró-Matre”. A imagem veio acompanhada da seguinte legenda: “A senhora Getúlio Vargas<sup>54</sup> na mesa, tendo à sua esquerda as senhoras Guerra Duval e

---

<sup>54</sup> Darci Sarmanho Vargas, esposa de Getúlio Vargas. Pioneira na criação de órgãos assistenciais pertencentes ao Estado. Em 1934, apoiou a fundação do Abrigo Cristo Redentor, RJ. Em 1938, criou a Fundação Darci Vargas, que oferecia assistência a menores e coordenava escolas para crianças e idosos. Em 1940, inaugurou a Casa do Pequeno Jornaleiro que prestava serviços de proteção à infância. Em 1942, criou a Legião Brasileira de Assistência. Após o suicídio de seu marido Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954 passou a dedicar todo seu tempo às atividades assistenciais (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000).



*Anna Amélia Carneiro de Mendonça, no momento em que d. Isabel Chrisman recebia de suas mãos o diploma de enfermeira especializada”.*

Entende-se que enfermeira especializada não é o mesmo que enfermeira especialista (específico da área). Na imagem, nem mesmo são enfermeiras, são na verdade Enfermeiras-Parteiras. Esta nomenclatura vem com o intuito de elevar a profissão de enfermeira, já que, à época, estavam sendo substituídas parteiras por enfermeiras, deixando assim mais concreta a recém profissão surgida.



*Fac-símile n.6: “A senhora Getúlio Vargas na mesa, tendo à sua esquerda as senhoras Guerra Duval e Anna Amélia Carneiro de Mendonça, no momento em que d. Isabel Chrisman recebia de suas mãos o diploma de enfermeira especializada” (REVISTA DA SEMANA, 1931, p.18).*

A imagem é do tipo flagrante, de formato irregular, sentido vertical, em ambiente interno e natural. Retrata-se um grupo de seis pessoas, sendo todas mulheres e estando todas de pé.

A formanda que se encontra à direita da imagem se trata de Isabel Chrisman. Ela trajava uniforme de cor clara, composto por véu embutido, gorro, blusa de mangas curtas, saia abaixo dos joelhos, meias e sapatos. Ostenta um relógio de pulso e tem em sua mão esquerda

um diploma. Com a mão direita cumprimenta a senhora Getúlio Vargas. Ao fundo e à direita, em 2º plano fotográfico, encontra-se uma mulher, possivelmente, outra formanda, trajando roupa em cor clara e gorro.

O relógio de pulso e o diploma, como anteriormente destacado, serão analisados no capítulo que se segue.

O aperto de mão entre a senhora Vargas e a formanda Isabel Chrisman, segundo Guglielmi (2009) é um aperto que pode ser entendido, em seu livro, como “aperto entre iguais”, que conota o cumprimento entre duas pessoas que se respeitam, estimam-se. Essa *hexis* corporal pode ser percebida através das palmas das mãos, que encontram-se estendidas verticalmente (GUGLIELMI, 2009).

À mesa encontram-se quatro senhoras de trajes sociais. Da esquerda para direita, tem-se a senhora Getúlio Vargas, sorridente, usando roupa estampada e chapéu; a senhora Guerra Duval, com traje claro; Anna Amélia Carneiro de Mendonça, com roupa clara, colar escuro e chapéu; e outra senhora com traje em cor escura e chapéu. As três últimas mulheres mantêm olhares lateralizados, atentos para o ato da entrega do diploma.

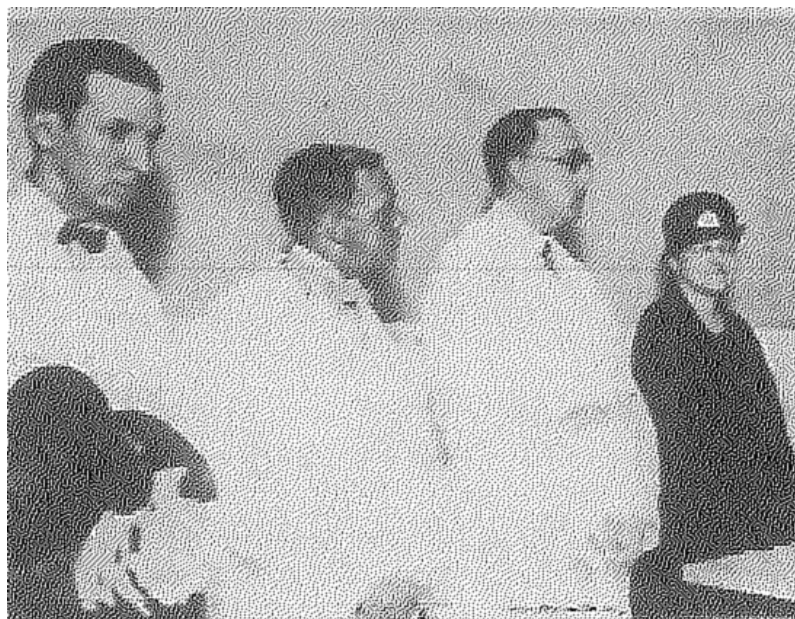
Nota-se que a senhora Anna Amélia não aparece apenas neste *fac-símile*, mas também nos *fac-símiles* n.3 e n.4, donde se concluiu que tinha participação ativa nos eventos do Hospital Maternidade Pró-Matre.

No caso desta imagem, os olhares lateralizados significam atenção, pois se dirigem ao ato principal da cerimônia, a entrega dos diplomas.

Com relação aos atributos de paisagem, vê-se uma sala com paredes em tom escuro, composta por uma mesa clara, com diplomas em cima. Ao fundo vê-se uma suposta imagem de santo sobre o mobiliário de tonalidade escura.

O *fac-símile* n.7 retrata os demais membros de composição da mesa de entrega dos diplomas demonstrada no *fac-símile* n.6, sendo uma extensão deste. O título da matéria é o mesmo da anterior “Encerramento de Cursos na Pró-Matre”. A legenda desta imagem era “Da esquerda para direita também na mesa o dr. F de Carvalho Azevedo, Mario Dias, João Camargo e senhora Jeronyma Mesquita”.

Este é o único *fac-símile* do *corpus* do estudo em que não há a presença das formandas do Hospital Maternidade Pró-Matre, mas sua relevância se deu em virtude da complementação de informações.



*Fac-símile* n.7: “Da esquerda para direita também na mesa o dr. F de Carvalho Azevedo, Mario Dias, João Camargo e senhora Jeronyma Mesquita”. (REVISTA DA SEMANA, 1931, p.18).

É uma imagem flagrante, retangular, com sentido horizontal, realizada em ambiente interno e natural. Dentre as quatro pessoas retratadas, três são homens e uma mulher. Todos se encontram de pé. Dentre os atributos pessoais retratados nos homens, encontram-se trajes claros, que parecem ser jalecos, com blusa em tom claro e gravata borboleta em tom escuro. O Sr. João Camargo usa óculos.

Com relação à *hexis* corporal adotada por eles, vê-se que o Dr. F de Carvalho Azevedo mantém a cabeça e o olhar levemente voltados para baixo. Mario Dias e João Camargo tem os olhares voltados para a esquerda deles. Unindo os *fac-símiles* n.6 e n.7 percebe-se que eles estão observando o ato da entrega dos diplomas.

A senhora Jeronyma Mesquita usa traje social escuro e chapéu escuro com detalhe claro na parte frontal. Ela mantém um olhar voltado para a câmera, demonstrando distração quanto ao ato da entrega dos diplomas, comportamento comum quando na presença de máquina fotográfica.

O ambiente fotografado trata-se de sala com paredes em tom claro, composta por uma mesa clara. A presença das Damas da Cruz Verde, como Stella Guerra Duval, Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Jeronyma Mesquita, na composição da mesa de entrega de diplomas, mostrada nos *fac-símiles* n.6 e n.7, demonstra, à época, a conquista da mulher pelo espaço público e a importância delas na fundação da instituição Hospital Maternidade Pró-Matre.

A fotorreportagem em que se insere o *fac-símile* n.8 é a mesma das duas anteriores (*fac-símiles* n.6 e n.7), tendo portado o mesmo título. Porém trata-se de uma foto de

formatura. Sua legenda era “Um grupo de enfermeiras diplomadas, (...). Vê-se ao centro do grupo d. Stella Guerra Duval diretora ao lado do prof dr. F de Carvalho Azevedo. Nas extremidades vêem-se d. Leonor Chrisman e d. Maria Miranda, auxiliares do curso”.



*Fac-símile* n.8: “Um grupo de enfermeiras diplomadas, d. Isabel Chrisman, Carmela Stanziola, Clotilde Lopes Martins, Esmeralda Vieira Fontes, Maria Peixoto e Odette Fioravante. Vê-se ao centro do grupo d. Stella Guerra Duval diretora ao lado do prof dr. F de Carvalho Azevedo. Nas extremidades vêem-se d. Leonor Chrisman e d. Maria Miranda, auxiliares do curso”. (REVISTA DA SEMANA, 1931, p.18).

Assim como no *fac-símile* n.6, aqui foi também listado o nome das Enfermeiras-Parteiras formandas, dado que até o momento não havia sido observado nas demais imagens sob análise. Trata-se de um *fac-símile* do tipo posado, de formato irregular e sentido horizontal. O ambiente é interno e natural.

O grupo retratado é composto por dez pessoas, sendo nove mulheres e um homem. Todos estão de pé em linha arcada.

As seis formandas encontram-se de uniforme em cor clara, composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa com decote “V”, saia abaixo dos joelhos, meias e sapatos. Elas estão com seus diplomas nas mãos. Da direita para a esquerda, a segunda retratada é a única formanda que se encontra com uniforme de mangas curtas.

Uma das formandas retratada neste *fac-símile*, a segunda mulher da direita para a esquerda, é a mesma que recebe o diploma das mãos da senhora Getúlio Vargas no *fac-símile* n.6, D. Isabel Chrisman. A identificação foi possível devido ao uso do uniforme de mangas curtas, diferentemente das demais formandas.

A diretora do Hospital Maternidade Pró-Matre, Stella Guerra Duval, encontra-se no centro da imagem e traça roupa clara, com saia abaixo dos joelhos.

As duas outras senhoras, Leonor Chrisman e Maria Miranda, auxiliares do curso, encontram-se nos cantos inferiores esquerdo e direito do texto imagético e usam roupas de trabalho de cor clara. A *hexis* corporal apresentada por ambas é bastante semelhante, com braços estendidos ao longo do corpo. A mulher do canto direito é a única negra. Pode-se perceber que a mulher do canto esquerdo é a mesma retratada no *fac-símile* n.5, ou seja, a diretora dos serviços obstétricos à época.

Possivelmente Isabel Chrisman e Leonor Chrisman tinham alguma relação de parentesco, não só pelo sobrenome, mas também por apresentarem biótipos parecidos.

O Prof. Dr. F de Carvalho Azevedo, encontra-se na parte central, trajando jaleco em cor clara e gravata borboleta em tom escuro.

Ele assume uma *hexis* corporal de mãos sobrepostas para frente. Conforme Guglielmi (2009) as mãos sobrepostas traduzem indiferença.

O ambiente é uma sala com paredes em tom claro, com os seguintes atributos de paisagem: porta escura, à esquerda; ao fundo, um quadro contendo uma fotografia/pintura de pessoa não identificada, com moldura em tom escuro; e três arranjos florais centralizados aos pés dos retratados.

Os *fac-símiles* retrataram uma realidade à luz do olhar de quem os produziu – o fotógrafo. Neste sentido, os *fac-símiles* veiculados nas páginas da Revista da Semana são a tradução do encontro entre o fotógrafo e os retratados, possibilitando evidenciar os ritos institucionais ocorridos no Hospital Maternidade Pró-Matre relacionados à formatura das Enfermeiras-Parteiras, no período de 1928-1931.

O cenário onde transcorreram as fotografias foi tanto o ambiente externo quanto o interno do Hospital Maternidade Pró-Matre, Rio de Janeiro, tendo como atributos de paisagem, majoritariamente, as flores.

Apenas os *fac-símiles* n.1 e n.6 tiveram exclusividade de texto fotográfico feminino, os demais, portanto, não apresentaram essa exclusividade, estando as Enfermeiras-Parteiras acompanhadas, no arranjo, por diversas figuras masculinas.



Observou-se que os uniformes das Enfermeiras-Parteiras eram sempre em tom claro, e compostos por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, blusa de mangas curtas com gola em formato “V”, na maioria das vezes, saias de comprimento abaixo dos joelhos,

meias e sapatos. Já os homens estavam trajados com jaleco ou de terno e gravata. As demais senhoras retratadas, em sua maioria, estavam de chapéu e com roupas sociais.

### *Luz sobre os fac-símiles*

As imagens coletadas dos *fac-símiles* da Revista da Semana foram traduzidas em duas categorias: a questão do gênero (representada pelos símbolos de masculino e feminino) e as representações objetais ostentadas no corpo das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, como exposto a seguir:

Quadro demonstrativo n.1: Imagens e representações objetais, ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras nas imagens dos *fac-símiles* da Revista da Semana, referentes ao Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro entre os anos de 1928-1931.

<b>Número da imagem do <i>Fac-símile</i></b>			<b>Representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras</b>
<i>Fac-símile</i> n. 1	---	12	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato. Relógio de pulso.
<i>Fac-símile</i> n. 2	02	08	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato.
<i>Fac-símile</i> n. 3	14	16	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato.
<i>Fac-símile</i> n. 4	04	23	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato. Diploma
<i>Fac-símile</i> n. 5	01	08	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato. Diploma.
<i>Fac-símile</i> n. 6	---	06	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato. Diploma. Relógio de pulso.
<i>Fac-símile</i> n. 7	03	01	<i>Não há Enfermeira-Parteira</i>
<i>Fac-símile</i> n. 8	01	09	Uniforme: véu embutido, gorro com símbolo da cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapato. Diploma.
<b>TOTAIS</b>	25	83	

Fonte: Matriz de Análise Fotográfica

Através desse quadro demonstrativo pode-se perceber a frequência acentuada do número de mulheres em relação aos homens, fato que pode ser observado por se tratarem de

*fac-símiles* de ritos institucionais ligados à formatura das Enfermeiras-Parteiras, sendo essa profissão praticada, exclusivamente, por mulheres.

As vinte e cinco representações masculinas, no entanto, tratavam-se, na maioria das vezes, de homens públicos, em condições de destaque social, político ou religioso. Já as oitenta e três representações femininas foram dadas quase em sua totalidade pelas formandas do curso de Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre, pelas familiares (esposas e filhas) dos homens destacados e por mulheres que assumiam papéis sociais importantes à época.

Mesmo as mulheres estando em maior número e sendo o principal motivo das fotografias, aos homens foi dado maior destaque. Esses, na maior parte das vezes estavam identificados na legenda referente à imagem, ou em observações que se seguiam.

Exemplo disso pode-se perceber no *fac-símile* n.5, em que são destacadas duas pessoas, uma do sexo masculino – Dr Arnt, paraninfo da turma, e a outra do sexo feminino – a diretora dos serviços obstétricos. Percebe-se que, embora a mulher tivesse uma posição de destaque ela não foi identificada pelo nome, apenas pelo cargo ocupado, o que já não aconteceu com o médico. Porém, esta mulher foi devidamente identificada no *fac-símile* n.8.

Outro exemplo que pode ser utilizado é o do *fac-símile* n.4, em que coube à figura masculina a principal tarefa – a entrega dos diplomas - no caso, o Bispo D. Mamede. Isso ressaltou também a grande influência exercida pela igreja e a demonstração de maior autoridade no campo, cabendo-lhe a honraria da entrega dos diplomas. De acordo com Alves (1979) as declarações dos bispos são consideradas como discurso oficial da igreja, tanto pelos fiéis como pelas autoridades civis. Ainda ressalta que quando essas declarações saem do domínio do dogma religioso são capazes de representar um pensamento político ou sociológico.

Nessa mesma imagem vê-se que a mesa foi composta basicamente por homens, estando mulheres da camada social mais privilegiada na lateral da mesa ou compondo o primeiro banco. Às formandas, foi delegada uma posição desfavorecida, um aparecimento discreto, sendo que elas eram a motivação para o rito institucional, uma vez que se tratava de sua formatura. Porém, nenhuma delas foi presença relevante.

Muito embora, naquela época, as mulheres já tivessem conseguido muitas conquistas e avanços, socialmente, isso ainda não era bem instalado. O homem ainda era visto como o gênero mais importante, detentor da razão, da inteligência, caracterizando a dominação masculina, tão discutida por Bourdieu.

Aplicando a noção de dominação masculina, Bourdieu (2003) diz que ao homem cabe o lado público, externo, e à mulher o lado privado, interno.

A partir do *fac-símile* n.6, imagens que datam de 1931, pode-se notar que o espaço social para as mulheres foi-se tornando mais coeso, permitindo, então, observar sua participação de forma mais ativa nos acontecimentos sociais.

Com relação às representações objetais, identificadas nas imagens foram: uniforme composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, gola e manga da blusa, saia, meias e sapatos; relógio de pulso e diploma. Estas serão analisadas em seguida.

Além disso, também foi de grande importância a análise da cor dessas vestes e a interpretação do cabelo atrelado a esses objetos utilizados na cabeça.

Destarte, os atributos pessoais das Enfermeiras-Parteiras serão decodificados no capítulo que se segue, no sentido de aprofundar a análise principalmente no que diz respeito aos elementos simbólicos ostentados em seus corpos.



### **CAPÍTULO 3 – Imagens e Representações Objetais**

Nesse capítulo foram analisadas e discutidas as imagens e as representações objetais encontradas nos *fac-símiles* veiculados na Revista da Semana.

Foram estudadas, mais especificamente, as representações objetais ostentadas no corpo das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, permitindo um melhor entendimento do significado do uso do uniforme na formação da identidade profissional.

Visando possibilitar uma leitura mais agradável e didática, esse capítulo foi dividido em dois subtítulos, a saber:

O primeiro – *A construção da identidade através da moda* – aborda sobre o papel social da moda.

O segundo – *Representações objetais ostentadas pela Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre* – desmonta as peças do uniforme utilizado pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, bem como o relógio de pulso e o diploma, com o intuito de entendê-las e analisá-las de modo particular.

#### ***A construção da identidade através da moda***

Fisher-Mirkin (2001) considera a moda como sendo uma ferramenta poderosa. A roupa pode conferir *status* no mundo profissional, pode proporcionar proteção, etc. Enfim, a moda é capaz de projetar uma imagem.

A moda desempenha um papel importante na construção social da identidade coletiva e/ou institucional, pois é considerada uma forma de comunicação simbólica. Ela é uma marca evidente do *status* social e de gênero. A escolha do vestuário é o reflexo de como as pessoas interpretam a cultura para seu próprio uso (CRANE, 2006).

Em seu ensaio “O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia” inserido na obra “A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos”, de Pierre Bourdieu (2008), ele abordou sobre a força da crença coletiva pautada na dominação simbólica da moda.

As roupas possuem códigos, permitindo uma comunicação social, pois através dela podem ser revelados diversos aspectos, como classe social, idade, personalidade, sexo,

opinião e estilo de vida (LURIE, 1997). Essa afirmação contempla o uniforme, uma vez que ele é um tipo de roupa.

Barnard (2003) reitera esse aspecto, pois acredita que através das roupas é possível a realização de uma leitura de signos e significados. A utilização de uma determinada roupa é determinada por vários fatores, tais como: tempo, questões culturais, valores sociais, mitos, crenças e produção intelectual.

Esse pensamento foi também reafirmado por Fischer-Mirkin (2001), quando cita que as roupas são capazes de transmitir mensagens a respeito de quem a usa.

De acordo com Caron (2009), os valores sociais e culturais da época influenciam, tanto na aparência do corpo, como na utilização das roupas.

A leitura do livro de Leventon (2009) permitiu a compreensão de que a roupa tem um significado em cada época, possuindo uma linguagem que lhe é peculiar ao tempo, desempenhando papel de expressão cultural.

No passado, roupas novas era privilégio dos mais abastados, cabendo aos pobres o uso de roupas usadas. Somente no final do século XIX as roupas, vão se tornando mais acessíveis às pessoas das camadas mais baixas da população. É a partir do século XX, que o vestuário vai perdendo sua importância econômica, porém não perde sua importância simbólica (CRANE, 2006).

Em seus estudos Bourdieu (2008) enfocou que uma das maneiras de se vestir é determinada por classes e culturas. No que diz respeito à relação “moda e mulher”, no século XIX as roupas utilizadas pelas mulheres tinham um papel de controle social<sup>55</sup> do Estado sobre o corpo feminino. No século XX pôde ser notado um esforço para definir a identidade da mulher através da imagem de estilos de roupas femininas, captadas em revistas de moda (CRANE, 2006).

Essa possibilidade se deu devido aos movimentos feministas, surgidos no início do século XX, que colocaram as mulheres em menor desigualdade em relação aos homens.

Nas roupas o indivíduo pode se reafirmar, porém, de acordo com Crane (2006), o uniforme tem sido usado para impor identidades sociais aos indivíduos. Nesse caso, a roupa pode se tornar uma espécie simbólica de escudo. É necessário que se compare os uniformes de trabalho com as roupas de lazer (da moda), pois traduzem significados completamente diferentes. Esses dois sistemas de vestes são completamente antagônicos, uma vez que as

---

<sup>55</sup> O conceito de controle social tem origem na sociologia americana da segunda década do século 20. Controle social pode ser concebido como um conjunto heterogêneo de recursos materiais e simbólicos disponíveis em uma sociedade para assegurar que os indivíduos se comportem de maneira previsível e de acordo com as regras e preceitos vigentes (CANCIAN, 2011).

roupas da moda possibilitavam o realce do próprio indivíduo, o que não era possível com o uso dos uniformes.

### ***Representações objetais ostentadas pela Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre***

O uniforme, na concepção de vários autores, visou a padronização de um determinado grupo social, classe ou profissão e possuía uma forte presença histórico-social.

Para Bourdieu (2010, p.88), “o seu corpo, em que está inscrita uma história, uma tradição, que ele nunca viu senão encarnada em corpos, ou melhor, nessas vestes «habitadas» por certo *habitus*”. Depreende-se que, para o autor, vestes como o uniforme são capazes de traduzir um ideal, uma identidade coletiva.

Ao fazer parte de uma instituição, o profissional transforma-se em herdeiro de um conjunto simbólico que a identifica, que se ratifica na assertiva de que o uniforme passa a imagem social das diferentes escolas, espalhando os valores destas instituições (SALGUEIRO, 2000).

Em sua obra, Leventon (2009) acompanhou o movimento da moda através dos tempos, estudando detalhadamente o estilo dos vestuários e os acessórios. Comentou acerca dos uniformes militares. Estes uniformes militares, além de terem função de proteção, eram também primordiais para a distinção dos companheiros durante a batalha e era também um símbolo visual da condição ocupada por cada um dos integrantes.

De acordo com Roche (2007), a história dos uniformes esteve fortemente atrelada às organizações militares, e sua origem é recente. O uniforme militar é uma distinção social para aqueles que vestem, bem como para a sociedade que os reconhecem. Dentre suas muitas funções, destacam-se o estabelecimento de distinções hierárquicas, a identificação dos militares em conflito e a imponência de disciplina.

As mulheres que trajam uniforme militar se sentem poderosas, pois esse tipo de uniforme é um símbolo marcante de força e poder, proclamando autoridade e cooperação (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Crane (2006) relatou que ao longo dos tempos a identificação regional ficou menos evidente, uma vez que as roupas ligadas a ocupações específicas foram sendo substituídas por um vestuário característico do tipo de ocupação e por uniformes, determinando a posição ocupada numa organização. Esses trajes são, então, elementos simbólicos.

Na segunda metade do século XIX proliferaram os uniformes para trabalhadores e criados, tornando mais evidente a identificação de membros da classe operária e facilitando sua diferenciação de outras classes sociais. Durante este período puderam ser identificadas três categorias principais de uniformes: uniformes de funcionários públicos (policiais, carteiros, bombeiros e trabalhadores ferroviários), vestuário de trabalho de empregados de negócios privados e uniformes de criados domésticos. Os uniformes de profissionais como médicos e enfermeiros, também estavam inseridos à época, porém não foram descritos pela autora por se tratar de uma categoria adicional e ampla (CRANE, 2006).

Diferentemente dos trajes de trabalho, os uniformes tinham o intuito de distinguir diferentes níveis e graduações de empregados (CRANE, 2006). Desta forma, entende-se que o uniforme é um estilo de roupa pré-determinado, padronizado, diferentemente da roupa de trabalho, que não é idêntica para todos de uma mesma classe. Nesse caso se tem alguns parâmetros a seguir, mas não tão rigorosos. Por exemplo, várias instituições exigem que os enfermeiros atuais utilizem roupas brancas e jalecos, porém, não dita qual é o modelo do jaleco ou o corte da calça a ser utilizado.

Quando os uniformes eram utilizados pelas pessoas com níveis mais altos dentro de uma organização, tomavam conotação honorífica, no entanto, quando usado por empregados com posição mais baixa, representavam uma forma de controle social (CRANE, 2006).

Seguindo o mesmo raciocínio, Lurie (1997) afirmou que o uniforme é uma representação simbólica, situando quem o usa dentro de uma hierarquia. Ele simboliza uma forma extrema de roupa convencional, estando parcial ou totalmente sob censura.

As marcas da posição social que o indivíduo ocupa, os símbolos, as crenças, os gostos, as preferências que caracterizam essa posição social, são incorporadas pelos sujeitos, não necessariamente de forma consciente, tornando-se parte da natureza do próprio indivíduo, constituindo-se num *habitus* (SILVA, 2008, p.95).

Embora nem sempre explicitamente delineado, toda profissão adere um código de vestir. No caso das profissões de assistência, ou seja, àquelas relacionadas com ensino, assistência médica e aconselhamento, o uso de roupas confortáveis é muito importante. Essas roupas devem comunicar ao próximo que ele não vai ser julgado, nem intimidado e nem magoado, devendo passar confiança (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Nesta condução do pensamento, apoiada no referencial teórico em releitura realizada por *expertise* da moda, identificou-se que se trata da cultura da necessidade, entendida como usar roupas práticas, funcionais e duráveis, ao invés de roupas com beleza estética e cheias de estilo, que a classe operaria deveria ostentar em seus corpos (CRANE, 2006).

Observa-se que o uniforme utilizado pela Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre tem inúmeros significados na representação simbólica, encontrando-se correlações fortes com a religião e influência das organizações militares.

A autora Angela McRobbie (1998), seguidora das idéias de Pierre Bourdieu, afirmou que “associar criação de moda à arte é uma forma de conferir significado aos produtos da moda e atrair capital cultural para a profissão” (CRANE, 2006, p.272).

O uso do uniforme é capaz de atrair esse capital cultural, uma vez que é a tradução simbólica da profissão, conseguida pelos profissionais através do conhecimento em seus campos de atuação.

Observa-se que o uniforme utilizado pela Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre tem significado na representação simbólica, pois encontra *nexus* a religião.

Huertas (2007) acredita no uniforme como sendo um instrumento de comunicação de idéias e pensamentos. As configurações e significações do uniforme da enfermeira provêm de uma tradição religiosa, fazendo alusão às monjas.

Existe uma analogia entre o uso do uniforme monástico e feminino com a profissão de enfermagem, onde se cria um sentido de uniformidade que é “claramente aceitado en enfermería tanto por consideraciones de economía y limpieza como por razón de aquella influencia psíquica que mueve al grupo en uniforme hacia una moral aumentada y el abandono del arbitrio personal”<sup>56</sup> (JAMIESON *et al*, 1966, p.201).

O corte militar do uniforme das enfermeiras se traduziu pela participação das enfermeiras na Guerra da Criméia, convertendo o uniforme em um símbolo de hierarquia e não como uma roupa utilizada com concepção de proteção (VELANDIA, 1995).

Santos (2004) acreditava que os uniformes sóbrios usados pelas enfermeiras, escondiam seus corpos, transformando-as em pessoas assexuadas. Além disso, dava a impressão de postura discreta e digna. Esse investimento acerca do corpo das estudantes foi responsável pelo *habitus* de enfermeira, que quando associado a emblemas e rituais promovia a nova figura de mulher profissional.

---

<sup>56</sup> Tradução da autora: “claramente aceito tanto por questão de economia e limpeza como uma razão de influência mental, que move o grupo para um padrão moral e abandono de critérios pessoais”.

Dados da historicidade do uniforme das enfermeiras podem ser transportados para as formandas do curso de Enfermeira-Parteira. Anteriormente comentado no estudo, as vestes das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre e das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira causavam confusão por serem demasiadamente parecidas.

Depreende-se disto que a utilização dos uniformes é uma das estratégias de distinção, que pode ser denominada de distinção hierarquizada. A distinção hierarquizada é uma das formas de representação simbólica, que foi evidenciada nos uniformes das alunas dos Cursos de Enfermeira Voluntária e de Profissional, o qual traduziu a posição que elas exerciam no espaço social da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (NETO, 2011).

Este dado torna-se muito interessante à medida que se tem conhecimento que as parteiras tradicionais se vestiam de preto e não com vestes claras semelhantes às utilizadas pelas enfermeiras.

Observando a imagem abaixo, das formandas da Cruz Vermelha Brasileira, foi possível identificar esses vários elementos semelhantes.



*Fac-símile D:* “O Dia da Enfermeira foi comemorado com a visita ao tumulo de d. Anna Nery, de que se vêem dois aspectos, e com a entrega de diplomas às alumnas que concluíram o curso, da qual publicamos a gravura que se vê ao alto, sob um grupo em que figuram as novas Legionárias da Caridade” (Legenda única) (REVISTA DA SEMANA, 1929, p.29).

A imagem retratada é de 1929, período este inserido dentro das imagens do Hospital Maternidade Pró-Matre analisadas. Percebe-se em relação aos atributos pessoais ostentados pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, a presença de uniforme composto por véu,

gorro com símbolo de cruz na frente, vestido de mangas compridas com cruz no peito, meias e sapatos.

Nos *fac-símiles* analisados das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, tem-se também a presença do uniforme composto por véu embutido, gorro com símbolo de cruz na frente, meias e sapatos. O comprimento das saias também é semelhante, abaixo dos joelhos. A coloração da roupa em ambos é clara, porém não se pode afirmar qual é exatamente a cor por se tratarem de imagens em tons de cinza, porém arriscou-se na assertiva de serem de cor branca.

Elementos diferentes encontrados foram: a manga comprida e a cruz no peito utilizada pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira em contraste com o uniforme usado no Hospital Maternidade Pró-Matre, que tinha mangas curtas e não tinha cruz no peito.

Embora a intuição leve-nos a pensar que, em ambas as instituições, as cruces eram vermelhas, fortes indícios apontaram para que a cruz ostentada pelo Hospital Maternidade Pró-Matre fosse de cor verde. Ao estudar a história da criação dessa instituição, tomou-se conhecimento de que teve influência das Damas da Cruz Verde, fazendo-se pensar que a cruz, então, poderia ser na cor verde e não vermelha, como se poderia imaginar anteriormente.

Compondo o uniforme das formandas no curso de Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre, encontram-se elementos simbólicos como o véu embutido, o gorro, o símbolo da cruz, as mangas curtas da blusa, a gola, a saia abaixo dos joelhos, as meias e os sapatos.

Essas representações objetais demarcavam o lugar da profissão no campo, pois,

representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos - e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras insígnias, etc), ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores (BOURDIEU, 1998, p. 107-108).

Os atributos pessoais ostentados pelas Enfermeiras-Parteiras geram, então, representações mentais das representações objetais no imaginário social.

Para proporcionar correlação com o texto utilizou-se a numeração desses elementos do uniforme no *fac-símile* n.5, já mostrado no capítulo anterior, e reapresentado a seguir. A escolha por essa imagem, em detrimento das demais, se deu por ela permitir a visualização completa de todos os atributos pessoais que compõem o uniforme.



O véu (1) é um elemento simbólico intimamente ligado à religiosidade. A historiadora francesa Michelle Perrot (2007) em seu livro “Minha história das mulheres”, descreve a trajetória desse acessório revelando que ele tem múltiplas significações, civis e religiosas para com Deus, como sinal de dependência, de pudor e de honra.

É também um elemento simbólico de dominação das mulheres e seu corpo, conforme sugerido na seguinte frase “eu te ponho o véu porque tu me pertences” (PERROT, 2007, p.58).

Esse atributo pessoal foi usado como tradição desde a Idade Média, compondo os trajes de mulheres turcas, húngaras e árabes (BECERRIL, DIAZ & MONDRAGÓN, 1999).

De acordo com Buonfilgio (2006) o significado social da palavra véu revela, “em árabe – *hijab* – quer dizer “o que separa duas coisas” e o significado religioso, quando usado



pela noiva, com referência à deusa Vesta<sup>57</sup> da mitologia greco-romana, protetora do lar” (PORTO & SANTOS, 2007, p.69).

Além disso, Santos *et al* (2008) afirmaram que a presença feminina no espaço público era possibilitada e controlada pelo uso do véu, uma vez que a forma de se vestir e de se comportar traduzia a moralidade feminina, sendo objeto de preocupação da Igreja Católica.

Manter a cabeça coberta não era apenas questão de moda. Esse ato demonstrava virtude e honra, como por exemplo, para as mulheres casadas, que escondiam completamente seus cabelos até a segunda metade do século XV (LEVENTON, 2009).

Fischer-Mirkin (2001) em sua interpretação sobre o véu, diz que ele pode ser uma máscara, à medida que oculta a identidade da mulher e a libera da obrigação de ser ela mesma.

De acordo com Lurie (1997) isso está intimamente ligado ao cunho religioso, no uso do véu pelas filhas de Maria da religião católica. Faria (2006) reitera essa forte ligação, à medida que explicita que o véu do templo, ou seja, o véu utilizado por Maria era considerado um símbolo da pureza, só podendo à época ser confeccionado por mulheres virgens.

Há relatos na Bíblia sobre o uso de véu pela mulher. No livro de Gênesis, capítulo 38, versículos 14 e 15, numa passagem sobre Tamar, nora de Judá, foi dito:

Depôs ela então os seus vestidos de viúva, cobriu-se de um véu, e, assim disfarçada, assentou-se à entrada de Enaim, que se encontra no caminho de Tamna, pois via que Sela tinha crescido e não lha tinham dado por mulher. Judá, vendo-a, julgou tratar-se de uma prostituta, porque tinha o rosto coberto (BÍBLIA SAGRADA, 1957, p.87).

O véu, neste momento, tinha a intenção de disfarce e era a ele atrelado um valor negativo, à medida que era utilizado por prostitutas.

Outra passagem bíblica a respeito do véu das mulheres, se faz presente em 1º Coríntios, capítulo 11, versículos 5 e 6:

E toda mulher que ora ou profetiza, não tendo coberta a cabeça, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobre com um véu, então corte o cabelo. Ora, se é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou a cabeça rapada, então que se cubra com um véu (BÍBLIA SAGRADA, 1957, p. 1475).

E continua relatando a respeito do véu nos versículos 13 a 15:

Julgai vós mesmos: é decente que uma mulher reze a Deus sem estar coberta com véu? A própria natureza não vos ensina que é uma desonra para o homem usar cabelo comprido? Ao passo que é glória para a mulher uma longa cabeleira, porque lhe foi dada como um véu (BÍBLIA SAGRADA, 1957, p.1475).

---

<sup>57</sup> Conhecida por Héstia na mitologia grega e por Vesta na mitologia romana. Considerada a Deusa da Honestidade, guardiã do lar (MATOS, 2010).

Aqui, o véu pode ser traduzido como sinal da honra feminina, bem como o cabelo comprido. Nesse sentido, o uso do véu significava a separação entre o santo e o não santo.

O véu era parte do vestuário feminino e do hábito utilizado nos conventos, e simbolizava a humildade, obediência e serviço. Esses valores foram mais tarde atribuídos à profissão de enfermagem por sua raiz feminina (HUERTAS, 2007).

O uso do véu, pela enfermagem, demarcava uma afinidade com a Igreja Católica e com isto uma impregnação da religião na vida civil. O véu era visto como um *instrumento de pudor*, uma vez que atenuava a sensualidade provocada pelos cabelos femininos, conferindo às mulheres uma credencial de decência. O véu era também descrito como *símbolo de dominação das mulheres e de seu corpo*, evidenciando a hierarquia entre os sexos (SANTOS *et al*, 2008 e PERROT, 2007).

Da mesma forma, o uso do véu pelas Enfermeiras-Parteiras tinha estrita relação com o controle da sexualidade. Com o intuito da regulação da sexualidade a Igreja pregava, cada vez mais, a importância da hospitalização, pois assim ficaria muito mais fácil controlar estas mulheres, neste âmbito.

Percebe-se então, que ao véu está atrelada uma gama de significados. No uniforme retratado pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, o véu é embutido ao gorro.

Nos dias atuais ele ainda é utilizado, não mais pelas profissionais parteiras e enfermeiras, mas pelas noivas na cerimônia religiosa de celebração de seus casamentos, pelas freiras e em determinadas culturas orientais.

Sendo assim, infere-se que o uso do véu demarca três pontos principais: construir a imagem da Mãe Santa; o controle do corpo da mulher pelo médico e o controle sexual pela igreja.

No que se refere ao gorro (2), Huertas (2007) expõe que o gorro ou touca é uma modificação do véu, estando atrelado ao início da modernidade para a profissão, se associando à ideia de serviço à humanidade.

Porto (2007b) reitera essa informação dizendo que o gorro era considerado um atributo pessoal, sob interpretação da moda, de transição para a enfermagem moderna.

Para Bourdieu (2008), em relação ao vestuário, desacreditar em antigos princípios de avaliação e produção, faz surgir um novo estilo.

À touca foi atribuída a simbologia da honra, distinção e responsabilidade. Tem o intuito de proteger o cabelo, evitando que caia sobre o campo de trabalho. Geralmente é

colocado nas toucas ou gorros o símbolo distintivo da instituição, fomentando sentimentos de pertencimento e identidade (ROMÁN, 2006).

O gorro facilita o penteado, principalmente para aquelas que usam os cabelos longos (BECERRIL, DIAZ & MONDRAGÓN, 1999).

Esse adereço é impregnado de forte valor simbólico, como nos fala Santos (2004), uma vez que é a representação mística da profissão de enfermeira. Distinguia as enfermeiras das outras mulheres presentes no mesmo cenário, conferindo obrigações e privilégios a suas portadoras.

Um rito recai sobre o simbolismo da touca, o Rito de Imposição da Touca, momento no qual, Porto (2007b) descreve que, cada aspirante passava a ter ostentado em sua cabeça a representação objetal arraigada de valores – a touca. Este momento ritualístico remetia a ideia de que a partir dali se deveria ter comportamento e atitude coerentes para com a profissão. Bourdieu (2004) interpretaria isto como o *efeito do oráculo*, ou seja, o nascimento simbólico de outra pessoa.

Até hoje, embora não seja mais utilizada no campo, a touca com a cruz frontal ainda é o elemento simbólico que identifica a enfermeira, como meio de representar a profissão na mídia. Na época, a ideia que se queria passar era justamente esta – de que a parteira estava se transformando em enfermeira.

Tal fato pode ser explicado através de que, quando um código social é interiorizado tão profundamente, ele acaba sendo traduzido no plano inconsciente (BOURDIEU & DARBEL, 2003).

O símbolo da cruz (3) que aparece centralizado no gorro, na cabeça das formandas, representa uma forma simbólica de comunicação visual.

Percebe-se que várias instituições utilizavam o símbolo da cruz, já que este induz ao significado da prática da caridade e do bem. Além disso, Porto (2007b) comentou que a cruz remete a um sentido religioso, representando Jesus Cristo crucificado e esse símbolo faz lembrar que quem o usa é o católico, podendo ser articulado também ao princípio da compaixão.

A presença da cruz no gorro, ou seja, na cabeça, remete a uma ideologia religiosa, fazendo com que esta representação simbólica entre nos esquemas mentais.

Embora a cor da cruz geralmente remeta aos leitores como sendo vermelha, nem sempre ela o é. A cruz vermelha, representação da Cruz Vermelha Internacional, tem um simbolismo tão forte que induz a isso. Porém, encontram-se uniformes com outras cores de

cruzes conforme destacado por Porto (2007b) em sua tese de doutorado, onde retratou que a cruz na cor azul era marca simbólica da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, sendo associada à psiquiatria quando da implantação da assistência na Colônia de Alienados do Engenho de Dentro.

Com relação aos *fac-símiles* analisados no estudo, não pude afirmar, por serem compostos de tons cinza e por não ter achado até o momento nenhum relato sobre isso, a cor da cruz presente no gorro das formandas do curso de Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre. Sendo assim, infiro que tem grande probabilidade de ser verde, uma vez que a instituição foi criada pelas Damas da Cruz Verde, formada por muitas feministas, representantes importantes do sufrágio feminino no Brasil.

Quanto ao cabelo articulado com os elementos utilizados na cabeça – véu embutido e gorro – esse deveria estar de preferência preso. Em todos os *fac-símiles* analisados as mulheres possuem cabelo curto ou estão com ele preso, pois não foi constatado nenhuma delas com cabelos longos e/ou soltos.

O significado do cabelo foi remontado por Perrot (2007) em sua obra. No século XIX, a mecha de cabelo era considerada uma relíquia e quando era dada a outra pessoa significava que estava dando parte de si para o outro. Raspar a cabeça era tomar posse e torná-lo anônimo. Nesta mesma época, cortar os cabelos significava poupar a mulher da humilhação da raspagem dos seus cabelos. Os cabelos longos representavam o véu e eram tomados como sagrados, tornando as mulheres mais femininas e sedutoras. Isso conotava a ideia de Mãe Santa, ideia de uma imagem própria da obstetrícia.

No campo de trabalho, era importante que o cabelo estivesse dentro do gorro para que não caísse sobre ele (ROMÁN, 2006).

Segundo Guglielmi (2009) a maneira como se penteia o cabelo indica dois tipos de comportamento – abertura ou fechamento. O cabelo solto representa uma pessoa aberta, exuberante, jovem, que ama o desafio e as emoções. O cabelo preso indica sinal de fechamento, reserva, disciplina, controle e velhice. Já os cabelos curtos professam renúncia a uma parte da feminilidade da mulher e disponibilidade.

Pelas próprias representações do cabelo a ideia é de que realmente as mulheres da assistência à saúde utilizassem-no preso, já que o curto simboliza a independência sexual e profissional e o longo, solto, interpreta grande apelo à sensualidade e sexualidade. O cabelo preso puxado para trás incute a ideia de que parte das emoções da pessoa é colocada para trás. Quando está na forma de coque ou rabo de cavalo implica em contenção e reserva

(FISCHER-MIRKIN, 2001). Esses dois últimos penteados são amplamente utilizados por profissionais da enfermagem.

Uma colocação bastante interessante de Fischer-Mirkin (2001) foi sobre a maneira como se usa o cabelo, destacando que ela é capaz de medir os valores sociais das pessoas.

A gola (4) do uniforme das formandas era de formato “V”, com colarinho, com exceção de apenas uma das alunas, fotografada no *fac-símile* n.1, que utiliza uniforme de gola alta ou blusa de gola alta por baixo do uniforme.

Entre os anos de 1550 a 1650, a gola era de grande importância nos vestuários tanto masculinos quanto femininos, se mostrando de tamanhos bem variados, sendo feita de renda ou de linho engomado, oferecendo imponência às vestes. Modelos mais simples de gola surgiram em meados do século XVII (LEVENTON, 2009).

A gola alta conota a preservação da mulher, já a gola que mostra o pescoço e colo, como exemplo da gola “V” utilizada pela grande maioria das alunas, podem despertar a libido já que o pescoço é uma zona bastante erógena, segundo Fischer-Mirkin (2001).

A existência de uma das alunas cobrindo o pescoço pode demonstrar a influência religiosa na vida desta mulher, que poderia ser inclusive uma freira.

A presença de mangas curtas nas blusas (5) foi majoritária nos *fac-símiles* analisados. Apenas uma formanda no *fac-símile* n.2, uma no *fac-símile* n.4 e cinco no *fac-símile* n.8 encontram-se trajadas com mangas compridas.

De acordo com Leventon (2009), ao estudar sobre os trajes femininos no período de 1520 a 1785, as mangas sempre tiveram a função de balancear a silhueta. As mangas são consideradas elementos simbólicos, na história do vestuário, essenciais sobre a datação das roupas. Elas tornaram-se volumosas, combinando com a saia cheia e realçando a linha da cintura ou o torso alongado. Podiam também ser pequenas e estreitas, o que deslocava o foco para a parte de baixo do traje.

Devido ao clima tropical do Rio de Janeiro, acredito que a opção pelas mangas curtas tenha sido mais desejável.

Provavelmente o dia em que a foto foi tirada, retratada através do *fac-símile* n.8, foi um dia mais frio, pois chamou a atenção o fato de cinco das seis formandas estarem com uniformes de blusas de mangas compridas.

Além disso, como explicitado por Porto (2007b) as mangas compridas representavam um confinamento simbólico, o que não era desejoso pela maioria das mulheres à época. Bordieu (2003) destaca que esse confinamento por meio das roupas ocorria, mesmo sem que

as coisas fossem prescritas ou proibidas, como forma de minimizar gestos corporais excessivos.

A saia abaixo dos joelhos (6) pôde ser observada em todas as Enfermeiras-Parteiras diplomadas retratadas nas imagens analisadas.

A saia é uma peça do vestuário utilizada principalmente pelas mulheres. De acordo com os padrões da época e da moda, as saias podem ser compridas ou curtas, volumosas ou justas. Na década de 1920, período pós-guerra, as mulheres desejavam estar na moda, porém não queriam ter seus movimentos tão privados pelas roupas. Nesse contexto surgiu Coco Chanel, que pregava pela funcionalidade das roupas. As saias, então, se tornaram mais curtas e mais retas. Na década de 1930 as saias eram amplas e suntuosas ou no modelo lápis, mas compridas. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, por terem as mulheres que substituir os homens no mercado de trabalho, as saias voltaram a ser mais funcionais, se tornando mais curtas, simples e retas (LAVÉ, 2002).

Melinkoff (1984) apontou que o comprimento das barras das saias era ditado por Paris e geralmente aceito sem questionamento pelo público. Implícitas nessas regras encontram-se normas amplamente aceitas sobre identidade sexual, feminilidade e comportamento (CRANE, 2006).

A presença da meia (7) se deu em todas as formandas. A história da meia é interessante a partir do século XVI. Nesta época, os homens usavam muito mais as meias do que as mulheres, pois até o século XX as mulheres nunca poderiam ter suas pernas à mostra. Nos anos de 1920, em que os vestidos começaram a diminuir um pouco de tamanho e deixar as canelas à mostra, era obrigatório o uso das meias. Inicialmente as meias eram de seda ou de rayon e apenas depois dos anos 1940 começaram a ser produzidas em nylon (SIEWERT, 2010).

Com relação aos sapatos (8), Fischer-Mirkin (2001) aponta que eles podem indicar nível financeiro e social, profissão, sexo, idade e caráter.

À medida que as saias subiram na década de 1920 os sapatos passaram a ser o foco da vestimenta. Cada tipo de sapato tem suas raízes históricas próprias e uma mensagem codificada distinta (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Através das imagens, não foi possível ter certeza, se todas usam sapatos de salto. Os saltos altos estão ligados à sexualidade e provocam forte atração masculina. Os chamados “sapatos sensatos” são a opção de mulheres que não desejam suportar o desconforto, e sim

sentirem-se mais à vontade. Dentre estes se encontram os estilos Oxford, tênis, sapatos de estilo alternativo, *Birkenstocks* e sapatilhas de balé (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Em seu livro “Curso de Enfermeiros”, publicado em 1920, o Dr. Adolpho Possollo<sup>58</sup> descreveu qual sapato seria o ideal para o trabalho. Embora esse livro fosse voltado para enfermeiros, essa regra podia se aplicar com muita propriedade também às parteiras diplomadas. Colocou que os sapatos deveriam ser de cor branca, contraindicando os de salto por causarem má postura e os de bico fino que deformam o pé e não permitem uma marcha firme (PORTO, 2007b).

Vê-se que isso poderia não ser aplicado rigidamente, pelo menos na instituição Hospital Maternidade Pró-Matre, no curso de Enfermeira-Parteira, em que aparece claramente uma das formandas, no *fac-símile* n.5, usando sapato de salto. Porém também a presença do sapato de salto pode ter se dado, somente, por ser uma cerimônia de formatura e não fazer parte do cotidiano das formandas.

Além da análise das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras, através das imagens dos *fac-símiles*, um dado que merece destaque é a cor dos seus uniformes.

Foi possível perceber que todas usavam uniforme com a tonalidade clara, que infiro ser branca, pela própria trajetória das profissões de saúde ligadas à assistência, com exceção da cruz na frente.

Conforme Román (2006), a cor branca é um símbolo de autocuidado, de limpeza, de pureza e de ajuda ao próximo. Além disso, de acordo com Huertas (2006), o uniforme branco é um elemento simbólico de projeção do eu pessoal e do eu profissional.

O uso da indumentária branca traduz pureza, inocência e feminilidade. O branco também carrega consigo um apelo virginal, sendo ele o símbolo da entrega. Há também um aspecto angelical, sendo também considerada a cor de *status*, da virtude e do altruísmo. Devido a sua inocência e clareza, inspira confiança nos outros, e é por esse motivo a opção dos trajes dos profissionais da saúde. (FISCHER-MIRKIN, 2001).

Porém, até o momento não pude confirmar essas inferências, pois não encontrei nenhum documento que descreva o uniforme, e também porque, as imagens, todas em tons de cinza, não permitiram tal visualização.

---

<sup>58</sup> Médico formado pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1892. Chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadávia Corrêa. Docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade do Rio de Janeiro. Ex-capitão médico do Regimento Policial do Estado do Rio de Janeiro (1892-1893). Ex-cirurgião efetivo da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro (1903-1910) (PORTO, 2007b).

Porto (2007b) acredita que os uniformes ostentados pelas alunas tinham forte repercussão para as instituições, uma vez que traziam a marca simbólica destas, traduzindo assim, seus ideais. Por essa razão e pela forte religiosidade associada à profissão, esses uniformes não estavam sempre nos padrões da moda vigente.

Outras representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre, que não fazem parte do uniforme, mas que mereceram apreciação foram o diploma e o relógio de pulso. O diploma se fez presente nos *fac-símiles* n.4, n.5, n.6 e n.8. O relógio de pulso foi encontrado nos *fac-símiles* n.1 e n.6.

Para tanto, com intuito mais uma vez de facilitar a visualização, procedi a numeração desses objetos no *fac-símile* n.6. A opção de escolha por este *fac-símile* se deveu por estarem os dois elementos presentes na mesma imagem.





O diploma (9) é um documento formal, regulamentado por lei e expedido por instituições de ensino. Geralmente é registrado no órgão competente. Ele é fornecido a pessoas que concluem cursos profissionalizantes (MARQUES, 2002).

Para Bourdieu (1998), o diploma é uma representação do capital cultural no estado institucionalizado, uma vez que permite a comparação entre instituições e o reconhecimento destas no mercado de trabalho, proporcionando o posicionamento do profissional no campo. O diploma significa propriedade e reconhecimento do título oficial.

Portanto, a presença do diploma no arranjo fotográfico simboliza uma estratégia de divulgação do capital escolar, ou seja, o capital cultural no estado institucionalizado, adquirido pelas formandas. Ele é, então, uma forma de distinção profissional.

O diploma, neste caso, tinha o propósito também de distanciar as Enfermeiras-Parteiras diplomadas das curiosas. Cabe destacar também que, o peso simbólico do diploma adquirido pelas Enfermeiras-Parteiras era diferente do adquirido pelas enfermeiras.

Quanto ao uso do relógio de pulso (10), penso que nesta época ainda não era um produto acessível para algumas classes sociais, sendo assim, a mulher que se encontra com esse item tem, provavelmente, um poder aquisitivo maior que as demais.

Muito embora o relógio de pulso tenha sido primeiramente desenvolvido em 1814, por encomenda de Carolina Murat, princesa de Nápoles e irmã de Napoleão Bonaparte, a sua invenção só é tardiamente atribuída à empresa Patek-Phillipe, em 1868. E foi a partir daí que o adereço se tornou popular entre as mulheres. No entanto, o relógio de pulso só passou a ser popular entre os homens a partir de 1904, ano em que Santos Dumont necessitou, por razões práticas em sua profissão, do uso deste item. O marco definitivo do uso do relógio de pulso foi na Primeira Guerra Mundial, pois os soldados necessitavam de praticidade para ver as horas (MEDEIROS, 2006). De acordo com Crane (2006), os relógios eram usados como sinal de prosperidade.

A leitura de literaturas sobre moda permitiu a compreensão de que as roupas possuem uma linguagem, um código. Através da observação de como as pessoas se vestem é possível inferir que tipo de pessoa ela é, qual o seu humor, entre outras correlações possíveis.

Além disto, as representações objetivas ostentadas pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre trazem a si atreladas uma gama de significados, conforme exposto:

Quadro demonstrativo n.2: Os significados concretos e simbólicos das representações objetais.

<b>Representações Objetais</b>	<b>Significado Concreto</b>	<b>Significado Simbólico</b>
Véu	Cobrir os cabelos.	Controle da sexualidade, sacralização da mulher, sinal de decência, pudor e honra.
Gorro	Proteger os cabelos.	Honra, distinção e responsabilidade.
Símbolo de Cruz	Religiosidade.	Prática da caridade e do bem.
Gola	Modelagem da roupa.	Desperta a libido quando decotadas e resguardo quando no pescoço.
Manga	Modelagem da roupa.	Quando compridas, indicam confinamento.
Saia	Utilizada quase que exclusivamente pelas mulheres.	Identidade sexual, feminilidade e comportamento.
Meia	Proteção.	Pudor.
Sapato	Proteção.	Nível financeiro e social, profissão e caráter.
Diploma	Formação profissional.	Distinção e prestígio social.
Relógio de pulso	Facilitar ver as horas.	Prosperidade.

Em síntese, o uniforme é um tipo de controle social e de excessos, permitindo a distinção da pessoa que o veste das demais, bem como a distinção de que posição ela ocupa na sociedade. O véu embutido e o gorro com símbolo de cruz na frente são os elementos simbólicos mais fortes e importantes encontrados nos *fac-símiles* analisados, uma vez que trazem consigo inúmeros significados ligados às profissões de saúde.

Decifrar os códigos permite a construção da identidade profissional, facilitando a correlação da imagem pública da parteira e da enfermeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto social, econômico e político que abrangeu o Rio de Janeiro, nos anos de 1928 a 1931, dizem respeito à luta simbólica e demarcação de posições de profissões, como a de Parteira e Enfermeira.

Neste período, ambas as profissões coexistiam e havia a intenção, por parte dos médicos, de que as parteiras também se tornassem enfermeiras, a fim de auxiliá-los em suas tarefas. Percebeu-se com isto a dominação masculina para com o corpo feminino.

A profissão de parteira começou a entrar em declínio em detrimento do surgimento dos cursos de formação de enfermeiras, que estava cada vez mais crescente.

No Hospital Maternidade Pró-Matre existiu, à época, um curso de formação de Enfermeiras-Parteiras. Embora as formandas tenham sido retratadas com diferentes nomenclaturas, como enfermeira, parteira diplomada, enfermeira diplomada e enfermeira especializada; no estudo, optou-se por denominá-las Enfermeiras-Parteiras, pautada no Decreto Federal nº 16.782-A/1925, que revela a existência do Curso de Enfermeira das Maternidades, em que era conferida às alunas a titulação de Enfermeira-Parteira. Este fato demarcou fortemente a transição entre as profissões.

A inauguração do Hospital Maternidade Pró-Matre se deu em 1918, década marcada pela defesa em favor da mulher e da criança. Este hospital, criado pelo médico Fernando Magalhães e por Stella Guerra Durval, e demais senhoras da Associação das Damas da Cruz Verde teve importante atuação aos vitimados pela Gripe Espanhola, ocorrida nesse mesmo ano.

Dentro da delimitação temporal do estudo foram encontrados na Revista da Semana oito *fac-símiles* referentes aos ritos institucionais ligados à formatura das Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre.

A fotografia, como artefato veiculado como *fac-símile* na Revista da Semana, é uma das formas de fazer com que o leitor percebesse, principalmente, naquela época, que a manipulação da imagem carecia de recursos que se tem nos tempos atuais; era a demonstração do testemunho ocular pelos retratados.

O testemunho por meio da linguagem imagética, carregada de aspectos simbólicos no sentido de fazer ver e fazer crer, como evidência do cumprimento filantrópico proposto pela Instituição, em especial, quando no cenário retratado, pessoas da elite fluminense se encontravam presentes.

Os ritos institucionais, apresentados através dos *fac-símiles*, contaram com a presença de agentes sociais de relevo, e as representações objetais encontradas no corpo das Enfermeiras-Parteiras funcionaram como assinaturas imagéticas a fim de mostrar o capital institucionalizado.

As representações objetais nos uniformes ostentados pelas Enfermeiras-Parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre traduziram uma mensagem com os ideais da instituição, reproduzindo, assim, a crença simbólica.

Embora o uniforme utilizado pelas Enfermeiras-Parteiras seguisse algumas tendências da moda, não seguia totalmente a esses conceitos, pois deveriam contemplar sinais de distinção, honra e pudor, passando uma mensagem de caridade e bondade à sociedade. Além disso, a religião tinha forte dominação política e social, pregando a preservação do corpo feminino.

O uniforme é um tipo de controle social e de controle de excessos, permitindo a distinção da pessoa que o veste com as demais, bem como a distinção de que posição ela ocupa na sociedade.

Dentre as representações objetais encontradas estavam: véu embutido, gorro, símbolo de cruz, gola, manga, saia, meia, sapato, diploma e relógio de pulso. O véu embutido e o gorro com símbolo de cruz na frente foram, no entanto, os elementos simbólicos mais fortes e importantes encontrados nos *fac-símiles* analisados, uma vez que trazem consigo inúmeros significados ligados às profissões de saúde.

O véu incute o controle da sexualidade e sacralização da mulher, já o gorro com a cruz na frente induz sinal de responsabilidade.

A cruz na frente ganhou destaque nesse estudo à medida que se infere ser da cor verde. No imaginário popular, quando se olha para uma cruz em um uniforme, logo se pensa ser ela da cor vermelha. Porém, através da pesquisa realizada acerca da história institucional do Hospital Maternidade Pró-Matre, acredita-se que, realmente, a cruz possa ser de cor verde, devido a fundação deste hospital se ter dado pelas Damas da Cruz Verde.

Outro atributo que mereceu destaque foi a presença do diploma nos *fac-símiles*, representando distinção e prestígio social.

Para o embasamento teórico, deste estudo, foram utilizadas algumas noções do sociólogo Pierre Bourdieu: rito institucional, representações objetais, *hexis* corporal e capital cultural.

A discussão com essas noções proporcionou o entendimento de um mundo de dominadores e dominados e o modo como a imagem de uma profissão é construída.

A leitura de literaturas sobre moda permitiu a compreensão de que as roupas possuem uma linguagem, um código. Logo, decifrar os códigos permite a construção da identidade profissional, contribuindo para a correlação da imagem pública da enfermeira com a parteira.

Desta forma, entender a distinção entre ambas, requer investimento intelectual na abordagem histórica, por meio das imagens, que puderam (des)velar alguns aspectos, que se acredita terem sido esclarecedores para a construção do mecanismo da imagem da Enfermeira.

E, por último, mas não menos importante, se destaca que os atributos pessoais ostentados pelas enfermeiras foram também estratégias utilizadas pelas “parteiras”, o que traz indício do sucesso ou aceitação social da mulher no meio público.

Para tanto, para quem não sabe ou, ainda, não teve a oportunidade de ter acesso, destaca-se que mulheres em trajes semelhantes de enfermeiras de sua época, auxiliar de higiene oral, nos consultórios dos dentistas, assim também se trajavam. Mas isso é objeto para outro estudo.

Na atualidade, podemos observar um movimento inverso ao estudado. Na Universidade de São Paulo existe o Curso de Obstetizes, ou seja, um curso voltado, especificamente, para a área de Saúde da Mulher, como, talvez, modelo de Atenção ao Parto e ao Nascimento. Dito de outra maneira, o que observamos é que está havendo uma retomada do parto vaginal, em detrimento das cesarianas, que muitas das vezes são feitas desnecessariamente.

Muitas discussões têm permeado este campo, inclusive no VII Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal, ocorrido em julho de 2011, em Belo Horizonte – Minas Gerais foram discutidas as temáticas de Assistência ao Parto e Nascimento, Parto Domiciliar Planejado, Centro de Parto Normal, entre outras.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Fernando Magalhães: Biografia. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308>>. Acesso em 15 maio 2011.
- ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck *et al.* As parteiras e o cuidado com o nascimento. **Rev. Bras. Enferm.**, v.59, n.5, p.647-651, 2006.
- ALBUQUERQUE, Carlos. Ambíguo retrato. **Jornal O Globo**. Caderno de Ciência. Rio de Janeiro, p.27, jun., 2009.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998a.
- ALMEIDA, Júlia Maria Costa. Bourdieu e a Linguagem. **Rev. Educ. e Ens. – USF**, Bragança Paulista, v.3, n.1, p.67-78, jan./jun., 1998b.
- ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja e a Política no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- ANDRADE, Ana Maria Mauad de Souza. **Sob o signo da imagem**. A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. 340 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 1990.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, p.133-150, 2003.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de; MELO, Ana Virgínia Chaves de. **Capital informacional e construção do poder simbólico: uma proposta epistemológica a partir de Pierre Bourdieu**. Comunicação Oral. VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador, out., 2007.
- ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. **Bispos e Arcebispos da Arquidiocese de Campinas**. 2010. Disponível em: <<http://www.arquidiocesecampinas.com/historia/dom-joaquim/>>. Acesso em 23 de outubro de 2010.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO. **Paróquias**: Centro. 2008. Disponível em: <<http://www.arquidiocese.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=278>>. Acesso em 03 de julho de 2011.
- BARNARD, Malcom. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARREIRA, Ieda de Alencar. Os Primórdios da Enfermagem Moderna no Brasil. **Escola Anna Nery Rev. de Enfermagem**, ano 1, nº de lançamento, p.161-176, jul., 1997.

BECERRIL, L.C.; DIAS, M.M.; MONDRAGÓN, N.C. **La cofia**: símbolo de identidade de las enfermeiras? México. Colegio de Profesionales de la Enfermería del Estado de México, 1999.

BERTONI, Estêvão. Maria Lúcia Mott (1948-2011) – Cuca Mott, historiadora e escritora. **Jornal Folha Online**, jul., 2011. Disponível em: <  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/937259-maria-lucia-mott-1948-2011---cuca-mott-historiadora-e-escritora.shtml>> Acesso em 12 jul. 2011.

BEZERRA, Maria Regina Marques; ARAÚJO, Luciana Marques; OLIVEIRA, Sonô Taira. **Análise do texto fotográfico**. Curso de Extensão Pré-evento. 4ª Jornada Nacional de história da enfermagem – Nuphebras, Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. 108.ed. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda., 1957.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas** – o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Produção da Crença** – contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zoouk, 3.ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte** – os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Zouk, 2003.

BRASIL. Decreto nº 3.902 de 12 de janeiro de 1901. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1901**, Rio de Janeiro, v.I, Imprensa Nacional, 1902.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 16.782-A de 13 de janeiro de 1925. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1925**, Rio de Janeiro, v.II – Actos do Poder Executivo, Imprensa Nacional, jan.-dez.,1926.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 20.865 de 28 de dezembro de 1931. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1931**, Rio de Janeiro, v.IV – Atos do Govêrno Provisorio, Imprensa Nacional, dez.,1932.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional da Criança. **Associações de Proteção à Maternidade e à Infância**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 3.ed. 1944. 34p.

BRASIL. **Lei número 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.** Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e da outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 de fevereiro de 1998. Disponível em: <[http://www.mct.gov.br/legis/leis/9610\\_98htm](http://www.mct.gov.br/legis/leis/9610_98htm)>. Acesso em 25 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Universidade Federal do Rio de Janeiro – Maternidade Escola Rio de Janeiro.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/humat.pdf>>. Acesso em 12 de jul. 2011.

CANCIAN, Renato. **Controle social:** poder de regulação da sociedade é limitado. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/sociologia/control-social.jhtm>>. Acesso em 20 de ago. 2011.

CARON, Caroline Freiberger. **A influência da moda na ditadura da beleza feminina.** Colóquio Internacional Gêneros, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Santa Catarina, 2009.

COBRA, Rubem Queiroz. **Beijo na mão.** 2006. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/bmp-beijamao.html>>. Acesso em 17 de ago. 2011.

COSTA, Clovis Corrêa da. Inquerito clínico sobre a mortalidade no Rio de Janeiro; meios de corrigil-a. **Archivos de Hygiene,** Departamento Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, anno IV, n.1, p.141-195, jan., 1930.

COURY, Amanda Ferreira. **Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Enfrentamento da Gripe Espanhola (1918).** 2010. 126p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

COURY, Amanda Ferreira *et al.* Enfermagem Materno-Infantil. In: SILVA, Carlos Roberto Lyra da *et al.* **Quimo nos Concursos:** auxiliar/técnico de enfermagem. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2011.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social:** classe, gênero e identidade das roupas. 2.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DEBALD, Blasius Silvano. A relação da Igreja Católica com o Estado brasileiro – 1889-1960. **Pleiade,** Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p.51-61, jan./jun., 2007.

FARIA, Jacir de Freitas. **Simbologias de Maria e Jesus nos Apócrifos e na Torá.** VIII Ciclos de Estudos da Religião: Cristianismo: Ritos e Representações, 2006. Disponível em: <[http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/frei\\_jacir\\_de\\_freitas.pdf](http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/frei_jacir_de_freitas.pdf)>. Acesso em 17 out. 2010.

FARIA, Lina. **Saúde e Política:** a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 6.ed. São Paulo: USP/FDE, 1999.

FISCHER-MIRKIN, Toby. **O código do vestir:** os significados ocultos da roupa feminina. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.



FLOR (simbologia). Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$flor-\(simbologia\)](http://www.infopedia.pt/$flor-(simbologia))>. Acesso em 27 de out. 2010.

FOLHA ONLINE. Direito de voto feminino completa 76 anos no Brasil; saiba mais sobre essa conquista. **Jornal Folha Online**, fev., 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u367001.shtml>> Acesso em 17 out. 2010.

FONSECA, Antônio Luís. **Washington Luís: 1897-1920**. São Paulo: Editora Pocaí & Cia, 1920.

FONSECA, Elaine Franco Ribeiro. Métodos Contraceptivos. In: PORTO, Fernando *et al.* **Atenção à Saúde da Mulher: história, aspectos legais e cuidado**, Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2011.

FONSECA, Elaine Franco Ribeiro; PORTO, Fernando. *Fac-símile* na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: inauguração da capela da Pró-Matre. **Rev. Pesq. Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.1495-1505, out./dez., 2010.

FONTENELLE, J. P. Comentário Médico-Higiênico sobre Epidemia de Influenza Maligna. **Revista Saúde**, n.3, p.48, 1919.

FRANCISCHETT, Leandra. Submissão x independência: a ambivalência da imagem feminina nas fotorreportagens de *O Cruzeiro*. **História, imagens e narrativas**, Rio de Janeiro, ano 3, n.7, p.01-23, set./out., 2008.

FREIRE, Mary Ann Menezes *et al.* As diretrizes do Relatório Goldmark para o organização de um grupo subsidiário de enfermagem (1919-1923). **Cultura de los Cuidados**, ano XI, n.22, p.40-49, 2º semestre, 2007.

GALLEGO-CAMINERO, Gloria *et al.* Las parteras y/o comadronas del siglo XVI: El manual de Damiá Carbó. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, ano 14, n.4, p.601-607, out./dez., 2005.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Administração Pedro Ernesto**: Rio de Janeiro: 1931-1936. 1988. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1988.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Memória jurisprudencial**: Ministro Carlos Maximiliano. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2010.

GOMES, Tatiana de Oliveira; ALMEIDA FILHO, Antônio José de; BAPTISTA, Suely de Souza. Enfermeiras-religiosas na luta por espaço no campo da enfermagem. **Rev Bras Enferm**, v.58, n.3, p.361-366, maio/jun., 2005.

GOULART, Adriana da Costa. Revisando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.12, n.1, jan./abr., 2005.

GUGLIELMI, Anna. **A linguagem secreta do corpo**: a comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. **Estudos Avançados**, v.22, n.62, p.145-159, 2008.

HUERTAS, Mayra Solanye Galindo. Pervivências e resistências históricas em la resignificación del uniforme de Enfermería. **Biblioteca Lascassas**, n.3, v.1, 2007. Disponível em: <<http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0205.php>>. Acesso em 31 de outubro de 2010.

JAMIESON, Fabiola *et al.* **Historia de la enfermeira**. 6.ed. México: Editorial Interamericana, 1966.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

JORGE, Dilce Rizzo. **Evolução da Legislação Federal do Ensino e do Exercício profissional da Obstetriz (parteira) no Brasil**. 1975. 226p. Tese ( Livre-docência) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975.

JORNAL DO BRASIL. Galeria Nacional: Jose' Clemente Pereira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XL, n.198, 19/08/1930, capa.

JORNAL DO COMMERCIO. A Influenza. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 92, n. 292, 1918, p.2-3.

KOIFMAN, Fábio (org.). **Presidentes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2001.

LAVER, James. **A Roupas e a Moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A imagem através das palavras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.38, n.9, p.1483-1495, 1986.

LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth**. São Paulo: Publifolha, 2009.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de literatura portuguesa e brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1969.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LUZ, Madel Therezinha. **As instituições médicas no Brasil: instituição e estratégia de hegemonia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MARQUES, Daniel Walker Almeida. **O Livro das Diferenças**. 2002. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/ex.hp?cod=13882&cat=Artigos&vinda=SC3%A0-cria%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/movimento-da-cruz-vermelha-e-a-cruz-vermelha-brasileira/A-Cruz-Vermelha-Brasileira.html>>. Acessado em 19 jul. 2010.

MATOS, Fernando de Carvalho. **Mitologia Grega**. Disponível em:  
<<http://www.coladaweb.com/mitologia/mitologia-grega>>. Acesso em 16 nov. 2010.

MEDEIROS, Alexandre. **Santos Dumont e a Física do Cotidiano**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.

MEDEIROS, Marcelo; TIPPLE, Ana Clara Ferreira Veiga; MUNARI, Denize Bouttelet. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v.1, n.1, out./dez., 1999. Disponível em:  
<<http://www.fen.ufg.br/revista>>. Acesso em 01 nov. 2008.

MIRANDA, Antônio. **Ana Amélia (1896-1971)**. Disponível em:  
<[http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/ana\\_amelia.html](http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/ana_amelia.html)>. Acesso em 20 set. 2010.

MODERNO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO. 27.ed. Curitiba: Editora Educacional Brasileira S.A, 1988.

MOTT, Maria Lúcia Barros. A parteira ignorante: um erro de diagnóstico médico? **Estudos Feministas**, ano 7, 1º e 2º semestres, p.25-36, 1999a.

MOTT, Maria Lúcia Barros. O curso de partos: deve ou não haver parteiras? **Cadernos de Pesquisa**, n.108, p.133-160, nov.1999b.

\_\_\_\_\_. Fiscalização e formação das parteiras em São Paulo (1880-1920). **Rev. Enferm. USP**. São Paulo, v.35, n.1, 2001. Disponível em:  
<<http://www.ee.usp.br/REEUSP/upload/html/563/body/v35n1a07.htm>>. Acesso em 02 nov. 2008.

MOTT, Maria Lúcia Barros; TSUNECHIRO, Maria Alice. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil. **Rev. Bras Enferm**, v.55, n.5, p.592-599, set-out., 2002.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil: Fotojornalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Desiderata, 2005.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Galeria Virtual: Caricaturas de Rian**. Disponível em: <  
<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>>. Acesso em 18 nov. 2010.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A propósito dos 80 anos de uma reforma: Atílio Vivaqua e o escotismo escolar no Espírito Santo III**. 2009. Disponível em:  
<[http://jorge.carvalho.zip.net/arch2009-03-01\\_2009-03-07.html](http://jorge.carvalho.zip.net/arch2009-03-01_2009-03-07.html)>. Acesso em 20 set. 2010.

NETO, Mercedes de Oliveira. **A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)**. 2011. 125p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NOGUEIRA, Natania. **Jerônima Mesquita e a luta pelos direitos da mulher**. 2009. Disponível em: <<http://historiadoensino.blogspot.com/2009/07/jeronima-mesquita-e-luta-pelos-direitos.html>>. Acesso em 20 set. 2010.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil (4)**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997. p.482-509.

\_\_\_\_\_. Direitos, cidadania das mulheres e religião. **Tempo social**, São Paulo, v.20, n.2, p.67-81, nov., 2008.

OSAWA, Ruth Hitomi. **Assistência ao parto no Brasil: o lugar do não médico**. 1997. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

OSAWA, Ruth Hitomi; RIESCO, Maria Luiza Gonzales; TSUNECHIRO, Maria Alice. Parteiras-enfermeiras e Enfermeiras-parteiras: a interface de profissões afins, porém distintas. **Rev. Bras Enferm**, v.59, n.5, p.699-702, set./out., 2006.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Palavras, intenções e gestos: os interesses profissionais da elite médica: Congresso Nacional dos Práticos (1922)**. 1997. Tese de Doutorado – IMS – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica Visual – os percursos do olhar**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PIMENTEL, Elam de Almeida. **Nossa Senhora do Bom Parto: Protetora das gestantes – novena e ladainha**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PORTO, Fernando. A imprensa escrita como fonte de pesquisa para Enfermagem. **Rev. Enfermagem Brasil**. Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.172-178, maio/jun., 2007a.

\_\_\_\_\_. **Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)**. 2007. 189p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (1935-1956)**. [Relatório de Pós-doutorado]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2009.

PORTO, Fernando; CARDOSO, Thereza Christina dos Santos Figueira. A luta das parteiras diplomadas pela prática da obstetrícia no Rio de Janeiro (Brasil). **Enfermería Global**. Universidad de Murcia, n.15, p.01-06, fev., 2009.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da Cruz Vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial (1917-1918). **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.8, n.2, p.273-281, 2006. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_2/v8n2a12.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a12.htm)>. Acesso em 30 out. 2008.

\_\_\_\_\_. A Enfermeira Brasileira na Mira do *Click* Fotográfico. In: PORTO, Fernando, AMORIM, Wellington (org.). **História da Enfermagem Brasileira: lutas, ritos e emblemas**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

PÔRTO, Ângela *et al* (org.). **História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

PROGIANTI, Jane Márcia. **Parteiras, médicos e enfermeiras: a disputada arte de partejar** (Rio de Janeiro - 1934/1951). 2001. 161p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PRO MATRE. Estatutos. Proteção à Mulher desamparada e infância desvalida. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 1948.

REVISTA DA SEMANA. Nosso Aniversário. **Revista da Semana**, v. 21, n.01, 07/02/1920, capa.

\_\_\_\_\_. Índice anual da Revista da Semana ano de 1922. **Revista da Semana**, v.24, n.02, 06/01/1923, p. 31-32.

\_\_\_\_\_. Inauguração da Capella da Pro-Matre. **Revista da Semana**, v.23, n.50, 08/12/1923, p.30.

\_\_\_\_\_. Noticias e Commentarios. **Revista da Semana**, v.29, n.25, 09/06/1928, p.28.

\_\_\_\_\_. Pró-Matre. **Revista da Semana**, v.30, n.16, 04/04/1929, p.22.

\_\_\_\_\_. O Dia da Enfermeira. **Revista da Semana**, v.30, n.23, 25/05/1929, p.29.

\_\_\_\_\_. Pró-Matre. **Revista da Semana**, v.32, n.07, 31/01/1931, p.29.

\_\_\_\_\_. Encerramento de Cursos na Pró-Matre. **Revista da Semana**, v.32, n.52, 12/12/1931, p.18.

RIESCO, Maria Luiza Gonzales; TSUNECHIRO, Maria Alice; BONADIO, Isabel Cristina. Obstetrix e Enfermeira Obstétrica: revendo sua formação. **Acta Paulista Enf.** São Paulo, v.13, n. especial, parte II, p.212-216, 2000.

RIESCO, Maria Luiza Gonzales; TSUNECHIRO, Maria Alice. Formação profissional de obstetrixes e enfermeiras obstétricas: velhos problemas ou novas possibilidades? **Revista Estudos Feministas**, ano 10, 2ºsem., 2002.

ROCHA, Luana Bezerra da; BARREIRA, Ieda de Alencar. A enfermagem e a condição feminina: figuras-tipo de mulheres no Estado Novo. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.195-210, ago., 2002.

ROCHE, Daniel. **Cultura das aparências** – uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora SENAC, 2007.

ROHDEN, Fabíola. Histórias e tensões em torno da medicalização da reprodução. **Gênero**, Niterói, v.6, n.01, p.213-224, 1º sem., 2006.

ROMÁN, Carlos Agustín León. El uniforme y su influencia em la imagen social. **Rev Cubana Enfermer**, v.22, n.1, p.1-6, 2006.

SALGUEIRO, Nídia. O Vestuário do Pessoal de Enfermagem (II): O Domínio do Branco. **Referência**, n.5, nov., 2000.

SALMON, Pierre. **História e Crítica**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SANTOS, Julio Cesar Ferreira. As questões de limites interestaduais do Brasil: transição política e instabilidade do território nacional na Primeira República (1889-1930) – o caso do Contestado. **Scripta Nova. Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**. Barcelona, n.218, v.X, ago., 2006.

SANTOS, Tânia Cristina Franco. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. **Esc Anna Nery R. Enferm.** Rio de Janeiro, n.8, v.1, p.81-86, abr., 2004.

SANTOS, Tânia Cristina Franco *et al.* Modelos de Enfermeiras nas Ditaduras de Vargas e de Franco: femininas, caridosas e patrióticas. **Ex æquo**, n.18, p.135-145, 2008.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHUMAHER, Schuma. **Um Rio de Mulheres: a participação das fluminenses na história do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: REDEH, 2003. Disponível em: <[http://www.mulher500.org.br/publicacoes/pdfs/publicacao\\_rio\\_de\\_mulheres.pdf](http://www.mulher500.org.br/publicacoes/pdfs/publicacao_rio_de_mulheres.pdf)>. Acesso em 20 set., 2010.

SIEWERT, Ana. **História da Meia-calça**. 09 abr., 2010. Disponível em: <<http://modasuacara.blogspot.com/2010/03/historia.html>>. Acesso em 01 nov., 2010.

SILVA, Carlos Roberto Lyra da *et al.* Ética e Enfermagem. In: SILVA, Carlos Roberto Lyra da *et al.* **Quimo nos Concursos: auxiliar/técnico de enfermagem**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2011.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação** – o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Maria Aparecida de Souza. A utilização do conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu para a compreensão da formação docente. **Revista Extra-Classe**, n.1, v.2, ago., 2008.

SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano. **A profissionalização da enfermagem nos Estados Unidos da América do Norte: a proposta educativa do Relatório Goldmark, 1923.** 2003. Tese (Relatório de Pós-doutorado) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Cadeira 5 – Luiz Pedro Barbosa (1870-1949).** Disponível em: <[http://www.sbp.com.br/show\\_item.cfm?id\\_categoria=74&id\\_detalhe=1277&tipo=D](http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1277&tipo=D)>. Acesso em 02 nov., 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TABOADA, Gisele; NERY, João Elias; MARINHO, Maria Gabriela. A Revista da Semana em Perspectiva. **THESIS**, São Paulo, ano I, v.2, 2º semestre, p. 18-31, 2004.

TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História.** Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A Pesquisa Qualitativa na Educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

TUOTO, Elvio Armando. **Arnaldo de Moraes (1893-1961).** 17 jun., 2006. Disponível em: <<http://medbiography.blogspot.com/2006/06/arnaldo-de-moraes-incl-foto-photo.html>>. Acesso em 15 nov., 2010.

VELANDIA, Ana Luisa. **Historia de la Enfermería em Colombia.** Colombia: Ediciones de la Universidad Nacional de Colombia, 1995.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal.** 66.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WEISSHEIMER, Marco. **O legado crítico de Pierre Bourdieu.** Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu02.htm>>. Acesso em 03 nov., 2008.

ZIRBEL, Ilze. **O fim de uma prática e o início de outra: substituindo parteiras por um sistema médico-hospitalar.** Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/zirbel>>. Acesso em 29 out., 2008.

## **ANEXO 1**

### **MATRIZ DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA**

#### **1 - Dados de Identificação**

- Local do acervo:
- Nome da revista ilustrada:
- Ano de publicação:
- Número do exemplar:
- Página que se encontra a imagem fotográfica:
- Data da publicação do exemplar da revista:
- Título ou manchete que acompanha a fotografia:

#### **2- Dados para o Plano de Expressão**

- Crédito da imagem fotográfica:
- Relação texto Imagem:
- Legenda:
- Resumo do texto:
- Tipo de foto:
- Formato:
- Plano:
- Sentido:
- Localização da imagem na página:

#### **3 -Dados para o Plano de Conteúdo**

- Local retratado:
- Fundo:
- Pessoas retratadas:
- Tema da imagem retratada:
- Atributos:
  - \* Pessoas:
  - \* Paisagem:

#### **4- Dados Complementares obtidos de outra imagem fotográfica**

- Origem da informação:
- Informação complementar:

Fonte: PORTO & SANTOS (2007)